



UNILASALLE
CENTRO UNIVERSITÁRIO LA SALLE



HELEN ROSE FLORES DE FLORES

**A PESQUISA E AS REDES DE COLABORAÇÃO SOBRE JUVENTUDES NOS
PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
NA REGIÃO SUL DO BRASIL**

CANOAS, 2016

HELEN ROSE FLORES DE FLORES

**A PESQUISA E AS REDES DE COLABORAÇÃO SOBRE JUVENTUDES NOS
PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
NA REGIÃO SUL DO BRASIL**

Dissertação submetida ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU) do Centro Universitário La Salle como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Professor Doutor Cleber Gibbon Ratto

CANOAS, 2016

HELEN ROSE FLORES DE FLORES

**A PESQUISA E AS REDES DE COLABORAÇÃO SOBRE JUVENTUDES NOS
PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO NA REGIÃO SUL DO
BRASIL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação do Centro Universitário La Salle – UNILASALLE, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação.

Linha de pesquisa: **Culturas, Linguagens e Tecnologias na Educação**

Aprovado pela banca examinadora em 31 de março de 2016.

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Dr. Cleber Gibbon Ratto - UNILASALLE
(Orientador e Presidente da Banca)

Prof^a. Dr^a. Miriam Pires Corrêa de Lacerda - PUCRS

Prof^a. Dr^a. Patrícia Kayser Vargas Mangan - UNILASALLE

Prof^a. Dr^a. Elaine Conte - UNILASALLE

AGRADECIMENTOS

A minha família, irmãs e sobrinhos, que acompanharam e incentivaram a realização deste curso.

Ao Professor Doutor Cleber Gibbon Ratto, meu orientador, que comprou a ideia de um estudo bibliométrico e com intervenções precisas colaborou em todo o caminho.

As Professoras Doutoras Elaine Conte e Miriam Pires Corrêa de Lacerda que participaram da Banca da Qualificação, pelas valiosas sugestões que enriqueceram o estudo.

A todos os meus professores no curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação do UNILASALLE, pela acolhida generosa e por terem ampliado minha compreensão sobre Educação.

Aos colegas do curso de Mestrado por terem dividido as dúvidas e colaborado nas discussões.

"(...) Todo amanhã se cria num ontem, através de um hoje (...). Temos de saber o que fomos, para saber o que seremos."

"O diálogo cria base para colaboração."

Paulo Freire

RESUMO

O aumento da demanda informacional agregado ao planejamento que nos últimos 40 anos melhorou a qualidade dos programas de pós-graduação no país levou a uma conseqüente evolução dos profissionais oriundos destes programas e de suas pesquisas. A partir de uma produção qualificada e de maior volume surge a possibilidade e a necessidade de criar mecanismos que possam avaliar a evolução do campo científico. Diversas métricas podem ser utilizadas para quantificar e mensurar a produção do conhecimento, dentro de uma lógica do pensar computadorizado que quantifica dados e identifica padrões, entre elas selecionamos a bibliometria e sociometria. O trabalho justifica-se pela ausência de estudos métricos na área de Educação que enfoquem especificamente as Juventudes, em teses e dissertações produzidas nos programas de pós-graduação localizados na região sul do Brasil. Tem por objetivo contribuir para a cartografia sobre a Educação no Brasil, além de identificar o que está sendo pesquisado, analisar indicadores bibliométricos e refletir sobre a distribuição dos temas na região. Este estudo terá caráter exploratório e dissertativo, pois pretende aprofundar o conhecimento da realidade a partir do universo expresso nas teses e dissertações constantes em catálogos e repositórios das instituições onde estão localizados os programas, durante o período de 2010 a 2014. Foi possível identificar padrões dentro da produção científica de teses e dissertações, como por exemplo, as principais temáticas abordadas, palavras-chaves mais utilizadas, e evolução do número de estudos desenvolvidos. Dados quantitativos com relação a tipo de trabalhos, instituições de ensino superior, ano de defesa e orientadores envolvidos – a partir dos quais mapeamos as redes de colaboração na região também foram levantados. Ao traçar um panorama geral do atual estágio de desenvolvimento da pesquisa em Educação sobre juventudes esperamos contribuir com estudos posteriores, bem como promover revisões da área.

Palavras-chave: Pós-Graduação; Juventudes; Produção científica; Colaboração acadêmica; Brasil : Região Sul.

ABSTRACT

The increase that aggregate informational demand planning in the past 40 years has improved the quality of graduate programs in the country led to a consequent development of professionals from these programs and their research. From a qualified production and higher volume comes the possibility and the need to create mechanisms to assess the evolution of the scientific field. Several metrics can be used to quantify and measure the production of knowledge, within a logic of computerized think that quantifies data and identifies patterns, including selected bibliometrics and sociometry. The work is justified by the absence of metrical studies in the field of education that specifically focus on the Youth in theses and dissertations produced in graduate programs located in southern Brazil. It aims to contribute to the mapping on Education in Brazil, and to identify what is being researched, analyze bibliometric indicators and reflect on the distribution of issues in the region. This study will have exploratory and argumentative character, it aims to deepen the knowledge of reality from the universe expressed in theses and dissertations contained in catalogs and repositories of the institutions where the programs are located, during the period 2010 to 2014. It was possible to identify patterns within the scientific production of theses and dissertations, such as the main themes addressed, keywords most used, and changes in the number of studies conducted. Quantative data regarding type of work, higher education institutions, year of the defense and supervisors involved – from which we tracked the collaborative networks in the region were also collected. By tracing an overview of the current research stage of development in Education on youths we hope to contribute to further studies, and promote the area reviews.

Keywords: Postgraduate studies; Youths; Scientific production; Academic collaboration; Brazil : South Region

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 DEMARCAÇÃO DO PROBLEMA	11
3 MARCO TEÓRICO PRELIMINAR	15
3.1 Pós-Graduação no Brasil.....	15
3.2 Estudos Bibliométricos	27
3.3 Pesquisas sobre Juventudes no Brasil	38
4 APRESENTAÇÃO DOS PRINCIPAIS ACHADOS	48
4.1 Instituições e Programas de Pós-Graduação	48
4.2 Teses e Dissertações Mapeadas	50
4.3 Emergências Temáticas	52
4.4 Pesquisadores e Grupos	53
5 INTEPRETAÇÃO E DISCUSSÃO	58
5.1 Pós-Graduação: tensões entre expansão e qualidade?	58
5.2 Pesquisa sobre juventudes: consolidação de um campo?	62
5.3 Colaborar e cooperar no campo científico: até que ponto?	66
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
BIBLIOGRAFIA	76
APÊNDICE A - Relação dos Programas Acadêmicos de Pós-Graduação em Educação localizados na Região Sul	85
APÊNDICE B - Relação dos documentos examinados	88
APÊNDICE C - Relação de palavras-chave escolhidas pelos autores dos documentos examinados	111
APÊNDICE D - Relação dos orientadores	133
APÊNDICE E - Relação dos docentes com 3 ou mais orientações e linhas de pesquisa correspondentes	138

1 INTRODUÇÃO

A visibilidade acadêmica pessoal e institucional tem sido muito discutida na literatura de todas as áreas, das humanidades às biomédicas e exatas. Esta discussão além de resultar no desenvolvimento de índices que propõe o estabelecimento de parâmetros de valorização da produção do pesquisador e de visibilidade do mesmo e de sua instituição de afiliação levou estas mesmas instituições a se preocuparem não somente com a divulgação de sua produção, mas com a disponibilidade de teses e dissertações de forma a torná-las acessíveis a um maior número de pessoas.

A criação da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia (IBICT) e do Banco de Teses da CAPES, bem como a adesão cada vez maior de instituições que contribuem para o fortalecimento destes produtos nos últimos anos, evidenciam a importância dos mesmos para o desenvolvimento das ciências. Somadas a estas iniciativas que produzem bases de dados coletivas temos iniciativas individuais das instituições produtoras de conhecimento como a criação de Bibliotecas Digitais, que armazenam e disponibilizam de forma organizada as teses e dissertações defendidas em seus programas e os Repositórios Institucionais que agregam outros tipos de documentos que compõe a produção de seus afiliados.

Todos estes produtos permitem aos pesquisadores e estudantes uma visão ampla sobre o que está sendo publicado em suas áreas, caminhos percorridos por seus antecessores e tendências a serem exploradas. Além dos documentos primários (teses, dissertações, artigos e monografias em geral) temos uma segunda categoria de estudos, que tratam da análise destes documentos primários, são estudos bibliométricos e têm sido desenvolvidos com várias metodologias, aplicadas e desenvolvidas para aprimorá-los. Mostafa e Máximo (2003) conceituam bibliometria como uma área que possibilita verificar e medir a própria ciência que ancorada no pressuposto da cumulatividade/dispersão, pode levar a desdobramentos socioculturais ao referir-se à produção científica como uma produção cultural. Embora estudos bibliométricos partam de bases quantitativas têm surgido possibilidades de sua aplicação em estudos qualitativos a partir da apropriação de conceitos oriundos das ciências sociais, cartografia e teoria das redes, por exemplo. Uma etapa fundamental deste tipo de pesquisa diz respeito a

seleção do corpus textual a ser analisado, sua qualidade e adequação ao tema que será estudado.

Visando colaborar com as iniciativas que objetivam criar estímulos para cartografia da produção sobre Educação, a proposta deste projeto foi mapear a produção de conhecimento sobre juventudes produzida nos programas de pós-graduação na área localizados na região sul do Brasil no período de 2010 a 2014, traçando um perfil da produção do conhecimento sobre a população jovem identificada como tendo de 15 a 29 anos, a partir da aprovação da Proposta de Emenda Constitucional 65, conhecida como PEC da Juventude, em julho de 2010. Tal emenda garantiu a inserção oficial desta fase da vida no capítulo dos Direitos e Garantias Fundamentais da Constituição Federal. Yonekura (2010) ressalta que há várias juventudes que embora tenham em comum a condição geracional, acabam por vivenciá-la de diferentes formas de acordo com a inserção de suas famílias na produção e no consumo. E além disto, identificar possíveis redes de colaboração da qual participem os orientadores dos trabalhos analisados e mapea-las, a fim de possibilitar uma visão abrangente de como estão distribuídas na Região Sul do país e se existem ou não ramificações que as liguem grupos organizados em outros Estados do Brasil.

Nossa busca levou-nos a identificar os atores (pesquisadores) envolvidos com o tema, as palavras ou expressões que representam este conceito, bem como os aspectos tratados.

Segundo Sposito (2009) as dificuldades encontradas neste tipo de estudo referem-se ao tratamento dos dados, ou seja, a forma como os mesmos se apresentavam, e as possibilidades de busca disponíveis, resultado do envio nem sempre regular e da coleta não exaustiva dos dados por parte das instituições produtoras, bem como o uso de diversos termos para representar o mesmo conceito.

No decorrer deste trabalho discutiremos a pós-graduação em educação na região sul do Brasil, as Juventudes, os estudos bibliométricos e das redes de colaboração na área, para estabelecer um olhar panorâmico sobre as questões que envolvem a produção do conhecimento sobre juventudes nos programas de pós-graduação da região sul do Brasil.

Este estudo pretende contribuir para a cartografia da produção científica na área da educação, a partir do mapeamento da produção do conhecimento sobre a

parcela da população que compreende juventudes escolhida como objeto de estudos por parte de pesquisadores em Educação vinculados a instituições localizadas nos estados da região sul do Brasil (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), durante o período de tempo correspondente a 2010 até 2014.

2 DEMARCAÇÃO DO PROBLEMA

Como Bibliotecária tenho trabalhado nos últimos 20 anos em uma instituição educacional de nível superior. Entre outras atividades tenho me dedicado ao registro da produção intelectual dos docentes da área de Medicina, motivo pelo qual durante o Curso de Especialização pude aplicar minha experiência ao mapear a produção de um grupo de docentes de Medicina Social.

Quando comecei a trabalhar em uma Biblioteca da área da saúde me deparei com uma limitação inicial com relação a terminologia ao lidar com uma área especializada. Meu desconhecimento sobre os temas tratados, e naquele momento a análise da literatura foi o caminho encontrado por mim para conhecer a área e a terminologia usada.

As questões educacionais sempre estiveram presentes durante minha trajetória, e embora inicialmente tenha figurado como elemento periférico, com a evolução do papel das Bibliotecas na Universidade e o entendimento de sua importância na formação dos futuros profissionais, principalmente devido a quantidade de informação disponível quando decidi fazer o Mestrado e a área de Educação me pareceu a opção mais coerente.

Já a escolha da juventude como faixa da população de interesse se originou de duas fontes, a primeira diz respeito a minha experiência profissional, pois é com esta população que mantenho contato direto, jovens estudantes universitários e a segunda o interesse do tema e sua inserção no grupo de pesquisa “Cultura Contemporânea, Sociabilidades e Práticas Educativas” do CNPQ liderado por meu orientador.

Este estudo documental buscou compreender como se encontra a produção e as possíveis redes de colaboração sobre juventudes na Região Sul do Brasil, considerando o universo dos Programas de Pós-Graduação em Educação.

A primeira etapa partiu da identificação das Instituições de Ensino Superior envolvidas e com programas acadêmicos localizados nos Estados localizados na região sul do Brasil, este levantamento foi feito a partir dos dados constantes na Plataforma Sucupira, disponível em <https://sucupira.capes.gov.br>, uma vez ela é a base de referência do Sistema Nacional de Pós-Graduação.

Os dados obtidos na Base Sucupira foram inseridos em uma planilha desenvolvida no software Excel, e que possuía as seguintes colunas:

- a) IES: contendo o nome da Instituição de Ensino Superior;
- b) Cidade: município de localização;
- c) UF: sigla da unidade federativa onde se localiza;
- d) Nota: atribuída pela CAPES aos cursos de mestrado e doutorado;
- e) Endereço para acesso ao site da instituição.

A planilha completa encontra-se reproduzida no APÊNDICE A desta dissertação.

A segunda etapa do trabalho consistiu na identificação, mapeamento e análise do corpus textual que será base do estudo entre teses e dissertações produzidas na região, bem como da identificação dos termos ou expressões usados na literatura selecionada para expressar o conceito de juventude e os aspectos sobre os tema mais pesquisados em seu contexto.

Tomou-se como base as dissertações e teses constantes em catálogos e repositórios das instituições onde estão localizados os programas, durante o período de 2010 a 2014.

Inicialmente pensou-se na utilização da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia (IBICT), no Banco de Teses da CAPES como fonte de dados, mas devido ao período selecionado ser recente verificou-se que estes instrumentos não eram adequados para a seleção dos documentos tendo em vista que os dados constantes nos mesmos até o final de 2015 ainda não cobriam integralmente o período definido como base para o estudo.

Não foi necessária submissão deste projeto a nenhum Comitê de Ética em Pesquisa porque foram utilizadas exclusivamente fontes documentais e dados públicos sobre os programas de pós-graduação. Tratou-se de uma pesquisa para identificar, verificar e analisar documentos e as informações neles contidas além de contextualizar os dados encontrados, conforme esclarece Piana (2009, p. 122) citando Gil (1999):

[...] a pesquisa documental apresenta algumas vantagens por ser “fonte rica e estável de dados”: não implica altos custos, não exige contato com os sujeitos da pesquisa e possibilita uma leitura aprofundada das fontes. Ela é semelhante à pesquisa bibliográfica, segundo o autor, e o que as diferencia é a natureza das fontes, sendo material que ainda não recebeu tratamento analítico, ou que ainda pode ser reelaborado de acordo com os objetivos da pesquisa.

A partir da pesquisa documental foi realizada a análise de conteúdo, método com abordagem qualitativa tratado por Caregnato; Mutti (2006) como uma técnica de pesquisa que trabalha com a palavra, refletindo sobre o discurso e de forma prática e objetiva produzindo inferências a partir do conteúdo da comunicação de um texto replicáveis ao seu contexto social. Cavalcante; Calixto; Pinheiro (2014, p. 14) completam:

A escolha deste método de análise pode ser explicada pela necessidade de ultrapassar as incertezas consequentes das hipóteses e pressupostos, pela necessidade de enriquecimento da leitura por meio da compreensão das significações e pela necessidade de desvelar as relações que se estabelecem além das falas propriamente ditas.

Assim sendo, o perfil da produção do conhecimento sobre Juventudes adotou uma abordagem quantitativa e qualitativa, visto que somente a primeira seria insuficiente para mostrar um panorama completo da situação. Conforme informado anteriormente teve caráter exploratório, pois a identificação iniciou com uma pesquisa bibliográfica nas bases, catálogos e repositórios anteriormente citados.

As buscas foram limitadas aos termos "juventude", "juventudes", "jovem" e "jovens" na sua ocorrência em qualquer campo (títulos, resumos, palavras-chaves, descritores de assuntos. etc.), visto que qualquer limitação naquele momento poderia excluir documentos relevantes sobre o tema juventudes.

A planilha da produção possuía as seguintes colunas:

- a) Título;
- b) Autor;
- c) Orientador;
- d) Ano de defesa do trabalho;
- e) Instituição;
- f) Nível da qualificação (dissertação ou tese);
- g) Localização, contendo endereço eletrônico ou localização física do documento;
- h) Palavras-chave estabelecidas pelo autor.

A planilha completa referente as alíneas **a** até **g** encontra-se reproduzida no APÊNDICE B desta dissertação. Já a planilha completa contendo as palavras-chaves encontra-se reproduzida no APÊNDICE C, sendo que a esta foi

acrescentada uma legenda, que a partir das cores mostra alguns grupos de assuntos localizados.

A terceira etapa consistiu da identificação dos orientadores dos estudos, e mapeamento dos grupos de pesquisa aos quais estão ligados com o objetivo de identificar as redes de colaboração formadas pelos mesmos.

A planilha seguinte continha a relação dos orientadores dos estudos, suas Instituições as quais estão vinculadas e suas linhas de pesquisa. Esta planilha foi reproduzida integralmente no APÊNDICE E desta dissertação.

As análises das informações coletadas estão apresentadas na forma de tabelas, quadros e gráficos, contendo números e/ou percentuais dos dados obtidos.

Na análise das redes de colaboração foi utilizado o software Ucinet, que mapeia redes de relacionamento a partir de uma matriz importada do Excel, produzindo um gráfico onde aparecem os atores e as linhas de relação entre eles.

Por último foi concluída a redação desta dissertação, iniciada com a revisão bibliográfica e cuja última etapa será a divulgação do estudo na forma de defesa pública da Dissertação.

No capítulo seguinte discutiremos o marco teórico preliminar a partir da pós-graduação, seguindo pelos estudos bibliométricos terminando com as juventudes.

3 MARCO TEÓRICO PRELIMINAR

Como marco teórico preliminar trataremos primeiramente de como evoluiu a pós-graduação no país, particularmente a pós-graduação em educação, em seguida discutiremos os estudos bibliométricos e terminaremos com as juventudes.

3.1 Pós-Graduação no Brasil

Em nossa sociedade a universidade é uma instituição importante para o desenvolvimento humano seja de um país, de uma região ou da sociedade contemporânea em geral, pois tem como missão não apenas possibilitar aos estudantes a obtenção de um diploma, que lhe garanta emprego e remuneração condizente, deve ser capaz de produzir novos conhecimentos e contextualizá-los de forma a cumprir as funções sociais e políticas a que se propõe. A universidade tanto pública como privada, deve retribuir o investimento que recebe da comunidade, desenvolvendo estudos, pesquisas e extensão compatíveis as necessidades da mesma. Outra função não menos importante diz respeito à contribuição ao desenvolvimento dos alunos, ao oferecer um ambiente propício para a discussão que produza sujeitos críticos e atuantes diante da realidade social, que contribuam para o avanço científico, tecnológico e cultural de sua comunidade.

No Brasil inicialmente tivemos as escolas profissionais isoladas chamadas Faculdades que formavam alunos em cursos de graduação, e somente em 1920 algumas delas se transformaram em universidades.

As escolas profissionais no Brasil são criadas como centros isolados e as universidades se constituíam apenas em uma reunião de escolas, estando estas submetidas a uma mesma administração. Após várias tentativas de criação de universidades no Brasil, em 1920, a Universidade do Rio de Janeiro é a primeira oficialmente instituída através do decreto Nº 14.343, que reuniu três escolas existentes, buscando-se assim obter o estímulo a cultura e a ciência, o estreitamento entre os professores seus laços de solidariedade individual e moral e também o aperfeiçoamento dos métodos de ensino. (OLIVEIRA, 2010, p. 6)

A universidade brasileira seguiu os passos de instituições similares no restante do mundo como produtora de conhecimento, evoluindo em sua proposta educacional e formativa para além da graduação. A partir da década de 1930 se

inicia no Brasil a história da pós-graduação, tendo como afirma Cadamuro (2011) a Segunda Grande Guerra como pano de fundo, e a crescente demanda por conhecimento científico, decorrente da implantação das indústrias para substituição das importações iniciadas no Governo Vargas e base para as transformações do setor nos anos seguintes.

Romêo; Romêo; Jorge (2004) afirmam que num primeiro momento a pós-graduação era descentralizada e caracterizada pela coexistência de diversos modelos, sem controle ou orientação por parte do Estado. Outro aspecto importante identificado no texto refere-se a predominância da influência norte-americana na implantação dos primeiros cursos, influência essa que se deu principalmente na sua estrutura, sendo os critérios de avaliação oriundos dos modelos europeus.

Conforme Santos (2003) em 1931 se dá o primeiro passo efetivo para a consolidação da pós-graduação no país, com a chamada Reforma Campos - instituída a partir do Decreto nº 19.890/31. É o primeiro documento oficial que passou a prever a regulamentação de tais atividades e descrevia normas para o doutoramento tipo europeu, com defesa de tese nas áreas de Direito, Ciências Exatas e Naturais. Nesta reforma pela primeira vez a universidade é alçada a modelo para o desenvolvimento do ensino superior, a partir do estabelecimento organização, composição, competência e funcionamento da administração universitária (reitoria, conselho universitário, assembleia geral universitária, institutos, conselhos técnicos administrativo, congregação, etc. e prevendo a representação estudantil. A investigação científica pela primeira vez é mencionada como um dos objetivos do ensino superior no Brasil.

Romêo; Romêo; Jorge (2004) colocam que a Reforma Campos, contudo não implantou a hegemonia pretendida pelo Estado para os cursos de pós-graduação, sendo necessárias algumas iniciativas governamentais para promover a institucionalização da pós-graduação no país.

Já em 1951, foi implantada oficialmente a pós-graduação no Brasil, com a fundação da CAPES (Coordenação Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal Docente) e seis meses após o CNPq (Conselho Nacional de Pesquisa), evidenciando que o governo se preocupava com a real necessidade da formação de profissionais que fossem altamente qualificados e que produzissem pesquisas na sua área do saber. (NEUENFELDT; ISAIA, 2008, p. 87)

Em sua formação original, segundo Carvalho; Vaz (2012), a instituição hoje conhecida como CAPES chamava-se Campanha Nacional de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, e foi criada com o objetivo de assegurar a formação de pessoal especializado em quantidade e qualidade suficiente para atender as necessidades dos empreendimentos públicos e privados para o desenvolvimento do país. Martins (2001 , p.296-297) afirma que:

Sua criação significou a iniciativa do Estado Brasileiro de se equipar de órgãos e instrumentos para a regulação de diferentes aspectos da vida nacional e para a execução de políticas que lhe permitissem cumprir um projeto de industrialização intensiva do país.

O CNPq foi criado com o objetivo de responder pelas atividades na área de energia nuclear e promover a capacitação científica e tecnológica nacional. Sua criação se deu em razão da convergência de interesses entre militares, técnicos do governo e a comunidade científica nacional, conforme Romêo; Romêo; Jorge (2004) e Cadamuro (2011).

A primeira Lei de Diretrizes de Base da Educação Nacional (LDB) foi aprovada em 1961 contendo referência à pós-graduação somente em seu Artigo 69, letra b, como segue:

Nos estabelecimentos de Ensino Superior podem ser ministrados os seguintes cursos: de pós-graduação, abertos a matrícula de candidatos que hajam concluído o curso de graduação e obtido o respectivo diploma.
(BRASIL, 1961, p. 12)

Conforme mencionam Romêo; Romêo; Jorge (2004), complementados por Neuenfeldt; Isaia (2008) foi em 1965, por solicitação do Ministro da Educação e Cultura Flávio Suplicy de Lacerda, que o Conselho Federal de Educação (CFE), por meio do Parecer nº977/65, aprovado em 3 de dezembro de 1965 e relatado pelo conselheiro professor Newton Sucupira, passou a regulamentar os cursos de pós-graduação do país, em função das disparidades existentes até aquele momento. Este definia a natureza e os objetivos dos cursos de pós-graduação, apresentando as suas características fundamentais, formas de exigência legal e estabelecendo este nível de ensino na universidade moderna. O documento tomou como base o modelo americano de pós-graduação, o que já havia acontecido anteriormente com a estrutura das universidades, e firmou alguns princípios gerais para orientar a

organização e funcionamento dos cursos. Acerca do período histórico por que passava o país Balbachevsky (2005, p. 277) esclarece:

Não é preciso lembrar que a regulamentação da pós-graduação brasileira se deu sob a égide de um regime militar com forte orientação nacionalista. A iniciativa de regulamentar esse nível de ensino reflete, em parte, a percepção das potencialidades estratégicas dessa etapa avançada de formação. Porém, não se pode perder de vista que a expansão desse sistema representava também uma alternativa doméstica barata para a qualificação dos professores da rede federal em universidades, que passava por uma forte expansão naqueles anos.

Cadamuro (2011, p. 25) destaca no Parecer 977/65:

- Em primeiro lugar impõe-se distinguir entre pós-graduação *sensu stricto* e *sensu lato*. No segundo sentido a pós-graduação, conforme o próprio nome está a indicar, designa todo e qualquer curso que se segue à graduação;
- A pós-graduação ***sensu stricto*** apresenta as seguintes características fundamentais: é de natureza acadêmica e de pesquisa e mesmo atuando em setores profissionais tem objetivo essencialmente científico, enquanto a ***sensu lato***, via de regra, tem sentido eminentemente prático-profissional;
- Com base na experiência estrangeira podemos determinar o mínimo de um ano para o mestrado e dois para o doutorado.

Formalmente a pós-graduação no Brasil foi implantada em 1968, a partir da reforma do ensino superior instituída pela Lei n.º 5.540/68 (Lei de Reforma Universitária), que complementou e redimensionou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB, Lei n.º 4.024/61). Neste contexto Gatti (2001, p. 109) comenta:

Mestrados e doutorados em nosso país originaram-se então, não do desenvolvimento da pesquisa científica nas universidades ou outras instituições, mas de uma política deliberada de organismos estatais, no final da década de 1960 e inícios de 1970. No ensino superior, à época, pouca pesquisa se desenvolvia, vez que sua vocação era dirigida sobretudo à formação de profissionais liberais.

Ao Conselho Federal de Educação foram atribuídas:

O Conselho Federal de Educação conceituará os cursos de pós-graduação e baixará normas gerais para sua organização, dependendo sua validade no território nacional, de os estudos neles realizados terem os cursos respectivos, credenciados por aquele órgão. (BRASIL 1968, em seu Art. 24)

A referida Lei em seu Art. 27 (p. 13) complementa afirmando que:

Os diplomas expedidos por universidade federal ou estadual nas condições do Artigo 15 da lei no 4.024 de dezembro de 1961, correspondente a cursos reconhecidos pelo Conselho Federal de Educação, bem como os de cursos credenciados de pós-graduação serão registrados na própria universidade, importando em capacitação para o exercício profissional na área abrangida pelo respectivo currículo, com validade em todo o território nacional.

Além disso o Parecer 977/65 estabeleceu como objetivos básicos à formação de um corpo docente competente e capaz de atender a expansão quantitativa e qualitativa do ensino superior, estimular o desenvolvimento da pesquisa científica a partir da qualificação dos pesquisadores e capacitação de técnicos e demais trabalhadores intelectuais para que atendam as necessidades de desenvolvimento em todos os setores.

Iniciava assim um processo de amadurecimento da pós-graduação brasileira e de suas instituições que nos próximos 40 anos a transformaria de modo singular, dando-lhe estrutura e organização que a fizeram evoluir em alguns períodos com maior ou menor intensidade, mas certamente com continuidade, acompanhando a evolução da sociedade brasileira e sem perder de vista sua inserção no mundo.

Não podemos esquecer o papel fundamental dos Planos Nacionais de Pós-Graduação na trajetória dos programas de pós-graduação no Brasil. Discutiremos a seguir sua evolução e contribuição inestimável para a efetivação de um sistema nacional que apesar das dificuldades geográficas, políticas e sociais vividas nos últimos 40 anos continua ativo, e a cada edição apresenta um relato do que foi feito e as metas a serem alcançadas do período seguinte.

Em 1974 é aprovado o primeiro Plano Nacional de Pós-Graduação (PNPG) a ser implementado no período de 1975 a 1979. Foi elaborado sob a coordenação da CAPES e considerado a primeira medida política efetiva sobre a pós-graduação no Brasil.

Cadamuro (2011, p. 26) ao mencionar o PNPG de 1974, cita como seus objetivos:

- Formar professores para o magistério universitário, a fim de atender a expansão quantitativa deste ensino e a elevação de sua qualidade;
- Formar pesquisadores para o trabalho científico, a fim de possibilitar a formação de núcleos e centros atendendo as necessidades setoriais e regionais da sociedade;
- Preparar profissionais de nível elevado, em função da demanda do mercado de trabalho nas instituições privadas e públicas.

Os objetivos do PNPG (1974) estavam em sintonia com o Parecer 977/65, ajustando, contudo, o papel da universidade com os objetivos do Estado para o desenvolvimento do país, transformando-as no que chamaram de "centros de atividades criativas permanentes". Tal dimensão se dá na medida em que o sistema de pós-graduação exerça eficientemente suas funções formativas e pratique um trabalho constante de investigação e análise em todos os campos e temas de conhecimento humano e da cultura brasileira

Barros (1998) citado por Cadamuro (2011), destaca no início dos anos 80 a ampliação das atribuições da CAPES (Decreto nº 88.816/82), que passou a subsidiar a Secretaria de Educação Superior (SESU/MEC) na formulação da política de pós-graduação, pesquisa científica e tecnológica, na formação de recursos humanos, na elaboração, acompanhamento e execução dos PNPGs.

Se o primeiro PNPG tinha por objetivo expandir o sistema de pós-graduação e aumentar o número de estudantes, no segundo PNPG (1982-1985), o destaque era a preocupação com a qualidade dos cursos de pós-graduação, com a formação dos docentes, e como estes cursos estavam ocorrendo, segundo Neuenfeldt; Isaia (2008). Precisavam ser revistos alguns pontos da institucionalização e da avaliação que já vinham sendo desenvolvidas desde os anos 1970, com o acréscimo da participação da comunidade científica e pesquisa.

O terceiro PNPG pouco se diferenciou dos planos anteriores, embora nele houvesse maior destaque para a pesquisa tanto científica como tecnológica, aprovado em 1985, vigorou de 1986 a 1989. Também foi influenciado pelo momento de reformas políticas pelas quais o país passava com a redemocratização, período conhecido como Nova República. Destaca-se, ainda uma ampla divulgação das informações coletadas pelo sistema de pós-graduação. Por sua vez Cadamuro (2011, p. 28), menciona:

O sistema de formulação dos PNPG foi interrompido em 1990, durante o governo Collor, quando em meio a uma Reforma Administrativa Federal acontece à extinção da CAPES, revogando o disposto pelo Decreto Nº 88.816/82.

E na sequência citando Barros (1998) complementa:

Após pressões da comunidade científica e da Direção Superior do MEC junto ao Congresso Nacional, a CAPES foi reabilitada, porém em precárias

condições de funcionamento, enfrentando dificuldades como a indefinição e a inflexibilidade orçamentária, a perda da autonomia, a perda significativa de recursos humanos e a impossibilidade de substituição dos mesmos.

O quarto PNPG não se tornou um documento oficial, embora várias versões tenham sido escritas, elas só tiveram circulação interna entre os membros da CAPES. Não foi publicada por restrições orçamentárias e falta de articulação entre as agências de fomento, conforme Cadamuro (2011).

Segundo Neuenfeldt; Isaia (2008) o IV PNPG, referente ao período de 1990 a 2004, demonstrava a preocupação com as disparidades regionais entre os cursos de pós-graduação, citando como fatores a serem analisados: a expansão da pós-graduação e o desequilíbrio do sistema, os fatores estruturais que impedem o desenvolvimento e a integração entre CAPES e demais órgãos.

A estrutura dos cursos de pós-graduação sofreram mudanças significativas neste período, conforme comentam Santos e Azevedo (2009, p. 541):

A CAPES passou a propor, a partir da década de 1990, que os programas fossem organizados em linhas de pesquisa. Assim, as disciplinas tornaram-se secundárias e o que importava era que o aluno desde o início dos cursos possuísse um projeto vinculado a uma linha. Em tese, isso significava colocar a pesquisa como o centro do desenvolvimento do curso e também supunha maior articulação e aproximação entre os pesquisadores, já que o desenvolvimento de linhas de pesquisa previa a formação de grupos que a integrassem.

Martins (2003) destaca como funções da CAPES:

- Promover o estudo das necessidades do país;
- Mobilizar os recursos existentes para o oferecimento de oportunidades de treinamento para suprir as deficiências identificadas;
- Promover o aproveitamento das oportunidades de aperfeiçoamento oferecidas por programas de assistência técnica e por acordos bilaterais firmados pelo governo brasileiro;
- Promover a instalação e expansão de centros de aperfeiçoamento e estudos pós-graduados.

Em 2004 é elaborado o V PNPG, para o período 2005-2010, onde se destaca a preocupação em relação à redução das desigualdades regionais e entre estados, e prevê metas e estratégias para a consolidação e expansão da pós-graduação no país. Cadamuro (2011, p. 28), coloca como objetivos deste período:

- O fortalecimento das bases científicas, tecnológicas e de inovação;
- A formação de docentes para todos os níveis de ensino;

— A formação de quadros para mercado não acadêmicos.

Os documentos como o V PNPG que tratam das políticas para a pós-graduação, nem sempre contemplam as particularidades e complexidades das relações sociais contudo percebe-se um destaque para necessidade de redução das desigualdades regionais. Sobre os desafios da pós-graduação para além das políticas públicas para o período Gatti (2001, p. 116) afirma que:

As concepções dominantes hoje estão entrando em crise. Os contrastes entre conhecimento científico, conhecimento ético e equidade social deverão ser merecedores de uma ampla e pública discussão, se os que atuam neste nível de ensino desejarem ser partícipes das transformações que despontam no horizonte desses cursos. Esta participação será essencial à medida que se reconhecer que mestrados e doutorados devem estar envolvidos com uma ética da vida que implique a superação de processos que alimentam a excessiva desigualdade entre pessoas e grupos. Isto conduz à necessidade de rearticulação dos domínios do conhecimento com a responsabilidade social. Um novo tipo de consciência humano-social-científica será requerido para encaminhar estas transformações.

Guimarães; Bulhões; Hayashi; Hayashi (2015, p. 88) complementam:

De acordo com dados divulgados pela CAPES (2007) sobre o aumento da produção científica brasileira, refletido no posicionamento do ranking de produtividade mundial, percebe-se que a mesma se dá majoritariamente na pós-graduação, em virtude do produto resultante de teses e dissertações e artigos científicos indexados à base de dados de alto reconhecimento na comunidade científica internacional.

Sobre o VI PNPG de 2010, referente ao período 2011-2020, Barreto; Domingues (2012, p. 28) refletem:

Muitas serão as continuidades em relação ao quinto plano, como o combate às assimetrias, a ênfase na inclusão social e a busca da internacionalização. Não faltarão inflexões importantes na avaliação e nas ações estratégicas, lastreadas pela proposta de criação de uma Agenda Nacional de Pesquisas, em parceria com o CNPq, a FINEP e as FAPs. No nível conceitual, a principal novidade foi a adoção de uma visão sistêmica nos diagnósticos, diretrizes e propostas, levando à busca da articulação e emaranhamento dos temas, em vez de sua separação e desmembramento.

O VI PNPG em consonância com o Plano anterior mantêm a diretriz de combater as assimetrias, acrescentando o conceito de mesorregião, que fornece a ferramenta para evidenciar as distorções no interior de uma mesma região.

Prevalece a discussão sobre o contexto brasileiro, seu potencial, desafios, a situação do ensino e os entraves do sistema.

O Plano mapeia a situação atual da pós-graduação no Brasil, além de destacar os seguintes temas:

- Situação atual e perspectivas de crescimento da pós-graduação;
- Sistema de avaliação da pós-graduação brasileira;
- A importância da inter(multi)disciplinaridade na pós-graduação;
- Assimetrias - distribuição da pós-graduação no território nacional;
- Educação Básica;
- Recursos Humanos para Empresas;
- Recursos Humanos e Programas Nacionais;
- Internacionalização da pós-graduação e a colaboração internacional;
- Financiamento da pós-graduação.

Sobre a atenção especial dada à questão das desigualdades regionais Guimarães; Bulhões; Hayashi; Hayashi (2015) comentam que ocorreu acentuada concentração da pós-graduação nas regiões Sul e Sudeste, originando profundas diferenças regionais na distribuição de recursos, com reflexos óbvios na distribuição pelo Brasil, e destacam que tal aprofundam o fosso acadêmico cada vez mais frente às ditas “ilhas de excelência”.

No texto de apresentação do VI PNPG (Brasil, 2010, p. 13) consta:

Paralelamente a este Plano, está sendo elaborado o novo Plano Nacional de Educação (PNE), em outras instâncias do MEC e de órgãos do governo, exigindo a coordenação de propostas e atividades. De fato, pela primeira vez, um plano nacional de educação contemplará as propostas de diretrizes e políticas do ensino de pós-graduação, isso porque o PNPG é parte integrante do PNE.

Esta afirmação reflete a intenção do Ministério da Educação (MEC), de coordenar a pós-graduação com as demais etapas de ensino, de forma a mantê-las em sintonia, formando um conjunto de planos e ações que contemple todo Sistema Nacional de Educação. Barreto e Domingues (2012, p. 46) acrescentam que:

O sexto Plano propõe o crescimento do sistema, mas não o crescimento linear de todas as áreas: é necessário escolher, crescer com qualidade, combater as assimetrias e as distorções, e vencer o conservadorismo do sistema. O lema é: ousar mais, experimentar o novo, atentar aos desafios e enfrentar as urgências.

Uma vez que este VI Plano ainda está no início do seu período de abrangência não temos ainda o distanciamento necessário para avaliar sua evolução e a propriedade ou não das metas propostas, contudo pesa a seu favor a coerência com os Planos anteriores e a trajetória bem sucedida da pós-graduação no país e seu desenvolvimento tendo como base a série de planos estabelecidos desde 1974.

A evolução da pós-graduação no Brasil discutida anteriormente marcou de forma definitiva a pesquisa em Educação, que data do final dos anos 30 a partir da criação do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), sendo que a implantação sistemática de cursos de pós-graduação em educação acontece na década de 60 aproximadamente (GATTI, 1983).

Autores como Saviani (2000), Neuenfeldt e Isaia (2008) e Cadamuro (2011) relatam que o primeiro Programa de Pós-Graduação em Educação no Brasil teve início em 1965 na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro em nível de mestrado e em 1968 é criado o Programa de Estudos Pós-Graduados em Psicologia Educacional da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sendo estes os marcos dos programas de pós-graduação em Educação.

Segundo Cadamuro (2011), em 1972 já se contabilizavam 12 cursos de pós-graduação em nível de mestrado e citando Saviani (2000, p. 29) completa:

Desencadeia-se, a partir daí, a fase de implantação da pós-graduação em educação *stricto sensu*. Em meio a dificuldades financeiras e de infraestrutura, aos poucos, porém, - e nesse processo desempenhou importante papel o apoio financeiro e acompanhamento da CAPES - as condições foram sendo preenchidas e os programas passaram a ser implantados em ritmo acelerado rumo à sua consolidação.

Esta fase é considerada completa em 1976 com a instalação do nível de doutorado na PUC do Rio de Janeiro e da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, num claro indício segundo Saviani (2000), de que se iniciava o período de consolidação da Pós-Graduação em Educação no país.

Durante o processo de consolidação da pós-graduação é criada em 1978 a Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (ANPEd). Castro (2012) descreve a trajetória da pós-graduação e da pesquisa em Educação no Brasil e a contribuição fundamental da ANPEd, que *segundo* ela agiu como representante da sociedade civil, ecoando as necessidades e interesses dos grupos docentes,

discentes e de pesquisadores e dos interesses de agências governamentais de pesquisa, como a Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Cadamuro (2011) menciona que a fase de consolidação da pós-graduação em Educação termina no início da década de 1980 quando se reduz o ritmo de abertura de novos programas e se aumenta o número de temáticas abordadas.

Os resultados da avaliação de cada programa são apresentados no que se refere aos vários quesitos e itens avaliados (proposta do programa; corpo docente; corpo discente, teses e dissertações; produção intelectual e inserção social), os atributos a ele consignados, com os respectivos comentários e justificativas da comissão avaliadora, e, ao final, o conceito correspondente ao seu desempenho no triênio, na escala adotada de 1 a 7. São reconhecidos os cursos que obtiveram nota igual ou superior a "3" na avaliação da CAPES e que, portanto, atendem ao requisito básico estabelecido pela legislação vigente para serem reconhecidos pelo Ministério da Educação por meio do Conselho Nacional de Educação (CNE) e, em decorrência, expedirem diplomas de mestrado e/ou doutorado com validade nacional. (CADAMURO, 2011, p. 30)

A pouca tradição de pesquisa da área definiu a organização inicial dos cursos de pós-graduação, que se estruturaram em áreas de concentração com base no currículo do curso de Pedagogia. Segundo Santos e Azevedo (2009), que esse formato ao ampliar uma perspectiva altamente fragmentada das subáreas de investigação, favorece uma abordagem parcial dos fenômenos com base em uma visão segmentada e mecânica da realidade.

A partir da década de 1980 os programas continuaram evoluindo em número e as áreas de concentração iniciais já não davam conta de representar a pluralidade de temas e questões que surgiram a partir da incorporação de novos docentes/pesquisadores. A evolução dos programas em Educação continua nos anos seguintes seguindo as orientações dos PNPGs discutidos anteriormente.

A mesma autora apresenta em sua dissertação um quadro demonstrativo dos ciclos do pensamento educacional brasileiro, sintetizando o período que vai dos anos 1930 até a atualidade, o qual reproduzimos a seguir no Quadro 1.

Quadro 1 - Os ciclos do pensamento educacional brasileiro

PERÍODO	TEMÁTICAS	CARACTERÍSTICAS
30 – 40	Psicopedagogia	Abrangia estudos do desenvolvimento psicológico, processo de ensino e instrumentos de medida de aprendizagem
50	Desenvolvimento Social	Relação entre o sistema escolar e certos aspectos da sociedade
60	Economia	Estudos de natureza econômica, sobre educação como investimento, demanda profissional, formação de recursos humanos, etc
70	Temáticas Variadas	Os estudos se distribuíam mais equitativamente entre as diferentes temáticas abordadas (currículo, avaliação de programas, caracterização de redes e recursos educativos, relação de educação e trabalho, estratégias de ensino, entre outras)
80 – Atual	Temáticas Variadas	Segue as tendências da década anterior, além do surgimento de estudos sobre políticas educacionais e análise institucional e organizacional. Presença marcante dos grupos de pesquisa

Fonte: CADAMURO, Liz. **História da educação no Brasil: um estudo bibliométrico de teses e dissertações**. 2011. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de São Carlos. Programa de Pós-Graduação em Educação. Orientador Carlos Roberto Massao Hayashi.

No quadro acima podemos acompanhar a evolução das temáticas discutidas nas teses e dissertações defendidas nos programas de pós-graduação em educação no país, reunidas em grandes assuntos que refletem o pensamento dos pesquisadores da área durante o período.

Vieira e Moura (2010, p. 614) destacam sobre o sistema de pós-graduação:

Verifica-se que o sistema de pós-graduação no Brasil, ao longo de seu processo de institucionalização, variou de um caráter eminentemente disciplinar para as atuais composições de natureza multidisciplinares, interdisciplinares e transdisciplinares.

A partir da literatura consultada podemos afirmar que o processo de avaliação da CAPES tem merecido longos debates nos últimos anos, além de seus critérios de acompanhamento e avaliação trienal dos cursos de pós-graduação em Educação.

Guimarães; Bulhões; Hayashi; Hayashi (2015, p. 99) citando Ramalho; Madeira (2006), acrescentam:

A autocrítica da pós-graduação em educação tem de ser feita também do ponto de vista da concepção do conhecimento, de sua construção, de sua disseminação e aplicação frente aos desafios a serem superados, típicos de uma área que procura avançar para a consolidação de seu perfil epistemológico e que necessita de intelectuais críticos, que possam problematizar o processo de reprodução da estrutura da vida cotidiana alienada nas atividades das instituições educacionais, da universidade e dos PPGE.

A avaliação aqui mencionada é encarada como auxiliar na busca da qualidade em programas de pós-graduação, esta é discutida por Felicetti (2011, p. 28-29):

O conceito de qualidade necessita ser desenvolvido como um construto relacionado ao contexto das sociedades, voltado ao entendimento das diferentes situações nela existentes, bem como direcionado ao papel da Educação Superior na construção de uma sociedade melhor. Sob esse enfoque, a UNESCO (1998) destaca a concepção de qualidade como sendo um compromisso social das universidades no que diz respeito à aplicação de políticas institucionais que adotem o princípio da educação como bem público acordado com os valores de qualidade, pertinência, inserção e equidade.

Todos os valores mencionados na citação anterior aparecem no VI PNPG que a partir de suas metas almeja maior aproximação da pós-graduação com a sociedade brasileira e com a realidade internacional.

Cada vez mais estudos estão sendo produzidos no campo da Educação para identificar e traduzir sua realidade, como forma de subsidiar a racionalização dos recursos e identificar tendências e relações existentes. Na seção 3.2, a seguir, discutiremos as métricas utilizadas para tanto.

3.2 Estudos Bibliométricos

Silva; Hayashi; Hayashi (2011, p. 112) ao introduzirem o tema bibliometria em um artigo relatam sobre a definição do termo:

Historicamente, as premissas do conceito de bibliometria remontam ao início do século XIX, evoluindo em termos de fundamentos, técnicas e aplicações dos métodos bibliométricos. A prioridade em definir o termo bibliometria é pleiteada por duas correntes: 1) a dos autores anglo-

saxônicos que atribuem a invenção a Pritchard (1969) – o primeiro a cunhar o termo “bibliometria” para significar aplicação das matemáticas e dos métodos estatísticos aos livros e outros meios de comunicação – e; 2) a dos autores franceses, que a concedem a Paul Otlet por ter utilizado o termo no seu Tratado da Documentação, publicado em 1934. Tague-Sutcliffe (1994) cita outros autores, entre eles White e McCain (1989), por limitar o alcance do conceito de bibliometria ao estudo quantitativo da literatura, conforme esta se reflita nas referências bibliográficas, e Brookes (1990) por concebê-la mais relacionada com os estudos da atividade bibliotecária.

Araújo (2006, p. 12), sintetizando o texto de Vanti (2002) completa falando da aplicação de técnicas estatísticas e matemáticas para descrever aspectos da literatura e de outros meios de comunicação.

Já nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) publicados online pela BIREME e atualizados anualmente, a bibliometria é definida como: "O uso de métodos estatísticos na análise de um corpo de literatura para revelar o desenvolvimento histórico de campos de assuntos e padrões de autoria, publicação e uso. Antigamente chamada bibliografia estatística". Os estudos da literatura produzida por uma instituição, uma área do conhecimento ou um tema pressupõe o estabelecimento de variáveis ou aspectos a serem mensurados, a partir da definição do que se quer analisar.

Os indicadores bibliométricos vem sendo empregados para medir a atividade científica, baseados na análise estatística dos dados quantitativos obtidos da literatura científica e técnica. Empregam-se, por dois motivos, o primeiro para analisar o tamanho, crescimento e distribuição da bibliografia científica (livros, revistas, patentes e outros), a fim de melhorar as atividades de informação, documentação e comunicação científica e o segundo para analisar os processos de geração, propagação e uso da literatura científica com a finalidade de conhecermos os mecanismos da investigação científica enquanto atividade social e a estrutura e dinâmica dos grupos de investigadores que produzem e utilizam esta literatura. (SAES, 2000, p. 9).

A bibliometria como ciência está alicerçada em princípios e Leis, estas últimas decorrentes da contribuição de estudiosos que se destacaram por suas descobertas. Segundo Tague-Sutckiff citado por Vanti (2002, p. 153):

A Lei de Lotka, ou Lei do Quadrado Inverso, aponta para a medição da produtividade dos autores, mediante um modelo de distribuição tamanho-frequência dos diversos autores em um conjunto de documentos. A Lei de Zipf, também conhecida como Lei do Mínimo Esforço, consiste em medir a frequência do aparecimento das palavras em vários textos, gerando uma lista ordenada de termos de uma determinada disciplina ou assunto. Já a Lei de Bradford, ou Lei de Dispersão, permite, mediante a medição da produtividade das revistas, estabelecer o núcleo e as áreas de dispersão sobre um determinado assunto em um mesmo conjunto de revistas.

Guedes e Borschiver (2005, p.14), expõem em seu trabalho um quadro, que será reproduzido a seguir, onde relacionam as principais leis e princípios bibliométricos, seus focos de estudo e aplicações na gestão da informação e do conhecimento, em sistemas de informação e comunicação científica.

Quadro 2 – Síntese das leis e dos princípios de bibliométricos

Ciência da Informação		
Bibliometria		
Leis e Princípios	Focos de Estudo	Principais Aplicações
Lei de Bradford	periódicos	estimar o grau de relevância de periódicos, em dada área do conhecimento
Lei de Lotka	autores	estimar o grau de relevância de autores, em dada área do conhecimento
Leis de Zipf	palavras	indexação automática de artigos científicos e tecnológicos
Ponto de Transição (T) de Goffman	palavras	indexação automática de artigos científicos e tecnológicos
Colégios Invisíveis	citações	identificação da elite de pesquisadores, em dada área do conhecimento
Fator de Imediatismo ou de Impacto	citações	estimar o grau de relevância de artigos, cientistas e periódicos científicos, em determinada área do conhecimento
Acoplamento Bibliográfico	citações	estimar o grau de ligação de dois ou mais artigos
Co-citação	citações	estimar o grau de ligação de dois ou mais artigos
Obsolescência da Literatura	citações	estimar o declínio da literatura de determinada área do conhecimento
Vida-média	citações	estimar a vida-média de uma unidade da literatura de dada área do conhecimento
Teoria Epidêmica de Goffman	citações	estimar a razão de crescimento e declínio de determinada área do conhecimento
Lei do Elitismo	citações	estimar a o tamanho da elite de determinada população de autores
Frente de Pesquisa	citações	identificação de um padrão de relação múltipla entre autores que se citam
Lei dos 80/20	demanda de informação	composição, ampliação e redução de acervos

Fonte: GUEDES, Vânia; BORSCHIVER, Suzana. Bibliometria: uma ferramenta estatística para a gestão da informação e do conhecimento, em sistemas de informação, de comunicação e de avaliação científica e tecnológica. In: CIFORM – ENCONTRO NACIONAL DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6., 2005, Salvador. **Anais...** Salvador: ICI/UFBA, 2005.

As bases de dados, catálogos de bibliotecas e repositórios institucionais são fontes de informações importantes para os estudos bibliométricos, na medida em que dão acesso aos registros de forma estruturada, utilizando-se padrões baseados em normas nacionais ou internacionais de apresentação de dados bibliográficos. Francisco (2011, p. 282) expõe que:

Algumas possibilidades de aplicação das técnicas bibliométricas, cientométricas e informétricas (VANTI, 2002; KOSTOFF, 1998, 1994) são: (i) identificar as tendências e o crescimento do conhecimento em uma área; (ii) identificar as revistas e periódicos do núcleo de uma disciplina; (iii) identificar os principais usuários, pesquisadores, grupos e instituições de uma disciplina; (iv) estudar a dispersão e a obsolescência da literatura científica; (v) prever a produtividade de autores individuais, organizações e países; (vi) medir o grau e padrões de colaboração entre autores; (vii) analisar os processos de citação e cocitação; (viii) avaliar os aspectos estatísticos da linguagem, das palavras e das frases; e (ix) medir o crescimento de determinadas áreas e o surgimento de novos temas. Estudos bibliométricos traçam o perfil de uma área do conhecimento, sendo contudo imagens parciais, tendo em vista as limitações estabelecidas pelo pesquisador, tais como: tipo de documentos, fontes de indexação, área geográfica, período de tempo, etc., sendo também possíveis combinações entre estes.

Atualmente o uso de métricas envolve bibliometria, cientometria, infometria e webometria, para esclarecer a aplicação dos referidos métodos reproduzimos um quadro publicado no artigo de Vanti (2002).

Quadro 3 - Comparação das aplicações dos distintos métodos quantitativos

Tipologia/ Subcampo	Bibliometria	Cienciometria	Informetria	Webometria
<u>Objeto de estudo</u>	Livros, documentos, revistas, artigos, autores, usuários	Disciplinas, assuntos, áreas e campos científicos e tecnológicos. Patentes, dissertações e teses	Palavras, documentos, bases de dados, comunicações informais (inclusive em âmbitos não científicos), <i>home pages</i> na WWW	Sítios na WWW (URL, título, tipo, domínio, tamanho e <i>links</i>), motores de busca
<u>Variáveis</u>	Número de empréstimos (circulação) e de citações, frequência de extensão de frases	Fatores que diferenciam as subdisciplinas. Como os cientistas se comunicam	Difere da cienciometria no propósito das variáveis, por exemplo, medir a recuperação, a relevância, a revocação	Número de páginas por sítio, nº de <i>links</i> por sítio, nº de <i>links</i> que remetem a um mesmo sítio, nº de sítios recuperados
<u>Métodos</u>	<i>Ranking</i> , frequência, distribuição	Análise de conjunto e de correspondência, co-ocorrência de termos, expressões, palavras-chave etc.	Modelo vetor-espaço, modelos booleanos de recuperação, modelos probabilísticos; linguagem de processamento, abordagens baseadas no conhecimento, tesouros	Fator de Impacto da Web (FIW), densidade dos <i>links</i> , "situações", estratégias de busca
<u>Objetivos</u>	Alocar recursos: pessoas, tempo, dinheiro etc.	Identificar domínios de interesse. Onde os assuntos estão concentrados. Compreender como e quanto os cientistas se comunicam	Melhorar a eficiência da recuperação da informação, identificar estruturas e relações dentro dos diversos sistemas de informação	Avaliar o sucesso de determinados sítios, detectar a presença de países, instituições e pesquisadores na rede e melhorar a eficiência dos motores de busca na recuperação das informações

Fonte: VANTI, Nadia Aurora Peres. Da Bibliometria a Webometria: uma exploração conceitual dos mecanismos utilizados para medir o registro da informação e a difusão do conhecimento. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 31, n. 2, p.152-162, maio/ago. 2002.

Saes (2002), entretanto, alerta para o fato de que a bibliometria proporciona algumas medidas da produção científica para os avaliadores, não constituindo uma avaliação em si. Embora muitas vezes os dados quantitativos sejam suficientes para traçar perfis de publicações ou de autores, uma análise mais refinada é necessária quando se precisa avaliar estes dados levando em conta variáveis distintas para compor um contexto.

Vieira (2009, p. 70-71) ao falar sobre o uso de diversas métricas concomitantemente como forma de obter um panorama abrangente de realidades complexas, argumenta e reforça:

Os dados apontam para um crescimento geral da ciência brasileira; porém, somente os dados de co-autoria, citações coletadas através de estudos bibliométricos não são suficientes para a confirmação de que houve colaboração entre os autores. É necessário o uso de outras metodologias, como, por exemplo, entrevistas com os pesquisadores envolvidos na bibliografia analisada, análise de redes sociais tendo como ponto central a rede de assuntos que assim trarão novos subsídios para análises de colaboração científica. Para compreendermos melhor o motivo pelo qual não devemos considerar apenas a co-autoria como sinônimo de colaboração científica, veremos a seguir quais são as várias razões para citar um trabalho.

A mesma autora citando Katz; Martin (1997) ao se referir a dificuldade em definir colaboração científica assim expressa:

Mesmo com essa dificuldade presente, a colaboração no formato de pesquisa científica pode ser definida como uma atividade promovida com o objetivo de quebrar barreiras entre universidades, indústria, comércio, governo e os serviços públicos ou ainda como o trabalho conjunto de pesquisadores com o objetivo comum de produzir novos conhecimentos científicos (VIEIRA, 2009 p. 65).

Pesquisas realizadas em colaboração podem ser compartilhadas e utilizadas ou revertidas em produtos e serviços, e divulgadas através da literatura produzida em conjunto, gerando um impacto importante para o campo científico estudado.

A colaboração interpessoal segundo Vieira (2009) traz consigo uma grande diversidade e constitui o lastro da pesquisa acadêmica. Nesse tipo de colaboração, depende-se essencialmente das relações interpessoais entre duas ou mais instituições universitárias individuais e de alguns grupos. E traz como característica chave a perspectiva interdisciplinar, pois além das instituições de ensino superior, as indústrias com o seu conjunto de competências estão presentes no sistema colaborativo.

Diante desse panorama, pode-se perceber que a tendência mundial aponta cada vez mais para o trabalho colaborativo, principalmente hoje que não é necessário o deslocamento geográfico efetivo do pesquisador para o grupo de pesquisa no qual está agregado, salvo em áreas em que a pesquisa prática, a do laboratório, demande a presença do colaborador. É por isso que, atualmente, as listas de discussão do grupo, e-mails, telefonemas, tornaram-se veículos para troca de informações dos resultados parciais das pesquisas de documentos relevantes ao processo até culminar na publicação dos resultados do trabalho.

Um outro aspecto a ser estudado diz respeito ao uso da bibliometria como indicador da produção científica e sua correlação na dinâmica do campo da Educação e na consolidação de sua agenda de pesquisa ao identificar os grupos de pesquisa e lideranças e partir deles efetivar a análise do campo por meio da análise das redes de colaboração acadêmica.

Nas Ciências Sociais, o termo rede, no singular ou no plural, associa-se ao adjetivo “social” para especificar o campo, mas sem delimitar uma disciplina específica, uma vez que é empregado pela Antropologia, Sociologia, Economia, Ciências Políticas, Ciência(s) da Informação, Ciências da Comunicação, entre outras. Em linhas gerais, os estudos de redes sociais permitiram a construção de uma compreensão inovadora da sociedade, que ultrapassa os princípios tradicionais, nos quais o elo social é visto como algo que se estabelece em função dos papéis instituídos e das funções que lhes correspondem. De forma diferente, o conceito de redes sociais leva a uma compreensão da sociedade a partir dos vínculos relacionais entre os indivíduos, os quais reforçariam suas capacidades de atuação, compartilhamento, aprendizagem, captação de recursos e mobilização. Marteletto (2010, p. 28) esclarece:

Nas ciências humanas, as redes aparecem como uma forma particular de organização social através de grupos, organizações, instituições, firmas, formas transnacionais e urbanas. A origem da palavra rede nos remonta ao latim no século XII, através do mito do fio e da tecelagem presente também na antiguidade grega. O termo designava o conjunto de fios entrelaçados, linhas e nós, e com essa figuração sobre a rede percorremos diversos períodos históricos.

Um dos autores mais significativos no debate sobre o termo Castells (1999), refere-se a rede como uma estrutura invisível da sociedade, sendo ela mesma pensada em termos de rede, que considera a nova morfologia social de nossas sociedades, e completa dizendo que a lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura.

Bach; Domingues; Walter (2013, p. 397) auxiliam o debate sobre a análise de redes como estudo sociométrico afirmando:

Por sua vez, um estudo sociométrico ou de análise de redes sociais de relacionamento, como também é conhecido, concentra sua atenção em atores ou entidades sociais que interagem uns com os outros e no fato de

que essas interações podem ser estudadas e analisadas como uma única estrutura ou esquema (Galaskiewicz; Wasserman, 1994). Wasserman e Faust (1994) destacam que redes sociais podem ser definidas como um conjunto de nós, que correspondem a atores (pessoas ou organizações) ligados por relações sociais ou laços de tipos específicos.

Nas palavras de Dias (2005) a rede como qualquer outra invenção humana é uma construção social. O conceito de Redes Sociais por sua vez está sendo construído a partir do diálogo entre campos como biologia, matemática, antropologia, geografia, sociologia, estudos organizacionais, estudos sobre comunicação e informação.

Vieira, (2009, p. 80) completa:

A análise de redes sociais é uma metodologia oriunda da sociologia e, mais recentemente, tem sido explorada e aplicada em estudos na ciência da informação para compreensão dos fenômenos de fluxos e compartilhamento de informações, ou seja, os fluxos de informação e a construção da simbologia e de outras informações, tendo como partida a lógica das redes.

A mesma autora (2009, p. 81) continua falando de conceitos chave que precisam ser compreendidos para que entendamos a análise de redes sociais:

Esses conceitos são: ator, nó relacional, díade, tríade, subgrupo, grupo, relação e rede social; serão descritos a seguir. Os atores são entidades sociais, sejam elas individuais, corporativas ou coletivas. A denominação ator não traz, necessariamente, no seu interior a habilidade de atuação. Essas entidades encontram-se ligadas a outras, trazendo para si e para quem participa nessas ligações implicações de acordo com a rede na qual estejam inseridos; seja essa implicação de ordem direta ou indireta, dependendo do tipo de ligação entre eles, conforme o nó relacional que os une. O nó relacional é o tipo de ligação existente entre pares de atores. Na ARS, alguns tipos de nós relacionais são comumente encontrados, como: interações comportamentais, relações formais, conexões físicas, associação ou filiação, transferência de recursos materiais, entre outras.

Em outros termos Silva (2012, p. 7-8) pondera:

Na literatura, encontram-se vários conceitos sobre redes, porém a presente pesquisa utiliza o conceito estabelecido por Lara e Lima (2009, p. 627) de que "rede é um conjunto de nós e laços com relações ilimitadas e híbridas articuladas entre sujeitos [...]". Laços, linhas ou arestas são as ligações existentes entre atores de determinada rede; já os nós ou vértices são esses atores, ou seja, os pontos que são ligados pelos laços.

Já Marteleto (2001) alerta que a análise de redes não constitui um fim em si mesma. É um meio de realizar uma análise estrutural a partir da qual é possível mostrar como a forma da rede é explicativa dos fenômenos mostrados. Entender os conceitos chave e sua aplicação é importante para conhecer a integração e a função dos mesmos na rede, como por exemplo podemos citar a localização específica dos atores e sua estrutura relacional como fundamentais para qualquer análise.

Vieira (2009) diz que é preciso lembrar que estudar uma rede específica não pode ser o objetivo em si, mas uma consequência da escolha da relação a ser observada para compreensão de comportamentos, processos de compartilhamento de informações, entre outras possibilidades no estudo de redes sociais.

As análises neste tipo de estrutura são representadas em uma visualização gráfica, onde aparecem os atores, os nós e as relações entre eles para que possamos compreender como se dá o fluxo informacional. Vieira (2009) salienta que:

A análise realizada por meio das redes sociais possui aspectos positivos por abranger tanto o aspecto quantitativo quanto o qualitativo de uma pesquisa. O quantitativo está ligado ao uso da matemática e estatística para evidenciar tendências, e o aspecto qualitativo diz respeito à possibilidade de análise das atitudes, crenças, valores e relacionamentos entre as pessoas que compõem essa rede. Em resumo, a ARS é uma metodologia que contribui de forma significativa para os estudos de redes sociais, sendo que essas últimas são um dos sistemas de colaboração científica mais importante atualmente, no que tange aos fluxos informacionais.

O uso da métricas em pesquisas quanti-qualitativas de forma aliada mostrarão a descrição e a análise dos resultados obtidos através da triangulação de métodos. Tendo como base este tipo de análise o estudo bibliométrico será realizado a partir da produção discente de teses e dissertações sobre Juventudes defendidas em instituições localizadas na Região Sul do Brasil (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) e a análise sociométrica utilizará os dados sobre os orientadores destes mesmos estudos em relação aos grupos com os quais estão ligados a partir do Cadastro de Grupos de Pesquisa do CNPq, disponível em: <http://lattes.cnpq.br/web/dgp/home>.

Sobre os grupos de pesquisa Hayashi e Ferreira Junior (2010, p. 169) esclarecem:

Este se define como um conjunto de indivíduos organizados hierarquicamente, no qual o fundamento organizador dessa hierarquia é a experiência, o destaque e a liderança no terreno científico e tecnológico. Além disso, existe envolvimento profissional e permanente do grupo com atividades de pesquisa e o trabalho se organiza em torno de linhas comuns de pesquisa. Seus integrantes, em algum grau, compartilham instalações e equipamentos.

Ao discutir os fundamentos organizadores da hierarquia existente nos grupos podemos associa-la ao capital simbólico de que nos fala Pierre Bourdieu em artigo intitulado "Capital simbólico e classes sociais" publicado originalmente em 1978 e cuja tradução para o português data de 2013. Em 1983 o mesmo autor define o campo científico como um espaço social com relações de força e disputas.

Para ele, o exame da produção no campo científico não pode restringir-se a uma dimensão exclusivamente estatística, que leva em conta os produtos do trabalho científico. Trata-se também de compreender a acumulação de um capital simbólico que ultrapassa o que os indicadores sociométricos isolados podem revelar.

Todo empreendimento científico de classificação deve considerar que os agentes sociais aparecem como objetivamente caracterizados por duas espécies diferentes de propriedades: de um lado, propriedades materiais que, começando pelo corpo, se deixam denominar e medir como qualquer outro objeto do mundo físico; de outro, propriedades simbólicas adquiridas na relação com sujeitos que os percebem e apreciam, propriedades essas que precisam ser interpretadas segundo sua lógica específica. Isso significa que a realidade social admite duas leituras diferentes: de um lado, aquela armada de um uso objetivista da estatística para estabelecer distribuições (no sentido estatístico e também econômico), expressões quantificadas da repartição de uma quantidade finita de energia social entre um grande número de indivíduos em concorrência, apreendidas por meio de "indicadores objetivos" (ou seja, de propriedades materiais); de outro, a leitura voltada a decifrar significações e a lançar luz sobre as operações cognitivas pelas quais os agentes as produzem e decifram. (BOURDIEU, 2013, p.106)

Assim, no contexto desta dissertação, conforme apontado, inclusive, pelos avaliadores no processo de qualificação do projeto, será necessário fazer um esforço no sentido de interpretar os achados bibliométricos, com base numa compreensão dos indícios histórico-culturais e sócio-políticos do campo em questão, a saber: os estudos sobre juventudes no campo educacional.

Muitos fatores são intervenientes na construção de um campo científico e na produção dele resultante. Mais do que uma métrica bibliográfica – bastante útil e estratégica – pode indicar, a interpretação de um campo, implica compreensão de

relações que lhe antecedem e ultrapassam ao mesmo tempo, como se dá na análise de um discurso. É deste ensaio analítico que esta dissertação se ocupará, resguardadas as limitações inevitáveis das dimensões do trabalho de mestrado e da minha recente aproximação com o campo.

Vale dizer, a essa altura, que o desafio de aproximação com o campo, mapeamento e interpretação consistiu justamente na tarefa formativa do próprio Mestrado em Educação. Formar-me como pesquisadora num exercício de levantamento e hermenêutica que ultrapassa a minha formação inicial como bibliotecária. Para o grupo de pesquisa no qual a dissertação se inscreve, tratou-se de um levantamento necessário e relevante – até então inexistente – com apontamento de pistas para avanço e continuidade das pesquisas desenvolvidas e das parcerias formadas com outros grupos e instituições. Para mim, envolveu diretamente a formação, como pesquisadora, capaz de ir além do exercício sociométrico, desenvolvendo competências de análise histórico-culturais e sócio-políticas consagradas no campo da Educação.

Segundo o próprio Bourdieu (2013):

Diferentemente de uma física social, a ciência social não pode reduzir-se a um registro das distribuições (em geral contínuas) de indicadores materiais das diferentes espécies de capital. Sem identificar-se jamais com um “relatório de relatórios”, ela deve integrar no conhecimento (especializado) do objeto o conhecimento (prático) que os agentes (os objetos) têm do objeto. Em outros termos, ela deve incorporar ao conhecimento (especializado) da raridade e da concorrência pelos bens raros o conhecimento prático que os agentes adquirem dessa competição ao produzir divisões individuais ou coletivas que são tão objetivas quanto as distribuições estabelecidas pelos balanços contábeis da física social. (BORDIEU, 2013, p.107)

O mesmo autor (1983), como já citado anteriormente, define o campo científico como um espaço social com relações de força e disputas permanentes. A definição de temas, descritores, metodologias dotadas, entre tantos outros elementos, não responde apenas a uma boa vontade dos pesquisadores ou uma “evolução natural” da ciência. Sempre estão em jogo muitos outros elementos, que nem sempre conseguimos alcançar com precisão e clareza.

A associação dos pesquisadores aos grupos e suas posições dentro dos mesmos levam em conta o capital simbólico de cada um, como sua capacidade de produzir ciência e de comunicá-la, e assim alterando sistematicamente sua representatividade dentro do campo de conhecimento onde atuam. Segundo ele:

Para não correr o risco de voltar à filosofia idealista, que confere à ciência o poder de se desenvolver segundo sua lógica imanente, é preciso supor que os investimentos se organizam com referência a uma antecipação – consciente ou inconsciente – das chances médias de lucro em função do capital acumulado. Assim, a tendência dos pesquisadores a se concentrar nos problemas considerados como os mais importantes se explica pelo fato de que uma contribuição ou descoberta concernente a essas questões traz um lucro simbólico mais importante. A intensa competição assim desencadeada tem todas as chances de determinar uma baixa nas taxas médias de lucro material e/ou simbólico e, conseqüentemente, uma migração de pesquisadores em direção a novos objetos menos prestigiados, mas em torno dos quais a competição é menos forte. (BOURDIEU, 1983, p.4)

Algumas dessas relações é o que pretendemos mostrar ao utilizarmos a sociometria, para evidenciar as redes formadas a partir dos Grupos de Pesquisas e ensaiar interpretações do que identificamos.

No capítulo 3.3, a seguir, discutiremos sobre quem são os sujeitos quando se fala de juventudes, objeto de estudo dos pesquisadores em Educação cujas teses e dissertações serão mapeadas.

3.3 Pesquisas sobre Juventudes no Brasil

Iniciamos esta seção com uma das questões discutidas no texto de Sposito (2009), que diz respeito a delimitação da condição juvenil, ou seja, quando começa e termina a juventude, visto não se tratar somente de uma condição biológica, ela envolve questões sociais e contingenciais, como relações de gênero, desigualdades, relações étnico-raciais, entre outras.

Schwertner e Fischer (2012) afirmam que inevitavelmente falar em juventude remete sempre ao tema do tempo, pela própria condição desse objeto – uma fase da vida, uma etapa "x" da vida das pessoas.

Sobre juventude Peralva (2007, p. 13) observa:

Nós sabemos, hoje, que as idades da vida, embora ancoradas no desenvolvimento biopsíquico dos indivíduos, não são fenômeno puramente natural, mas social e histórico, datado, portanto, e inseparável do lento processo de constituição da modernidade, do ponto de vista do que ela implicou em termos de ação voluntária sobre os costumes e os comportamentos, ou seja naquilo que ela teve de intrinsecamente educativo.

Peregrino (2003) ao comentar a obra *Juventudes e cidades educadoras*, de Paulo César Rodrigues Carrano define juventude como um estado de limiaridade

social com base na busca de autonomia num mundo social cujas normas, regras e valores não foram completamente assimilados ou recusados. Por este motivo jovens tenderiam a incorporar determinado potencial para a mudança - condição essa determinada não por qualquer "essência" relacionada ao grupo, mas pela posição liminar que ocupam no "mundo social".

A pesquisa sobre o Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: Educação, Ciências Sociais e Serviço Social (1999-2006), publicada em 2009, sob a coordenação da professora Dra. Marília Pontes Sposito (USP) dá continuidade a primeira iniciativa de pesquisa conjunta sobre o tema cujo título "*O Estado do Conhecimento Juventude e Escolarização*", trazia o resultado de um estudo que discutia a produção discente sobre juventude na Pós-Graduação em Educação no período de 1980 a 1998.

Dentro deste propósito a obra traz em seus dois volumes o resultado dos esforços de uma rede nacional de colaboração científica que iniciou em 2000 o processo de parar, observar, coletar dados e disponibilizá-los para que pudéssemos refletir sobre o cenário da pós-graduação sobre juventude no país e a partir daí decidir os rumos a seguir.

A pesquisa mais recente (1999-2006) procura apresentar uma comparação com a produção anterior (1980-1998), sempre que possível, observando temas e aportes teórico-metodológicos utilizados nas áreas de conhecimento analisadas e também sugerindo novas vertentes. A coordenadora Marília Pontes Sposito ressalta em sua introdução que o estudo mais recente (1999-2006) ampliou o escopo do anterior, limitado ao tema Educação, ao incorporar as áreas de Ciências Sociais (Antropologia, Ciência Política e Sociologia) e Serviço Social. Segundo Davies¹ (2007) citado por Sposito (2009, p. 17):

O tema *Juventude* alcançou maior visibilidade nos últimos quinze anos no Brasil como produto da intersecção de vários domínios da vida social e da ação de diferentes atores. Os jovens entram na pauta das políticas públicas como parte da questão social e do crescimento da violência no país. Iniciativas também observadas nesse período, em um primeiro momento nas prefeituras e posteriormente em âmbito federal, tentam trazer para a arena pública novas visibilidades em torno dos segmentos juvenis, considerados como atores capazes de ação e de interlocução política. Há, assim, uma confluência de demandas e de representações no campo

¹ DAVIES, Philip. Revisões sistemáticas e a Campbell Collaboration. In THOMAS, Gary e PRING, Richard. **Educação baseada em evidências**. Porto Alegre: Artmed, 2007

político que se torna uma arena bastante diversificada de iniciativas e de concepções em torno da questão juvenil no país.

O crescimento populacional nesta faixa também a torna mais visível e interessante para pesquisadores que investigam as questões populacionais, seus aspectos sociais e econômicos, como comprova o estudo de Bastos (2006).

Os trabalhos coordenados por Sposito (2009) sobre juventude na pós-graduação foram reunidos em subtemas a partir dos quais foram gerados capítulos discutidos na seguinte dinâmica sequencial:

- A pesquisa sobre Jovens na Pós-Graduação: um balanço da produção discente em Educação, Serviço Social e Ciências Sociais (1999-2006);
- Juventude e Escola;
- Adolescentes em processos de exclusão social;
- Jovens Universitários: acesso, formação, experiências e inserção profissional;
- Jovens, sexualidade e gênero;
- Jovens e trabalho;
- Juventude, Mídias e TIC;
- Os estudos sobre jovens na intersecção da escola com o mundo do trabalho;
- Os estudos sobre grupos juvenis: presenças e ausências;
- Estudos sobre jovens na interface com a política;
- Estudos históricos sobre a juventude: estado da arte.

A autora esclarece que o número reduzido de trabalhos que envolvem juventude pode ser influenciado por diversos fatores, entre eles destaca os prazos para conclusão de mestrados e doutorados, que inviabilizam certos tipos de pesquisa, o custo da investigação, sem falar na necessária harmonização entre os interesses do aluno e do orientador nas linhas de pesquisa onde atua.

Verifica-se, finalmente, a carência de estudos que tratem de aspectos mais transversais da vida dos jovens, capazes de dialogar com diferentes domínios (família, escola, trabalho, relações de amizade, vida no bairro, entre outros). Essa transversalidade no estudo dos jovens, integrando vários aspectos da experiência cotidiana, poderá ter o bairro ou a cidade como ponto de partida, articulando práticas socializadoras ou da sociabilidade ou mesmo de ambas. É importante deslocar os modos de apreensão das problemáticas de pesquisa, privilegiando, também, a dimensão espacial na constituição da experiência juvenil, quer sob o ponto

de vista dos territórios estigmatizados quer das mobilidades e dos deslocamentos que reconfiguram relações e modos de apropriação do espaço, criam novos conflitos e assimetrias na cena urbana ou na área rural em regiões de intensa mutação. (SPOSITO, 2009, p. 30-31)

A discussão sobre estes aspectos já podem ser encontradas em dissertações e teses desenvolvidas na área de Ciências Sociais, embora ainda sejam tímidas as iniciativas na área de Educação. Situa-se também neste espaço o caráter prioritariamente urbano dos estudos, onde encontramos pouco interesse pelo jovem de áreas rurais, cuja realidade e problemáticas são diferentes dos residentes nos espaços urbanos. Mesmo as questões já consagradas citadas anteriormente como jovens e o mundo do trabalho e jovens e escola tem na questão territorial um viés que as altera significativamente.

Sposito (2009) destaca, ainda, as profundas mudanças decorrentes da evolução nos processos de socialização e sociabilidade dos jovens, principalmente as decorrentes do uso intenso das tecnologias da informação, que obrigam os pesquisadores da área a recorrerem a teorias e experiências desenvolvidas nas áreas afins para entendê-las e explicar como afetam e continuarão afetando a realidade da juventude. Daí surge a reconfiguração da definição de tempo e espaço decorrente da adoção das tecnologias de informação, que levam a uma desregulação das etapas e sua descronologização em relação ao ciclo da vida e a experiência juvenil.

Tem tido também espaço a questão da violência na escola, o que pode ser explicado pelo aumento de situações veladas ou explícitas vivenciadas por estudantes e professores em suas relações no universo escolar. Situações que refletem sempre o desrespeito ao outro, manifesto de forma física, moral, psicológica ou simbólica. Dayrell et al. (2009, p. 66) destaca:

Em relação às concepções, vários desses trabalhos constataam que os jovens possuem um olhar crítico acerca da violência, quase sempre visto de forma negativa. Ao mesmo tempo, eles parecem relativizar o que sabem de violência, levando em conta quem a pratica, contra quem e por que é realizada, ancorados em conjuntos de valores e normas que os orientam.

A relativização mencionada anteriormente salienta o preconceito latente que se manifesta quando os jovens se dizem contra a violência, mas toleram ou incentivam a mesma dependendo de quem a sofre ou de quem a aplica. A violência escolar contudo não pode ser vista como algo isolado, é resultado de uma crise da

instituição escola em sua relação com a sociedade, reproduzida nas relações e conflitos intramuros.

Embora somente tenha tido acesso ao resultado da pesquisa e não aos documentos primários consultados pelos pesquisadores, um aspecto que se destaca é o aparente caráter diagnóstico da maioria deles, poucos estudos parecem envolver o pesquisador não só na identificação de problemas e situações, mas na revisão das práticas desenvolvidas na elaboração de propostas de ação para melhorá-las. Sei que este tipo de pesquisa possui metodologia própria, que se relaciona com seu propósito ativo em contraponto com o diagnóstico, mas a identificação deste aspecto não apareceu no texto.

Os estudos destacam o fato de que os jovens não se reconhecem no que a escola ensina, e por isto a escolarização não produz para eles um sentido. Não veem refletido na escola sua identidade pessoal ou cultural, não encontrando ali o espaço de pertencimento necessário para que a vejam como espaço de aproximação e de convivência, encontrando no interior da escola as expressões da cultura juvenil. Segundo Dayrell et al. (2009) a abordagem teórica destes estudos baseia-se nos estudos culturais, com predomínio de autores como Stuart Hall (1997, 2003), e na vertente do multiculturalismo presente no cenário educacional brasileiro no final dos anos 90, autores como Vera Candau (2002) e Tomas Tadeu (1999) são normalmente citados.

O mesmo autor esclarece o uso do termo juventudes cujo uso tem crescido gradualmente na literatura da área:

Contudo, podemos constatar um avanço significativo de pesquisas que trabalham com a juventude como categoria analítica, para além de uma delimitação da faixa etária. Evidenciam uma preocupação em tratar o objeto da investigação a partir de recortes teóricos disponíveis na literatura nacional e internacional. Nesses trabalhos há uma preocupação em considerar as especificidades da condição juvenil como dimensões presentes na análise dos dados empíricos. Mas podemos dizer que em uma parte desses estudos a distinção entre fase de vida – juventude – e os sujeitos que a vivenciam, os jovens, significou um progressivo enriquecimento da análise, sobretudo na área da Educação, que, de modo disseminado, utiliza a ideia da juventude no plural – juventudes. (DAYRELL et al., 2009, p. 107)

Podemos encontrar então nos estudos que tratam deste universo as juventudes convivendo e trocando experiências presencial ou virtualmente, e na identificação destes temas discutir o que acontece com eles para além da escola.

Neste momento os autores do Estado da Arte trazem o tema adolescentes em processos de exclusão social, que envolvem jovens em situações de risco e de vulnerabilidade. Cabe salientar que neste momento do texto fala-se em adolescente, termo que identifica determinada faixa etária² do desenvolvimento biológico, e portanto mais limitado do que jovem ou juventude, que se refere a pessoas de 15 a 29 anos, como consta no Estatuto da Juventude já mencionado nesta dissertação. Destacam-se aqui os estudos sobre jovens em conflito com a lei, programas e ações para adolescentes pobres, adolescentes de/na rua e adolescentes abrigados. Ao mesmo tempo os autores verificam que o tema em muitos casos é tratado dentro da questão juventude e violência, tendo em vista as discussões afins que se desenvolvem, muitas das quais trazem a tona das questões legais decorrentes da situação do jovem em suas relações sociais e atitudes frente à figuras e instituições que representam autoridade.

Outro subtema trata da experiência dos jovens na universidade destacando-se a questão do crescimento do número de pessoas com acesso a educação superior, como o ingresso destes novos atores no cenário, oriundos de classes e etnias distintos refletirão nos conflitos decorrentes destes encontros.

As teses e dissertações analisadas tratam de aspectos como: acesso e condições de permanência no ensino superior, análise de trajetórias e longevidade escolar nos meios populares, escolha, formação e inserção profissional, opiniões, interesses e experiências de estudantes universitários. A este respeito Carrano (2009, p. 181) destaca o fato de que pode ser uma área de estudo em expansão:

Uma das tarefas das investigações que queiram aprofundar o conhecimento sobre o estudante universitário estaria nessa busca de inventariar a multiplicidade de variáveis que configuram a condição de ser estudante. A trajetória dos estudos relacionados com as desigualdades de escolarização entre as classes sociais e a problemática dos estudantes universitários de origem popular são temas ainda pouco estudados no Brasil e que cobram a atenção para as diferentes estratégias utilizadas não apenas pelas famílias, mas também pelos jovens populares em suas iniciativas de acesso à universidade e, principalmente, pelos seus “pulos” para se manterem na instituição e concluírem os cursos que “escolheram” – ou que suas condições de classe e capitais permitiram que escolhessem.

² Segundo os Descritores em Ciências da Saúde, publicados pela BIREME - Sistema Latino-Americano e do Caribe de Informações em Ciências da Saúde, corresponde a humanos de 13 a 18 anos de idade. Disponível em: <http://decs.bvs.br>. Acesso em: 08 jun. 2015.

No subtema jovens, sexualidade e gênero foram analisadas dissertações e teses que tratavam sobre: parentalidade, sexualidades, DSTs/AIDS, educação sexual, masculinidades e feminilidades e educação formal.

Carvalho, Souza e Oliveira (2009, p. 231) salientam:

Boa parte desses trabalhos mantém o perfil indicado anteriormente de uma preocupação com as possíveis intervenções da escola junto a situações consideradas *a priori* como problemas. Embora minoritários, há, ainda na área de Educação, um número crescente de estudos que abordam essas questões a partir de novos olhares, procurando compreender o significado das sexualidades para os/as jovens e articulando-o às relações de gênero. Além disso, são principalmente os trabalhos provenientes de programas de pós-graduação em Educação que introduzem questões novas no estudo da escola e da educação formal em geral, associando-as não apenas com as sexualidades, mas também com as relações de gênero, os processos de construção de masculinidades e feminilidades entre os jovens; abordando as articulações do gênero com o conhecimento escolar e, finalmente, começando a cobrir a lacuna apontada no levantamento anterior quanto à ausência de estudos sobre homossexualidade.

Nota-se que os estudos analisados traçam o crescimento da discussão sobre sexualidade e gênero articulados ou não juventude, com diversificação dos aspectos estudados.

O subtema jovens e trabalho abrange teses e dissertações onde se concentram pesquisas que ultrapassam os muros escolares e estudam a relação dos jovens com o trabalho, incluindo aí as transformações ocorridas no mundo do trabalho e sobre o lugar ocupado por ele na vida de crianças e jovens. Com base nesta discussão Corrochano e Nakano (2009, p. 17) constata:

Um grande número dos trabalhos aqui analisados evidencia uma porosidade entre o campo político e o campo acadêmico, dado que muitos dos atores que estão buscando construir algumas saídas concretas para as mutações do trabalho acabam por realizar estudos a partir de suas próprias experiências, sendo esta perspectiva mais forte nas áreas de Educação e Serviço Social.

Os aspectos abordados nas teses e dissertações sobre Educação e Trabalho falavam de: programas/projetos de qualificação e/ou apoio à inserção de adolescentes e jovens, trabalho de crianças e adolescentes, mundo do trabalho: experiências e significados sob o ponto de vista dos jovens, mutações no mundo do trabalho: para além da qualificação profissional e do trabalho assalariado.

Corrochano e Nakano (2009) ressaltam, ainda, que existe na área de Educação uma tendência no sentido de estabelecer nexos entre as transformações

do mundo do trabalho e as novas exigências em termos de formação, sendo mais citados os autores brasileiros Frigotto (1993, 1996, 1998), Kuenzer (1986, 1997) e Saviani (1987). Nota-se que os autores dos estudos nesta área precisaram fundamentar seus discursos com uma incursão em áreas como Sociologia e Economia, para ter uma base de conhecimento sobre o mundo do trabalho.

Segundo Setton (2009) quando o Estado da Arte foi escrito as discussões sobre jovens, mídias e TIC na área de educação ainda não estavam consolidadas, mas hoje podemos vislumbrar um desenvolvimento grande quando relacionamos estes conceitos.

Os estudos analisados foram agrupados segundo os temas: novas mídias, velhas mídias, recursos pedagógicos e imagens e representações. Quando fala-se em velhas mídias destacam-se os estudos sobre juventude que envolviam a televisão, embora também tenham sido mencionadas outras formas de comunicação de massa, sua principal característica é o fato de que são formas unilaterais de comunicação.

Grande parte dos trabalhos utiliza a categoria juventude como sinônimo da categoria adolescente sem se preocupar em circunscrever teoricamente suas diferenças. A faixa etária analisada na maioria das investigações está entre 14 a 25 anos. O interesse em trabalhar com este segmento da população deriva do fato de acreditarem que os jovens estão em fase de construção de suas identidades e, portanto, são mais vulneráveis na apreensão e influência das mídias em seus comportamentos e subjetividades. As características culturais e sociais específicas desta faixa etária são pouco problematizadas tanto do ponto de vista psicológico quanto do sociológico. (SETTON, 2009, p. 65)

Foram incluídos no subtema educação e grupos emergentes pois na época ainda não tinham tradição de pesquisa os estudos sobre grupos juvenis e formas associativas juvenis. Os estudos foram agrupados em: grupos juvenis, formas de aparecimento e expressões, grupos juvenis e as vivências de seus integrantes, grupos juvenis e educação escolar, grupos juvenis e violência.

Ao falarem dos estudos sobre jovens na interface com a política Sposito, Brenner e Moraes (2009, p. 175) esclarecem:

O balanço dos estudos que relacionam os jovens com algum aspecto da prática política constitui um desafio importante para o campo de pesquisa, uma vez que essa ótica marcou os estudos pioneiros sobre juventude no Brasil, no início dos anos 1960. Nesse período, as pesquisas desenvolvidas por Marialice Foracchi (1972, 1977, 1982), sobre a participação política de

jovens universitários nos movimentos estudantis, marcaram o início consistente de uma reflexão sobre a juventude no Brasil.

As teses e dissertações defendidas neste subtema desenvolveram aspectos como: participação e mobilização estudantil, outras modalidades de ação coletiva de jovens, protagonismo juvenil, cultura política, socialização política e capital social e políticas públicas/sociedade civil/jovens.

No subtema estudos históricos sobre juventude parece haver um hiato, pois o estudo *O Estado da Arte* relata que poucos trabalhos enfocam questões sobre história da educação de jovens. Hilsdorf e Peres (2009, p. 214) comentam:

De qualquer forma, pela via da história da educação há estudos sobre as instituições dedicadas ao ensino médio em suas várias modalidades; entretanto, raros são os trabalhos que tomam os jovens como objeto de estudo: a documentação institucional é mais acessível do que a dos alunos, pois esta pressupõe o trabalho com a memória e com depoimentos, fontes de relativa complexidade para a pesquisa historiográfica.

O ensino médio parece sofrer do que os autores anteriormente citados chamam de crise identitária, ao mesmo tempo em que questões históricas são discutidas como base conceitual e/ou situacional para estudos mencionados nos subtemas anteriores, como jovens e violência, jovens e o mundo do trabalho ou juventude e política, por exemplo.

No estudo em questão verificou-se que de todos os documentos produzidos apenas 6% tratavam de juventude na área da Educação, embora o crescimento do número de dissertações e teses tenha tido grande no mesmo período.

Há algumas diferenças nas ênfases e na frequência de temas de acordo com as áreas. Se considerarmos a produção em Educação, observa-se uma forte presença de estudos que se voltam para as trajetórias escolares dos jovens (educação básica e universitária), perfazendo quase 40% das dissertações e teses. Essa característica reitera as observações realizadas no último *Estado da Arte*, mas apresenta algumas alterações que sinalizam mudanças importantes. No período anterior esse conjunto de trabalhos representava mais de 47% dos estudos, ou seja, ocupava um espaço maior no conjunto da reflexão na área que se voltou, no estudo atual, para a pesquisa de novos assuntos. Por outro lado, o tema dominante situava-se nas interfaces entre *Jovens, Mundo do Trabalho e Escola* enquanto no presente balanço essa interface é menos frequente, dando lugar aos estudos centrados apenas na vida escolar. (SPOSITO, 2009, p. 24)

Contudo Sposito (2009) alerta que o traço mais comum na produção acadêmica tem sido a ausência de diálogo entre os estudos, fato que pode prejudicar ou mesmo impedir a acumulação de conhecimento na sobre o tema.

O estudo Estado da Arte levanta diversas questões para debate e nos proporciona uma direção a seguir quando pensamos em aprofundar o debate sobre as juventudes. Complementando esta ideia Silva e Silva (2011) consideram importante salientar que, mesmo incluindo sujeitos de uma mesma faixa etária, a juventude possui características diferenciadas de acordo com o contexto no qual os jovens estão inseridos. Por essa razão, a literatura atual tem utilizado a palavra juventude no plural. O uso da expressão “juventudes” representa o reconhecimento da necessidade de, ao se tratar de jovens, levar em conta que esse segmento constitui identidades e singularidades de acordo com a realidade de cada um.

Estas colaborações reforçam as discussões que tem surgido na literatura sobre a pluralidade das questões ligadas às juventudes. Desde a promulgação do Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990 que elevou crianças e adolescentes de objetos a sujeitos na esfera legal. A aprovação da Proposta de Emenda Constitucional nº 65, conhecida como PEC da Juventude, em julho de 2010, teve sua inserção oficial no capítulo dos Direitos e Garantias Fundamentais da Constituição Federal, esta complementada pelo Plano Nacional de Juventude que foi elaborado após um grande debate nacional com as juventudes promovido pela Câmara de Deputados, determinou como objetivos: incorporar integralmente os jovens ao desenvolvimento do País, por meio de uma política nacional de juventude voltada aos aspectos humanos, sociais, culturais, educacionais, desportivos, religiosos e familiares; construir espaços de diálogo e convivência plural, tolerantes e equitativos, entre as diferentes representações juvenis.

O documento propõe uma política pública com o enfoque no jovem como ator social estratégico do desenvolvimento, inseridos no processo de construção, acompanhamento e avaliação das políticas públicas. Contudo há um caminho longo a percorrer para que os direitos e as singularidades dos jovens sejam respeitadas, pois não bastam as disposições legais, como em todos os outros direitos conquistados, é preciso haver mobilização permanente para garantir o que foi estabelecido bem como a continuidade das discussões e dos avanços necessários.

As juventudes não são um conceito acabado, estão, como aliás toda a sociedade, em permanente transformação.

4 APRESENTAÇÃO DOS PRINCIPAIS ACHADOS

Os dados obtidos a partir desta pesquisa serão expostos nos itens a seguir, divididos entre Instituições Programas de Pós-Graduação, Teses e dissertações mapeadas, Emergências temáticas e Pesquisadores e grupos.

4.1 Instituições e Programas de Pós-Graduação

A partir dos dados constantes no Portal da CAPES (disponível em: <http://www.capes.gov.br/avaliacao/dados-do-snpq/cursos-recomendados-reconhecidos>), foram selecionados programas pertencentes a instituições de ensino que se enquadravam nos critérios previamente definidos, ou seja, Programas Acadêmicos de Pós-graduação em Educação de instituições localizadas na região sul do Brasil.

No quadro abaixo estão listados os 32 programas localizados na região sul, entre mestrados acadêmicos e doutorados e encontra-se no APÊNDICE A um quadro contendo os endereços dos programas com links para acesso aos mesmos.

Quadro 4 - Cursos de pós-graduação em Educação recomendados/reconhecidos pela CAPES

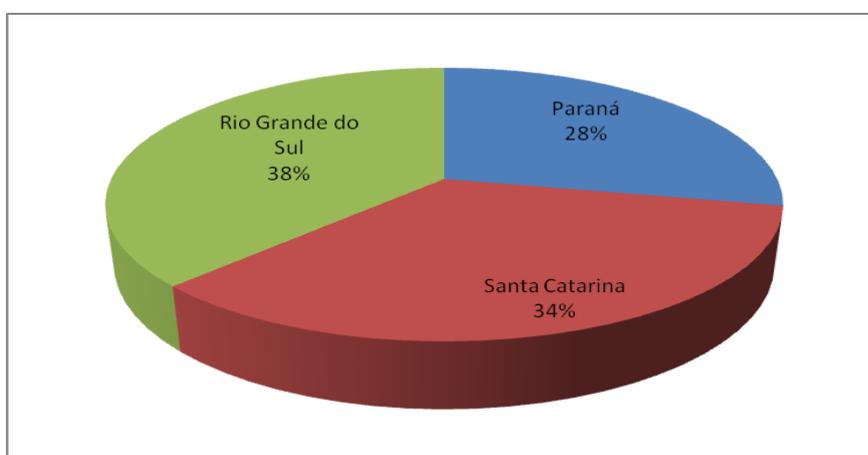
IES	CIDADE	UF	CONCEITO	
			M	D
UFPR - Universidade Federal do Paraná	Curitiba	PR	5	5
UEL - Universidade Estadual de Londrina	Londrina	PR	4	-
PUC/PR - Pontifícia Universidade Católica do Paraná	Curitiba	PR	5	5
UEM - Universidade Estadual de Maringá	Maringá	PR	5	5
UEPG - Universidade Estadual de Ponta Grossa	Ponta Grossa	PR	4	4
UNICENTRO - Universidade Estadual do Centro-Oeste	Guarapuava	PR	3	-
UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná	Cascavel	PR	3	-
UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná	Francisco Beltrão	PR	3	-
UTP - Universidade Tuiuti do Paraná	Curitiba	PR	4	4
UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Porto Alegre	RS	6	6
UFSM - Universidade Federal de Santa Maria	Santa Maria	RS	5	5
UFPEL - Universidade Federal de Pelotas	Pelotas	RS	5	5
FURG - Universidade Federal do Rio Grande	Rio Grande	RS	3	-

PUC/RS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	Porto Alegre	RS	6	6
UNISINOS - Universidade do Vale do Rio dos Sinos	São Leopoldo	RS	7	7
UCS - Universidade de Caxias do Sul	Caxias do Sul	RS	4	-
FUPF - Fundação Universidade de Passo Fundo	Passo Fundo	RS	4	4
URI - Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões	Frederico Westphalen	RS	3	-
ULBRA - Universidade Luterana do Brasil	Canoas	RS	4	-
UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul	Santa Cruz do Sul	RS	3	-
UNILASALLE - Centro Universitário La Salle	Canoas	RS	4	4
UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina	Florianópolis	SC	5	5
UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina	Florianópolis	SC	4	4
UNIVILLE - Universidade da Região de Joinville	Joinville	SC	3	-
UNIVALI - Universidade do Vale do Itajaí	Itajaí	SC	4	4
FURB - Universidade Regional de Blumenau	Blumenau	SC	4	-
UNOESC - Universidade do Oeste de Santa Catarina	Joaçaba	SC	3	-
UNISUL - Universidade do Sul de Santa Catarina	Tubarão	SC	3	-
UNESC - Universidade do Extremo Sul Catarinense	Criciúma	SC	3	-
UNOCHAPECÓ - Universidade Comunitária da Região de Chapecó	Chapecó	SC	3	-
UNIPLAC/SC - Universidade do Planalto Catarinense	Lages	SC	3	-
UFFS - Universidade Federal da Fronteira Sul	Chapecó	SC	3	-

Fonte: Página da Fundação CAPES, disponível em: <http://www.capes.gov.br/avaliacao/dados-do-snp/cursos-recomendados-reconhecidos>. Acesso em: jan. 2015. Atualmente a CAPES direciona as pesquisas para a Plataforma Sucupira.

O gráfico a seguir apresenta a distribuição percentual dos Programas nos três estados da federação. O Rio Grande do Sul conta com o maior número de Programas recomendados/avaliados e com os únicos dois Programas da Região avaliados com conceitos 6 e 7 pela CAPES.

Gráfico 1 - Distribuição dos Cursos de Pós-Graduação em Educação por Estado



Fonte: Dados da pesquisa

4.2 Teses e Dissertações Mapeadas

Conforme conta no item Metodologia a primeira parte da pesquisa foi documental, com o objetivo de identificar, verificar e analisar documentos e as informações neles contidas.

A seguir no Quadro 6 estão registrados os números de estudos concluídos nas instituições localizadas na região sul do país, no período de 2010 a 2014. Onde se verifica um crescimento contínuo do número de dissertações e teses defendidas.

Quadro 6 - Número de estudos por ano

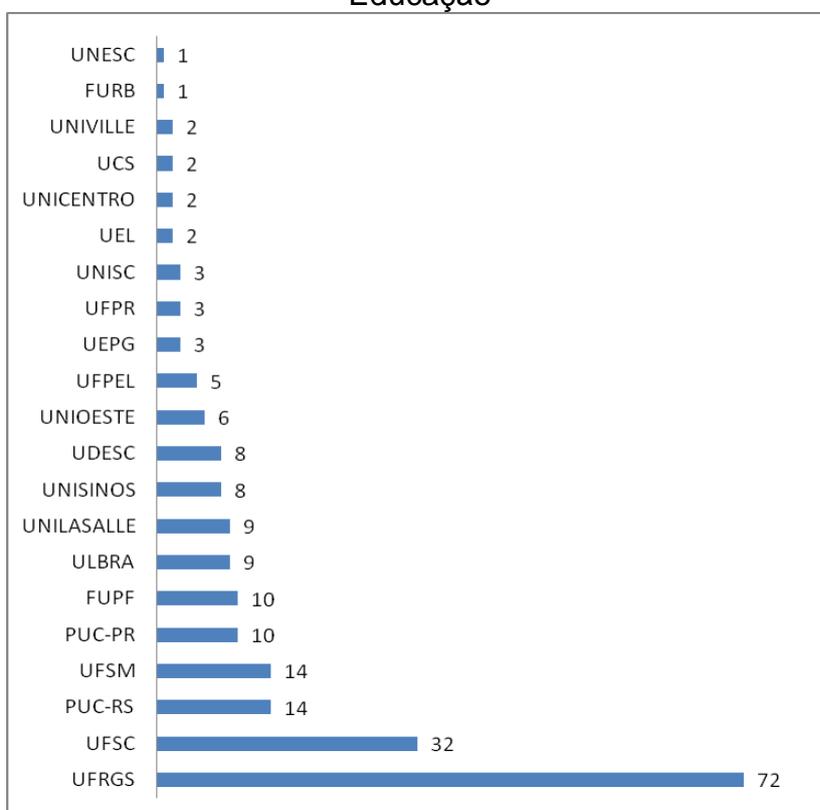
INSTITUIÇÃO	UF	2010	2011	2012	2013	2014	TOTAL
PUC-PR	PR	3	3	1	2	1	10
UEL	PR	0	0	0	2	0	2
UEPG	PR	0	1	1	0	1	3
UFPR	PR	1	0	0	2	0	3
UNICENTRO	PR	0	0	0	0	2	2
UNIOESTE	PR	2	2	0	1	1	6
FUPF	RS	0	2	4	3	1	10
PUC-RS	RS	1	4	1	5	3	14
UCS	RS	1	1	0	0	0	2
UFPEL	RS	1	0	0	1	3	5
UFRGS	RS	9	16	16	14	17	72
UFSM	RS	3	0	4	3	4	14
ULBRA	RS	3	3	1	0	2	9
UNILASALLE	RS	1	1	2	1	4	9
UNISINOS	RS	3	0	1	2	2	8
FURB	SC	0	1	0	0	0	1
UDESC	SC	2	1	3	0	2	8
UFSC	SC	5	8	7	4	8	32
UNESC	SC	0	0	0	0	1	1
UNISC	SC	1	2	0	0	0	3
UNIVILLE	SC	0	0	0	2	0	2
TOTAL		36	45	41	42	52	216

Fonte: Dados da pesquisa.

No gráfico abaixo podemos comparar a quantidade de documentos produzidos em cada uma das instituições cuja produção fez parte do estudo. Recordamos que dos 32 Programas de Pós-Graduação em Educação localizadas na região sul apenas em 21 Programas foram identificados estudos adequados aos critérios estabelecidos nesta dissertação.

Das 32 instituições que possuem Programas de Pós-Graduação em educação somente 21 produziram as 216 dissertações ou teses recuperadas a partir do uso dos termos anteriormente citados (juventude, juventudes, jovem ou jovens). Não foi possível verificar a incidência de uso de cada termo individualmente, tendo em vista que eventualmente dois os mais termos foram localizados no mesmo registro bibliográfico, pois isto dependia da terminologia adotada pelos autores na redação de seus textos.

Gráfico 2 - Distribuição dos Documentos por Programa de Pós-Graduação em Educação



Fonte: Dados da pesquisa.

No Gráfico 2, acima mostrado, apresentamos em números a distribuição dos documentos por Programa de Pós-Graduação em Educação. O quadro completo contendo a listagem dos 216 documentos e seus endereços de acesso encontra-se no APÊNDICE B.

No referido Gráfico destacam-se a disparidade das quantidades de estudos desenvolvidos por discentes das instituições UFRGS e UFSC, respectivamente, que são instituições públicas sediadas em duas capitais da região sul.

4.3 Emergências Temáticas

Inicialmente adotamos uma abordagem quantitativa, mas a análise qualitativa de fez necessária visto que somente a primeira é insuficiente para mostrar um panorama completo da situação, a partir de uma pesquisa bibliográfica nas bases, catálogos e repositórios anteriormente citados.

A maior dificuldade não havia sido identificada na fase de projeto, e se refere a variedade de programas utilizados pelas instituições para registro de sua produção nas Bibliotecas vinculadas. Esta diversidade provocou um atraso considerável nas buscas, pois tivemos que em cada uma das instituições primeiro conhecer os mecanismos de busca e suas possibilidades/peculiaridades, para depois efetuar as buscas propriamente ditas.

Alguns programas permitiam o uso de operadores booleanos como "and", "or" e "not", e nestes casos utilizamos a seguinte estratégia:

juventude <u>or</u> juventudes <u>or</u> jovem <u>or</u> jovens

Em outros casos tínhamos que buscar um termo de cada vez, o que terminou por estender o prazo inicialmente definido para esta etapa.

Após a definição da estratégia iniciamos o preenchimento da primeira planilha, desenvolvida com o uso do software Excel, a mesma contava com colunas intituladas: título, autor, orientador, ano, instituição, nível (T/D), e endereço eletrônico.

Após a definição dos documentos que seriam analisados iniciamos o preenchimento da segunda planilha, também desenvolvida com o uso do software Excel. Esta tinha por objetivo registrar as palavras-chave escolhidas pelos autores, e que contava colunas intituladas: título, assunto 1, assunto 2, assunto 3, assunto 4, assunto 5. Nos poucos casos em que os autores definiram mais de 5 palavras-chave, estas foram registradas juntas na coluna 5, separadas por uma mudança de parágrafo. Como o quadro completo é muito extenso para sua inclusão no corpo do texto, o mesmo encontra-se no APÊNDICE C.

A diversidade pode ser medida pelo fato de que apesar de termos identificado cerca de 590 termos ou expressões usadas como palavras-chave, agrupamos as mesmas em 10 (dez) assuntos, listados abaixo, e nos quais identificamos mais ocorrências.

Quadro 7 - Assuntos recorrentes nas palavras-chave

PALAVRAS-CHAVE	OCORRÊNCIAS
Educação de Jovens e Adultos	40
Ensino médio	20
Estudos culturais	12
Trabalho	19
Políticas públicas	16
Identidade	8
Violência	8
Cultura juvenil	6
Discurso	6
Formação de professores	6

Fonte: Dados da pesquisa.

Destacam-se com maior incidência os estudos que abordam a educação de jovens e adultos, e com menor frequência, mas ainda em destaque estudos sobre ensino médio, estudos culturais, trabalho e políticas públicas.

4.4 Pesquisadores e Grupos

A partir da primeira planilha mencionada no item 5.2 também foi possível extrair a relação dos 143 orientadores e co-orientadores dos trabalhos, a lista completa encontra-se no APÊNDICE D desta dissertação. Não foram incluídos no levantamento dos grupos de pesquisa os 124 orientadores que orientaram 1 ou 2 estudos. No Quadro abaixo relacionamos os 19 docentes que orientaram 3 ou mais estudos.

Quadro 8 - Docentes com 3 ou mais orientações

ORIENTADOR	QUANTIDADE DE ORIENTAÇÕES
Cleber Gibbon Ratto	8
Elisabete Maria Garbin	8
Maria Hermínia Lage Fernandes Laffin	5
Maria Stephanou	5
Naira Lisboa Franzoi	4
Peri Mesquida	4
Rosa Maria Bueno Fischer	4
Adriano Canabarro Teixeira	3
Carmem Maria Crady	3
Carmen Lúcia Bezerra Machado	3
Dagmar Elisabeth Estermann Meyer	3
Iara Tatiana Bonin	3
Ione Ribeiro Valle	3
Juan José Mouriño Mosquera	3
Malvina do Amaral Dorneles	3
Marcos Villela Pereira	3
Maria Clara Bueno Fischer	3
Maria Luisa Merino de Freitas Xavier	3
Olga Celestina da Silva Durand	3

Fonte: Dados da pesquisa.

Foi feita uma consulta às páginas preliminares de todas as teses e dissertações que fizeram parte deste estudo, como folhas de rosto, resumos e folha da aprovação, para verificar a quais linhas de pesquisa os discentes estavam ligados. No quadro abaixo estão listadas as linhas com o número de ocorrências correspondentes.

Uma lista completa contendo também indicação das teses e dissertações relacionadas a cada linha encontra-se no APÊNDICE E.

Quadro 9 - Linhas de pesquisa

Linha de Pesquisa	Quantidade de estudos
Educação, cultura e ação pública	3
Educação, culturas, memórias ações coletivas e estado	1
Educação, sexualidade e relações de gênero	1
Ensino e formação de educadores	2
Estudos culturais	1
Estudos culturais em educação	7
Ética, alteridade e linguagem na educação	4
Gestão de políticas, processos educacionais e exclusão social	1
História e políticas da educação	2
História, memória e educação	4

Informação não consta no documento	35
Políticas e gestão de processos educacionais	4
Práticas escolares e políticas públicas	2
Trabalho, movimentos sociais e educação	6

Fonte: Dados da pesquisa.

A consulta ao Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil LATTES, disponível em <http://lattes.cnpq.br/web/dgp> possibilitou verificar os grupos de pesquisa aos quais os orientadores estão ligados, como líderes ou como pesquisadores, para identificar as pessoas que compartilham os mesmos grupos.

Quadro 10 - Orientadores e seus grupos de pesquisa

Orientador	Grupo de Pesquisa	IES	Perfil	Formação do Grupo
1. Adriano Canabarro Teixeira	Grupo de estudo e pesquisa em inclusão digital	UPF	Líder	2004
2. Carmem Maria Craidy	Núcleo de educação, exclusão e violência social: adolescentes em conflito com a lei, meninos de rua e violência nas escolas	UFRGS	Líder	2002
	Observatório de Educação da Universidade de Caxias do Sul	UCS	Pesq.	2008
3. Carmen Lúcia Bezerra Machado	Formação de Professores no Mercosul/Cone Sul	UFRGS	Líder	1993
	Trabalho, Movimentos Sociais, Educação		Líder	2002
	Interdisciplinar Educação e Saúde		Líder	2010
4. Cleber Gibbon Ratto	Cultura Contemporânea, Sociabilidades e Práticas Educativas	UNILASALLE	Líder	2009
	Cultura, Subjetividade e Políticas de Formação	PUC-RS	Pesq.	2008
5. Dagmar Elisabeth Estermann Meyer	Grupo de Estudos de Educação e Relações de Gênero - GEERGE	UFRGS	Pesq.	1990
	Centro de Estudos Internacionais sobre Governo	UFRGS	Pesq.	1999
	EducaSaúde - Educação e Ensino da Saúde	UFRGS	Pesq.	2005
6. Elisabete Maria Garbin	Núcleo de Estudos sobre Currículo, Cultura e Sociedade	UFRGS	Pesq.	1996
	GPFOPE-Formação de professores e práticas educativas: educação básica	UFRGS	Pesq.	2002

		e superior			
7.	Elisete Medianeira Tomazetti	Filosofia, Cultura e Ensino Médio	UFSM	Líder	2005
8.	Iara Tatiana Bonin	Cultura e Educação	ULBRA	Líder	2002.
		LinCE - Linguagem, cultura e educação	UNISC	Pesq.	2009.
		Núcleo de Estudos sobre Currículo, Cultura e Sociedade	UFRGS	Pesq.	1996.
9.	Ione Ribeiro Valle	Observatório de Práticas Escolares	UDESC	Pesq.	2011.
		Ensino e formação de educadores em Santa Catarina	UFSC	Líder	1997.
		Laboratório de Pesquisas Sociológicas Pierre Bourdieu (LAPSB)	UFSC	Líder	2015.
10.	Malvina do Amaral Dorneles	Núcleo de Estudos Educação e Gestão do Cuidado	UFRGS	Líder	2002
		Interdisciplinar Educação e Saúde	UFRGS	Pesq.	2010
11.	Marcos Villela Pereira	Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação e Imaginário Social	UFSM	Pesq.	1993
		Adultos, Jovens e Educação no contemporâneo	PUC-RS	Pesq.	2007
		Cultura, Subjetividade e Políticas de Formação	PUC-RS	Líder	2008
12.	Maria Clara Bueno Fischer	Trabalho e Educação	UFF	Pesq.	1987
		Trabalho, Movimentos Sociais, Educação	UFRGS	Pesq.	2002
		NIEPE-EJA Núcleo Interdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão em Educação de Jovens e Adultos	UFRGS	Pesq.	2006
		Trabalho, Educação e Conhecimento	UNISINOS	Líder	2008
13.	Maria Hermínia Lage Fernandes Laffin	PCEADIS	UFSC	Pesq.	2007
		Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos (EPEJA)	UFSC	Líder	2010
		Núcleo de Estudos sobre Trabalho e Ensino em Contabilidade - NETEC	UFSC	Pesq.	2002
14.	Maria Luisa Merino de Freitas Xavier	Núcleo de Estudos sobre Currículo, Cultura e Sociedade	UFRGS	Pesq.	1996
		Grupo de Pesquisa sobre Educação e Disciplinamento - GPED	UFRGS	Pesq.	1992

15. Maria Stephanou	Histórias e Memórias da Educação Brasileira e da Cultura Escolar	UFRGS	Líder	2001
	TRANSFOPRESS Brasil - Grupo de Estudos da Imprensa em Língua Estrangeira no Brasil	UNESP	Pesq.	2013
16. Naira Lisboa Franzói	Trabalho, Educação e Conhecimento	UNISINOS	Pesq.	2008
	Núcleo de Estudos de Política e Gestão da Educação	UFRGS	Pesq.	1988
17. Olga Celestina da Silva Durand	Estudos e Pesquisas em Educação de Jovens e Adultos (EPEJA)	UFSC	Pesq.	2010
18. Peri Mesquida	Pensamento Educacional Brasileiro: História e Políticas	PUC-PR	Líder	2001
19. Rosa Maria Bueno Fischer	Núcleo de Estudos de Mídia, Educação e Subjetividade (NEMES)	UFRGS	Líder	2002

Fonte: Diretório dos Grupos de Pesquisa do Brasil LATTES, disponível em <http://lattes.cnpq.br/web/dgp>, acesso em 22 fev. 2014, e Currículo LATES, disponível em: <http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/busca.do?metodo=apresentar>. Acesso em: 22 fev. 2016.

Para a confecção deste quadro foi preciso efetuar mais de uma busca no Diretório anteriormente mencionado, tendo em vista a ausência de orientações claras sobre como preencher o formulário eletrônico disponível no site, a fim de obter os dados completos. Uma sequência desnecessária de tentativas e erros precedeu a recuperação das informações.

Foram identificados 34 Grupos de Pesquisa com o período de formação entre 1987 e 2015. Tendo havido um crescimento maior no número de Grupos no período entre 2000 e 2005.

5 INTERPRETAÇÃO E DISCUSSÃO

Cruzando elementos teóricos pertinentes para este exercício de análise com dados apresentados no capítulo anterior, passaremos a apresentar as discussões em torno dos principais achados, na forma de três blocos a seguir. A pós-graduação, a pesquisa sobre juventudes e as relações de cooperação e colaboração no campo científico.

5.1 Pós-Graduação: tensões entre expansão e qualidade?

A evolução da pós-graduação no Brasil discutida anteriormente marcou de forma definitiva a pesquisa em Educação, que data do final dos anos 30 a partir da criação do Instituto Nacional de Estudos Pedagógicos (INEP), a implantação sistemática de cursos de pós-graduação em educação conforme Gatti (1983) acontece na década de 60 aproximadamente.

Também vimos como a criação da CAPES e a evolução de seu desenvolvimento impactou a pós-graduação em nosso país. Segundo Cadamuro (2011) atualmente a CAPES atua na pós-graduação brasileira na esfera institucional e social. Na esfera institucional com atividades de avaliação da pós-graduação *strictu sensu*, acesso e divulgação da produção científica, investimento na formação de recursos de alto nível no país e exterior e a promoção da colaboração científica internacional. Na esfera social atua como agente facilitador na divulgação e acesso as informações produzidas na pós-graduação e apresenta serviços como o Banco de Teses, o Portal de Periódico, a Plataforma Lattes, a Revista Brasileira de Pós-Graduação, além de diversos programas de concessão de bolsas de estudo.

Propusemos neste estudo a análise da produção do conhecimento nas instituições de ensino localizadas nos três Estados da região sul, e verificamos que sua distribuição geográfica não é equânime. Porém a diferença percentual entre os estados é pequena e não permite que se afirme haver uma prevalência significativa na distribuição dos mesmos. Este dado é relevante tendo em vista que expansão geográfica é uma das metas para a evolução da pós-graduação conforme o Plano Nacional de Desenvolvimento da Pós-Graduação.

Ao falar da evolução da pós-graduação Felicetti (2011) menciona ainda a questão da qualidade relacionada a capacidade de ajuste nos objetivos, propósitos,

metas, além dos critérios de qualidade e orientações de boas práticas, através de autoavaliação, avaliação externa, e que a avaliação não é o fim do processo e sim um ponto de partida para um novo ciclo.

Esta capacidade de ajustes aos objetivos tem sido uma constante dos programas de pós-graduação, bem como a busca pela qualidade, também a avaliação passou a ser parte contínua e indissolúvel de atualização dos programas e alimentação das metas a serem atingidas.

Embora não tenhamos discutido especificamente estas questões no estudo em curso, conforme pode ser visualizado no Quadro 5, houve um crescimento do número de estudos sobre o tema durante o período de 2010 a 2014. O crescimento constatado aliás corrobora tendência mencionada por Sposito (2009) decorrente da maior visibilidade sobre o tema, seja por sua inclusão nas políticas públicas, seja pela discussão fomentada por estudos anteriores que chamaram a atenção para esta parcela da população.

Além disso, pode-se questionar se esta expansão não estaria também associada, em alguma medida, a uma maior “simpatia” das agências de fomento no financiamento de projetos que toquem as questões das juventudes, considerando que o tema ganhou grande relevância social, midiática e política nos últimos anos. Talvez tais condições fomentem uma espécie de “migração” de jovens pesquisadores para tais temas, em busca não só de capital material de financiamento, mas também de capital simbólico no campo.

O período compreendido por esta pesquisa, contou com pelo menos quatro grandes acontecimentos, dentre outros, relacionados ao interesse pelas juventudes e suas condições de vida:

- Aprovação da Proposta de Emenda Constitucional nº 65, conhecida como PEC da Juventude, em julho de 2010, que garantiu a inserção oficial desta fase da vida no capítulo dos Direitos e Garantias Fundamentais da Constituição Federal;
- Aprovação do estatuto da Juventude, instituído pela Lei 12.852, de 5 de agosto de 2013, dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE;
- Publicação da pesquisa Agenda Juventude Brasil 2013, pesquisa de opinião pública nacional sobre perfil e opinião dos jovens brasileiros.

Faz parte das ações estratégicas da Secretaria Nacional de Juventude da Secretaria-Geral da Presidência da República, desenvolvida para subsidiar a política nacional de juventude. Seu conteúdo integral está disponível em:

<http://www.ipea.gov.br/participacao/images/pdfs/participacao/pesquisa%20perfil%20da%20juventude%20snj.pdf>;

- Inclusão de metas relativas ao ensino médio (juventudes) no PNE – Plano Nacional de Educação.

A expansão proposta ao longo dos anos pelos Programas Nacionais de Desenvolvimento da Pós-Graduação, tem se efetivado, principalmente pela adoção dos objetivos propostos em cada etapa por grande parte do sistema de pós-graduação do país.

Podemos verificar que desde a década de 1970 até agora as linhas de pesquisa em Educação se subdividiram continuamente a fim de reproduzir os interesses de seus pesquisadores na busca pela diversificação e criando subáreas de investigação. Ao mesmo tempo em que dialoga com outras áreas como as Ciências Sociais, a Psicologia, a História, etc. almejando uma visão mais abrangente da realidade em seus estudos, embora existam eventualmente tensão entre elas.

Morosini (2015, p. 201) completa:

No Brasil, a consolidação da produção científica sobre Educação é ainda incipiente, identificando-se um crescente esforço desta área na construção de estados de conhecimento. A produção segue orientações e avaliações definidas prioritariamente pela área disciplinar.

Como parte do processo de evolução dos programas de pós-graduação vemos o surgimento de mecanismos de controle mais complexos, que possibilitam o cruzamento de informações. Estes também propiciam maior visibilidade sobre o que esta sendo gestado e das formas de aplicação dos recursos e como os programas se estruturam para atingir as metas estipuladas.

Houve também a criação de outros espaços de discussão e troca de experiências, sobre estes Cadamuro (2011, p. 33) escreve:

No final da década de 1980 e por toda a década de 1990 começam a se consolidar os grupos de pesquisa em algumas subáreas, trazendo para o final desse período, sólidos grupos de investigação em temáticas que giram em torno de alfabetização e linguagem, aprendizagem escolar, formação de

professores, ensino e currículos, educação infantil, fundamental e média, educação de jovens e adultos, ensino superior, gestão escolar, avaliação educacional, políticas educacionais, trabalho e educação e história da educação.

Podemos dizer que no geral conseguimos equilibrar expansão e qualidade tendo em vista que a busca por excelência é contínua. Programas com baixa qualidade tem sido fechados e há uma tendência a valorizar programas que se adequaram as metas do sistema de pós-graduação.

Entretanto, as tensões entre expansão e qualidade continuarão a existir, e são importantes justo para que funcionem como contrapeso ao risco de expansão desmedida e irresponsável de um lado ou, de outro, a excessiva centralização do capital científico em grandes centros de pesquisa já consolidados.

Chama a atenção o número de 143 orientadores e co-orientadores envolvidos nas pesquisas mapeadas, boa parte deles com apenas um ou dois trabalhos orientados na área. No campo da pós-graduação em Educação, de modo específico, muitos desafios se acumulam no que tange a autoria dos estudos e consolidação dos novos campos. Como destaca Bittar (2009, p.18), com precisão, referindo-se à pós-graduação em Educação no país:

No que diz respeito à autoria da produção no campo da pesquisa em educação, detectamos duas situações distintas na sua história: no passado ela era realizada por poucos estudiosos, os quais, por sua vez, deixaram obras de autoria individual, uma bibliografia de referência que poderíamos chamar de obra autoral e que correspondeu a um nível de formação acadêmica mais sólida.

O quadro atual é bastante diverso do período descrito acima.

Hoje, há um rol de fatores que dificultam a produção de obras como aquelas, a saber: a) o nível deficiente da escola pública; b) a precária formação acadêmica nos cursos de Graduação; c) Mestrados realizados em prazos cada vez mais curtos, comprometendo também o nível de formação na Pós-Graduação; d) exigência de produção bibliográfica que deve atender aos critérios de avaliação do Estado. A conjugação desses fatores resulta em que grande parte das dissertações e teses produzidas pelos Programas de Pós-Graduação cumpre mais a função de certificação do que a de efetiva formação de novos pesquisadores. (BITTAR, 2009, p.18-19)

O desafio que se coloca diante do quadro de ampliação de uma área de pesquisa, especialmente quando se trata de um campo no qual as demandas sociais são prementes como é o caso das juventudes, é justamente o de conciliar a

expansão com a manutenção da qualidade. Qualidade tanto das pesquisas desenvolvidas, quanto da função educativa da pós-graduação como agência responsável pela formação de pesquisadores qualificados no país.

5.2 Pesquisa sobre juventudes: consolidação de um campo?

A seleção do corpus textual a ser analisado foi limitada aos termos "juventude", "juventudes", "jovem" e "jovens" na sua ocorrência em qualquer campo (títulos, resumos, palavras-chaves, descritores de assuntos, etc.), visto que qualquer limitação maior naquele momento poderia excluir documentos relevantes sobre o tema juventudes, pelo motivo dos autores não utilizarem os termos mencionados anteriormente como palavra-chave.

Com o intuito de apresentar os temas dos documentos estudados criamos um quadro com os dados integrais obtidos, estes estão registrados no APÊNDICE C no final desta dissertação. É importante destacar que uma legenda precede este quadro, salientando em azul os documentos em que os autores citaram juventude, juventudes, jovem ou jovens como palavras-chave, isoladamente ou dentro de expressões. Nestes casos nota-se claramente que juventude como conceito é o tema central dos trabalhos. Também foram grifados com mesma cor os trabalhos em que os autores utilizaram os termos adolescente ou adolescência com o mesmo conceito, embora estes termos se refiram à evolução biológica, e não social ou cultural, entende-se que esta é uma questão terminológica rara atualmente, tendo em vista que o uso do termo juventude como representante do conceito de pessoas na fase da vida dos 15 aos 29 anos já está consagrada.

Na legenda aparece em amarelo as pesquisas que tem como tema a Educação de Jovens e Adultos, entre outros, que embora não discutam exclusivamente questões que envolvam jovens ou juventude são importantes para traçar um panorama completo sobre os estudos desenvolvidos, tendo em vista serem discutidas em muitas delas, mesmo que de forma periférica, questões associadas a juventude.

Chama a atenção que somente 5 das 216 pesquisas analisadas discutam questões que envolvem os jovens no ensino superior, demonstrando que este é um aspecto ainda pouco estudado, merecendo maiores investimentos, sobretudo

considerando a expansão da educação superior no Brasil nos últimos 15 anos e o crescente acesso de jovens de classes populares aos bancos universitários.

Outra questão refere-se ao fato de que como não há controle de vocabulário para o estabelecimento de palavras-chave cada autor as estabelece a partir do texto, ou de sua compreensão sobre o assunto, podendo eventualmente haver mais de um termo ou expressão que represente o mesmo conceito, além do uso indiscriminado de singular e plural. Todos estes fatores podem influir na quantidade de dados recuperados, ampliando ou restringindo o número de documentos localizados.

A escolha de palavras-chave nem sempre representativas ou suficientemente claras para representação do tema do documento pode ser um fator de dispersão no momento da recuperação dos dados, alguns termos ou expressões descontextualizados podem referir conceitos diferentes daqueles que os autores quiseram exprimir ao selecioná-los.

Segundo Miguéis et al. (2013) o uso das palavras-chave potencializa o acesso ao conteúdo dos documentos para além da informação que é representada pelo título e resumo, traduz o pensamento dos autores e mantém o contacto com a realidade da prática quotidiana, acompanhando a evolução científica e tecnológica, que é refletida pelos documentos. A investigação sobre a importância e características das palavras-chave tem incidido sobre a eficiência na recuperação da informação; a extração automática a partir de diferentes metodologias e algoritmos, o uso por parte dos autores e editores, a aplicação e utilização de metatags e a comparação com os títulos, resumos, textos e descritores atribuídos.

Assim a escolha das palavras que representarão os documentos precisam de mais investimento, ou seja, os autores precisariam dedicar a elas o tempo necessário para pensar por exemplo: "como quero que meu estudo seja recuperado", ou "quem quero alcançar com este texto?".

A questão terminológica as vezes parece "escapar" aos pesquisadores no momento de divulgar sua produção, o óbvio para um pode ser estranho para outro, ou pelo menos passível de interpretação diferente. Principalmente se estivermos lidando com pessoas de áreas de conhecimento distintas, para quem termos iguais representam conceitos diferentes.

Os dados obtidos corroboram a observação de Almeida (2009) que menciona em seu texto o fato de que poucos docentes-orientadores orientaram mais de um

estudo sobre juventude, o que assinala a dispersão entre número de orientadores por número de orientações no conjunto geral dos estudos, pois 124 dos 143 orientadores tiveram somente 1 ou 2 orientandos sobre este tema no período de 5 anos. Aparentemente não demonstrando ser o tema uma prioridade para o orientador ou para o programa de pós-graduação ao qual está vinculado. Sposito (2009) menciona que nestas situações o tema provavelmente surge a partir do interesse do orientando.

Após excluir os casos em que houve 1 ou 2 estudos por parte dos orientadores restaram 19 docentes-orientadores com 3 ou mais orientações, no caso deles as orientações sobre o tema não foram aparentemente ocasionais. Estas somam 73 estudos a partir dos quais procuramos identificar as linhas de pesquisa onde eles foram desenvolvidos e que constavam nas teses e dissertações. Detectamos então, como pode ser observado no APÊNDICE E, que em cerca de 48,5% dos casos (35 estudos) esta informação não está disponível no documento, sendo impossível identificar a linha de pesquisa.

A Educação de jovens e adultos, como um campo com estudos que se desenvolve a um período maior de tempo sobressai como tema, e poderemos acompanhar através de suas pesquisas a evolução das discussões.

A pesquisa no campo da educação de jovens e adultos, apesar de tocar o tema das juventudes de modo significativo, guarda particularidades de um campo já mais consolidado, especialmente em torno das lutas sociais por garantia do direito à alfabetização.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA) é uma modalidade de ensino complexa porque envolve dimensões que transcendem a questão educacional. Até uns anos atrás, essa educação resumia-se à alfabetização como um processo compreendido em aprender a ler e escrever (STRELHOW, 2012, p.49).

Entretanto, cada vez mais, as políticas e pesquisas relacionadas à EJA, outrora mais ligadas à alfabetização e amortização da dívida social com grupos alijados da escolarização, vão se voltando para a garantia do acesso universal em idade adequada e todas as implicações da educação de jovens no nível médio.

Na contemporaneidade, a Educação de Jovens e Adultos continuou adquirindo novo sentido. Fruto das práticas que se vão fazendo nos espaços que educam nas sociedades, este sentido se produz em escolas,

em movimentos sociais, no trabalho, nas práticas cotidianas. Para além da alfabetização, cada vez se afastou mais, nas políticas públicas, das conquistas e reconhecimento do valor da educação como base ao desenvolvimento humano, social e solidário. Mais que a alfabetização, o direito constitucional de Ensino Fundamental para todos sintetizou o mínimo a que se chegara, o de aprender a ler e a escrever com autonomia e domínio suficientes para, em processo de aprendizado continuado, manter-se em condições de acompanhar a velocidade e a contemporaneidade do desenvolvimento das ciências, técnicas, tecnologia; das artes, expressões, linguagens, culturas; enfim, do que o mundo, especialmente globalizado no tocante à difusão de informações, conferia à história. (PAIVA, 2006, p.26)

O número expressivo de trabalhos no campo da EJA talvez revele também a progressão de um fenômeno instigante e desafiador, conhecido como “juvenilização da EJA”.

É notável o crescente interesse que o tema da juventude vem despertando no campo da Educação de Jovens e Adultos. A preocupação com os jovens na EJA está, em grande medida, relacionada com a evidência empírica que eles e elas já constituem fenômeno estatístico significativo nas diversas classes de EJA e, em muitas circunstâncias, representam a maioria ou quase totalidade dos alunos em sala de aula. Entretanto, para além da dimensão quantitativa expressa pela presença cada vez mais significativa desses jovens, parece haver certo ar de perplexidade – e, em alguns casos, de incômodo revelado – frente a sujeitos que emitem sinais pouco compreensíveis e parecem habitar mundos culturais reconhecidos por alguns professores como social e culturalmente pouco produtivos para o desafio da escolarização. Ou se pensarmos nos termos da reflexão de Pierre Bourdieu, jovens oriundos de famílias com baixo "capital cultural" e que experimentaram acidentadas trajetórias que os afastaram do "tempo certo" da escolarização. (CARRANO, 2007, p.1)

É possível perceber, também, que estão despontando os estudos que focam as juventudes na relação com o ensino médio, seguidos imediatamente por aqueles que tematizam o trabalho e as políticas públicas de juventude. Esse é um tema emergente de grande importância para o campo, reconhecida tendência nacional, reproduzida também aqui na região sul. Em tempos de universalização do acesso tomando como base o próprio Plano Nacional de Educação (PNE) 2011-2010 inclui o ensino médio como um importante foco de suas metas, destacamos:

[...] o compromisso com a construção das condições objetivas, para além do discurso, do ensino médio como etapa efetivamente integrante da educação básica, o que remete não só à universalização, mas ao tratamento integrado do trajeto curricular a ser percorrido da educação infantil ao ensino médio, a partir da nova redação dada ao inciso I do artigo 208 da Constituição em vigor, pela Emenda Constitucional n. 59/2009, que assegura que a educação básica é obrigatória e gratuita dos 4 aos 17 anos de idade, devendo ser ofertada inclusive para todos os que a ela não tiveram acesso na idade própria (KUENZER, 2010, p. 854)

Entretanto, as pesquisas envolvendo juventudes e ensino médio demandam um cuidado especial com o próprio protagonismo juvenil e o exame das condições de desigualdade não apenas de acesso, mas de permanência e construção de projetos de vida atrelados à escolarização e à qualificação para o trabalho. Há muitas variáveis a serem exploradas, num campo temático emergente e com caleidoscópicas nuances.

Assim, mais do que nunca, parece necessário investir na pesquisa sobre o tema, incluindo os próprios jovens, por meio de metodologias dialógicas, onde a produção de conhecimento em educação os implique diretamente, construindo saberes *com* eles e não apenas *sobre* suas vidas e modos de existência. Para tanto, caberiam futuros estudos que colocassem em exame, de modo pontual, as metodologias e perspectivas epistemológicas assumidas pelas pesquisas realizadas nesta área.

Estudos culturais, trabalho, políticas públicas, questões identitárias, violência, cultura juvenil, o discurso e a formação de professores, e muitos outros temas que possivelmente veremos refletidos nas produções futuras. Para saber os caminhos desta produção é que propomos o presente estudo, para saber onde estamos e para que os próximos pesquisadores possam a partir deste mapeamento identificar e projetar os caminhos da área. Não basta, contudo, publicar diagnósticos dos problemas encontrados, o campo carece também de discussões diretas entre seus atores. Embora as pesquisas aparentemente não apontem para a consolidação do campo, mostram que pode haver uma etapa bastante fértil a frente, sendo necessário cuidado dos pesquisadores na preservação dos espaços de colaboração já existentes, bem como na proposição de novos espaços.

5.3 Colaborar e cooperar no campo científico: até que ponto?

A análise dos dados obtidos na pesquisa nos leva a um retorno a reflexão sobre o campo científico em que nos encontramos e quais as consequências das questões históricas e sociais que afetam o modo com o mesmo se apresenta, uma discussão antiga, mas que parece cada vez mais presente.

Pierre Bourdieu ao escrever sobre o campo científico há cerca de quarenta anos nos fazia refletir sobre como o senso comum o vê, com um certo

distanciamento respeitoso e como ele realmente se apresenta ao aproximarmos nosso olhar para observá-lo a partir de seus elementos e de como os mesmos se relacionam.

O universo "puro" da mais "pura" ciência é um campo social como outro qualquer, com suas relações de força e monopólios, suas lutas e estratégias, seus interesses e lucros, mas onde todas essas invariantes revestem formas específicas. (BOURDIEU, 1983, p.122).

Por sua vez, a competitividade institucionalizada pode ter efeitos sobre a qualidade do que se produz, na medida em que a pesquisa precisa também de tempo para o amadurecimento das reflexões sobre os temas. Embora as linhas de pesquisa identifiquem somente a forma como os programas de pós-graduação estão estruturados, o grande percentual de estudos onde esta informação não consta impossibilitou o uso destes dados para um cruzamento com os grupos aos quais os orientadores estão ligados.

Embora a constituição de grupos de pesquisa não elimine a lógica da competitividade, característica bastante acentuada do campo científico brasileiro na sua atual condição, os grupos são indicadores importantes de articulação dos pesquisadores da área.

Como dissemos, vale a advertência segundo a qual:

[...] o fato de que as produções sejam em grupo não significa que essa nova forma tenha contribuído para diminuir a competição e a disputa pela hegemonia no campo. Ao contrário. A luta pelo monopólio científico entre os grupos se dá ao mesmo tempo em que os parâmetros de produção científica recrudescem a obsessão por construir uma identidade própria no campo, uma vez que sair do anonimato é um dos elementos da disputa pela hegemonia, como escreveu Bourdieu: "Acumular capital é fazer um 'nome', um nome próprio, um nome conhecido e reconhecido, marca que distingue imediatamente seu portador, arrancando-o do fundo indiferenciado, despercebido, obscuro, no qual se perde o homem comum" (BITTAR, 2009, p.19)

Ainda assim, o mapeamento do campo e a discussão anterior sobre o mesmo nos levam a refletir sobre o estudo das redes sociais já mencionado no Item 3.2, que tratou dos Estudos Bibliométricos, e que pode identificar aspectos da colaboração científica, de que falam Maia e Caregnato (2008, p. 20) sintetizando as ideias de Tomaél e Marteleto (2005):

Associado aos trabalhos de co-autoria, atualmente também se observa um fortalecimento do método de análise de redes sociais nos estudos sobre colaboração científica, o que possibilita uma visão abrangente das interações entre os pares, diferentemente das análises que enfocam características individuais. As análises de rede dão destaque para as relações, vínculos, influências e interações entre unidades, que podem representar tanto indivíduos quanto empresas, organizações, instituições ou nações. As redes sociais podem ser um conjunto de pessoas, instituições, ou organizações, que, por possuírem afinidades em comum, compartilham, por exemplo, trabalho e/ou informações e, por meio destas ligações, vão construindo e re-construindo uma estrutura social.

Nossa rede, inicialmente detalhada no Quadro 9 - Orientadores e seus grupos de pesquisa, é formada por 34 nós que correspondem aos Grupos de Pesquisa aos quais os docentes estão vinculados. Destes, 28 Grupos foram identificados como isolados, por terem somente um orientador de nossa lista.

Cabe esclarecer que o fato de estarem isolados não significa que os mesmos não tenham orientadores vinculados a outros Grupos de Pesquisa, significa apenas que somente 1 (um) dos orientadores colabora com os Grupos listados, selecionados a partir dos critérios já expostos.

Em trabalho sobre redes sociais Tomaél e Marteleto (2006, p. 76) defendem:

A disposição em compartilhar e o compartilhamento eficiente de informação entre os atores de uma rede, asseguram ganhos, porque cada participante melhora, valendo-se das informações às quais passa a ter acesso e que poderão reduzir as incertezas e promover o crescimento mútuo.

Neste trabalho foram observados apenas dois indicadores comuns à análise de redes, a centralidade e as ligações entre os atores.

Centralidade, segundo Gomes³ et al. (2003), é um recurso sociológico que não tem uma definição clara, é definido apenas de forma indireta. Os autores esclarecem que um indivíduo é central em uma rede quando pode comunicar-se diretamente com muitos outros, ou está próximo de muitos atores ou, ainda, quando há muitos atores que o utilizam como intermediário em suas comunicações. (TOMAÉL e MARTELETO, 2006, p.77).

Maia e Caregnato (2008, p. 22) completam a ideia, dizendo que: “A posição de centralidade é associada ao poder, ou seja, estar no centro da rede significa ter menos restrições e mais oportunidades através das relações que se estabelecem entre os atores”.

³ GÓMES, Daniel et al. Centrality and power in social networks: a game theoretic approach. **Mathematical Social Sciences**, v.46, p.27-54, 2003.

A posição de centralidade dos orientadores não pode ser vista na Figura abaixo, visto que a mesma diz respeito a posição de alguns deles como líderes de seus Grupos de Pesquisa, mas esta posição está claramente identificada no Quadro 9 desta dissertação.

Figura 1 – Colaboração entre orientadores através dos Grupos de Pesquisa



A rede apresentada na Figura 1 mostra-se pouco densa, com baixo grau de compartilhamento entre os atores, tendo em vista a matriz desenvolvida com os nomes dos orientadores listados nas colunas e dos Grupos de Pesquisa listados em linhas, mostra nas células de intersecção o número de colaborações existentes.

A partir da análise da rede foram identificados apenas 5 (cinco) Grupos de Pesquisa com 2 (dois) orientadores de nossa lista e 1 (um) mostra ligações entre 3 (três) atores (Grupo Núcleo de Estudos sobre Currículo, Cultura e Sociedade, onde atuam os orientadores Elisabete Maria Garbin, Iara Tatiana Bonin e Maria Luisa Merino de Freitas Xavier). Em todos os 6 (seis) casos os atores possuem como um de seus vínculos a mesma instituição, levando a conclusão de que a colaboração referente ao tema juventudes, quando ocorre é local e não interinstitucional.

O baixo índice de colaboração entre os docentes, aparentemente, deriva da falta de Grupos de Pesquisa comuns, demonstrando uma das fragilidades da rede, que se converte em uma fragilidade do campo na medida em que a primeira retrata a forma como o campo está estruturado.

A partir disso, podemos levantar questões que dizem respeito às próprias condições de possibilidade para efetivas articulações dos pesquisadores em redes orgânicas de trabalho e cooperação, num contexto em que as demandas por acúmulo de capital científico, por meio de um apelo incessante à produção e publicação de artigos, é a regra geral.

Um aligeiramento da produção científica brasileira, aparentemente ligado a uma “encomenda” progressista das últimas décadas, parece contribuir fortemente para a criação daquilo que alguns tem nomeado como cultura do *produtivismo* acadêmico, com consequências nada simples.

Um mal-estar assombra a Academia: o mal-estar provocado pelo fetiche do conhecimento-mercadoria e o seu canto de sereia – o produtivismo. Professores, pesquisadores e estudantes universitários, e até mesmo os chamados “gestores de Ciência & Tecnologia”, enfim, a Academia parece estar desagradada e, em alguma medida, degradada pela direção e pelo ritmo do desenvolvimento das transformações em curso no chamado sistema brasileiro de ciência e tecnologia. Em que pesem os inúmeros depoimentos e estudos que vêm demonstrando os limites desse processo e suas nefastas consequências pessoais, institucionais e científicas, os membros da Academia parecem igualmente convencidos da inevitabilidade dessa marcha forçada ao Desenvolvimento Científico & Tecnológico e também de suas proclamadas finalidades “sociais”. (TREIN; RODRIGUES, 2011, p. 769)

Não se trata de sermos contrários ao avanço da ciência e da tecnologia no país, mas de colocarmos em exame as condições reais sob as quais tais movimentos acontecem, sem perdermos de vista a condição sociopolítica do país e suas pretensões fortemente desenvolvimentistas nas últimas décadas – aliás, em crise aguda – atendendo aos apelos de interesses econômicos transnacionais, fetichizados sob o signo do “mercado”.

Um bom e acurado diagnóstico de nosso mal-estar é oferecido por Trein e Rodrigues (2011, p. 787):

A Academia debate-se, então, entre duas perspectivas, na produção do conhecimento: de um lado, o valor socialmente útil e transformador; de outro lado, o valor de troca mercantil e, portanto, conformado à lógica

dominante. É essa tentativa infrutífera de conciliação que produz a sensação de mal-estar que assola a Academia.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao serem estabelecidos parâmetros de valorização da produção e de visibilidade do pesquisador e de sua instituição de afiliação, estas passaram a investir recursos na divulgação e disponibilidade dos documentos que as registram, com o objetivo de torná-los acessíveis a um maior número de pessoas.

No decorrer deste trabalho procuramos mapear os estudos sobre juventudes desenvolvidos em programas acadêmicos de pós-graduação em Educação vinculados a instituições localizadas nos estados da região sul do Brasil (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), durante o período de tempo correspondente a 2010 até 2014.

Como subsídio para o desenvolvimento do mesmo começamos falando do marco teórico preliminar, que dividimos em: pós-graduação no país, particularmente a pós-graduação em Educação, estudos bibliométricos e juventudes. Esta última expressão, utilizada no plural foi empregada tomando-se por base a definição cunhada por Yonekura (2010) que ressalta a existência de várias juventudes que compartilham a condição geracional.

Embora a criação da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) do Instituto Brasileiro de Ciência e Tecnologia (IBICT) e do Banco de Teses da CAPES tenha sido um marco importante para a divulgação e disponibilidade de teses e dissertações, verificamos que a defasagem existente entre o momento da defesa das mesmas e sua disponibilidade nas citadas fontes ainda é grande. No início de 2015 estavam disponíveis nas fontes quase a totalidade dos documentos produzidos até 2011 e poucos produzidos em 2012.

Contudo ao contrário de Sposito que em 2009 relatava como dificuldade o tratamento dos dados, ou seja, a forma não padronizada como os mesmos se apresentavam e as possibilidades de busca disponíveis, temos hoje uma situação mais confortável para os pesquisadores que como eu se lançam na linha dos estudos bibliométricos.

A disponibilidade em rede não somente da referência, mas do texto completo dos documentos produzidos pelos programas de pós-graduação em Educação localizados na região sul do Brasil foi uma grata surpresa.

Desta forma a busca pelo corpus textual para este estudo pode ser feita sem o deslocamento geográfico e sem custo, nos catálogos online das bibliotecas das instituições produtoras, sendo que estes direcionam o leitor/usuário ao texto completo dos mesmos a partir de links existentes nos próprios catálogos.

Contudo, continuamos com um dos problemas relatados por Sposito (2009), referente ao uso de diversos termos para representar o mesmo conceito. A questão terminológica segue sendo uma barreira de difícil transposição, como discutimos ao longo desta dissertação, e para a qual não vislumbramos solução, dada a real diversidade epistemológica e semântica da área.

A limitação da busca a partir dos termos propostos foi uma etapa fundamental para a pesquisa, pois a partir desta definição foi possível nos concentrarmos na busca, cujo processo demandou mais tempo do que o esperado devido as diferenças existentes entre os mecanismos de busca disponíveis em cada instituição.

Como resultado da busca foram selecionados 216 estudos, sendo seus principais achados apresentados no decorrer do Capítulo 5 desta dissertação. Este foi subdividido em instituições e programas de pós-graduação, teses e dissertações mapeadas, emergências temáticas e pesquisadores e grupos. O item pesquisadores e grupos traz a lista dos atores envolvidos nos estudos (pesquisadores e grupos de pesquisa) e mostra suas relações.

No capítulo interpretação e discussão foram tratados os principais desafios para o campo científico, e que envolvem o cerne deste trabalho. O primeiro tema foi a pós-graduação e as tensões entre expansão e qualidade, de onde depreendemos que a expansão dos programas de pós-graduação é uma constante e aqueles programas que assumem as metas estabelecidas pelo Programa Nacional de Desenvolvimento da Pós-Graduação da CAPES têm crescido ao longo dos anos, enquanto os que não embarcaram pereceram. O equilíbrio entre expansão e qualidade deve ser uma preocupação constante para os programas, mas não deve limitá-los, recomendando-se o contínuo acompanhamento dos resultados e produtos a fim de corrigir eventuais desequilíbrios.

O segundo tema traz a discussão acerca da pesquisa sobre juventudes e se estamos no caminho para consolidação deste campo. Depois cruzar os resultados mostrados no capítulo emergências temáticas chegamos a conclusão de que o campo está em crescimento, porém concordamos com o alerta de Sposito (2009)

que salienta que o traço mais comum na produção acadêmica tem sido a ausência de diálogo entre os estudos, o que pode prejudicá-los ou mesmo impedir a acumulação de conhecimento sobre o tema.

Como efeitos não determinantes, mas relacionados, temos a falta de articulação entre os estudos e dispersão temática mostrada claramente no APÊNDICE C desta dissertação.

No terceiro e último tema, discutimos a questão sobre até que ponto há colaboração e cooperação no campo científico, e a partir da análise sociométrica da rede formada por orientadores e grupos de pesquisa foi possível verificar a fragilidade da mesma, ao constatar que em apenas 17,7% dos grupos existe mais de um orientador pertencente a nossa lista, sendo que em todos os 6 (seis) casos os atores possuem como um de seus vínculos a mesma instituição, levando a conclusão de que a colaboração referente ao tema Juventudes, quando ocorre é local e dentro da mesma instituição.

A ausência de espaços de colaboração entre os programas de pós-graduação pode ter origem na falta de Grupos de Pesquisa comuns que tenham como foco principal as juventudes, favorecendo assim o desenvolvimento desta fragilidade na área. Entretanto, um dos principais valores agregados a este trabalho, consistiu na ampliação do modo de compreender o campo científico, a partir da contribuição auferida das ideias do sociólogo Pierre Bourdieu, com o qual foi possível conceber a complexidade dos elementos envolvidos no campo científico e sua inesgotável possibilidade de exame e interpretação, sociocultural e política.

O tema da fragilidade das redes de cooperação, colaboração e potencial coautoria remetem, no contexto atual da pós-graduação brasileira, ao tema inescapável das condições reais a que estamos submetidos num sistema de avaliação meritocrático que opera, fundamentalmente, pela contabilidade dos produtos (sobretudo artigos científicos publicados em periódicos qualificados) entregues ao “mercado”. O problemático equilíbrio entre expansão, qualidade e valor social do capital científico subjaz a todas os elementos levantados e discutidos nesta dissertação.

Ao concluir este estudo vejo que nele consegui reunir muitos de meus interesses como Bibliotecária, manifestos anteriormente no capítulo Demarcação do Problema, como o trabalho com jovens em uma instituição de ensino superior. As questões educacionais que inicialmente foram um elemento periférico, foram

acrescidas de significado no decorrer do curso de Mestrado em Educação, a partir das discussões desenvolvidas nas disciplinas e seminários do curso.

Como também salientei no princípio, a evolução do papel das Bibliotecas na Universidade e o entendimento de sua importância na formação dos futuros profissionais tornou mais rica minha trajetória no curso, e mostrou o acerto de minha escolha.

Quando tratei das emergências temáticas foi possível ver que os problemas e dilemas sobre as questões terminológicas, bem como a questão da colaboração ultrapassam a área de Educação e representam um desafio para o desenvolvimento de novos estudos.

Além disto considero que este estudo poderá, eventualmente, contribuir para a cartografia da produção científica na área da educação, particularmente na produção dos estados da região sul do Brasil (Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul), ao mapear a produção do conhecimento sobre a parcela da população que compreende as juventudes, escolhida como objeto de estudos por parte dos pesquisadores em Educação durante no período de 2010 até 2014.

No que tange especificamente o tema das juventudes, objeto desta pesquisa, as conclusões não se mostram distantes dos desafios da pós-graduação brasileira como um todo. A tensão entre uma significativa expansão dos trabalhos sobre o tema, a grande quantidade de orientadores envolvidos – com um número reduzido de pesquisas orientadas – a falta de redes de cooperação instituídas e a emergência de temas sociais complexos e candentes, dá o tom da complexidade de um campo ainda distante de sua consolidação. Isso, evidentemente, não define em absoluto sua qualidade, mas nos coloca diante de desafios e alertas a serem considerados.

São eles, sobretudo: a necessidade de reforçar os grupos de pesquisa com parcerias efetivas de trabalho investigativo em comum; a necessidade de tomar os temas emergentes em sua complexidade, pensando nas implicações políticas, epistêmicas e metodológicas das pesquisas; não perder de vista a indispensável resposta às demandas sociais das juventudes, inclusive a demanda por protagonismo na investigação sobre suas próprias vidas e destinos e; manter-se atento às implicações do dito *produtivismo* acadêmico sobre nossas escolhas éticas e políticas, como educadores que somos, antes de tudo.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Elmir de. Os estudos sobre grupos juvenis: presenças e ausências. In: Sposito, Marília Pontes (coord.). **Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)**. Belo Horizonte, MG : Argvmentvm, 2009. Vol. 2, p. 121-173.

ARAÚJO, C. A. A. Bibliometria: evolução histórica e questões atuais. **Em questão**, Porto Alegre, v. 12, n. 1, p. 11-32, jan./jun. 2006. Disponível em: <http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/revistaemquestao/article/view/3707/3495>. Acesso em: 29 jul. 2015.

BACH, Tatiana Marceda; DOMINGUES, Maria José Carvalho de Souza; WALTER, Silvana Anita. Tecnologias da informação e comunicação no ensino: um estudo bibliométrico e sociométrico de 1997-2011. **Avaliação (Campinas)**, Sorocaba, v. 18, n. 2, p. 393-416, jul. 2013. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772013000200009&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 09 jul. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-40772013000200009>.

BALBACHEVSKY, Elizabeth. A pós-graduação no Brasil: novos desafios para uma política bem-sucedida. In: **Os desafios da educação no Brasil**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005. p. 275-304. Disponível em: https://portais.ufg.br/up/67/o/Pos-Graduacao_Brasil_2.pdf. Acesso em 24 jun. 2015.

BARRETO, Francisco César de Sá; DOMINGUES, Ivan. O PNPG 2011-2020: os desafios do país e o sistema nacional de pós-graduação. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 28, n. 3, p. 17-53, set. 2012. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982012000300002&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 29 jun. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-46982012000300002>.

BARROS, E. M. C. de B. **Política de pós-graduação: um estudo da comunidade científica**. São Carlos: Edufscar, 1998.

BASTOS, Raul Luís Assumpção. Crescimento populacional, ocupação e desemprego dos jovens: a experiência recente da Região Metropolitana de Porto Alegre. **Rev. bras. estud. popul.**, São Paulo, v. 23, n. 2, p. 301-315, dez. 2006. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-30982006000200007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 11 jun. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-30982006000200007>.

BITTAR, Marisa. A pesquisa em Educação no Brasil e a constituição do campo científico. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.33, p.3-22, 2009. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/33/art01_33.pdf. Acesso em: 16 mar. 2016.

BOURDIEU, Pierre. Capital simbólico e classes sociais. **Novos estud. - CEBRAP**, São Paulo, n. 96, p. 105-115, jul. 2013. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-33002013000200008&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 jul. 2015.
<http://dx.doi.org/10.1590/S0101-33002013000200008>.

BOURDIEU, Pierre. O Campo Científico. In: Ortiz, Renato (org.). Coleção Grandes Cientistas Sociais, n 39, Editora Ática, São Paulo, 1983.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior Plano Nacional de Pós-Graduação – PNPG 2011-2020. Brasília, DF: CAPES, 2010. Disponível em: <https://www.capes.gov.br/images/stories/download/Livros-PNPG-Volume-I-Mont.pdf>. Acesso em 26 jul. 2015.

BRASIL. Emenda constitucional nº 65, de 13 de julho de 2010. Altera a denominação do Capítulo VII do Título VIII da Constituição Federal e modifica o seu art. 227, para cuidar dos interesses da juventude.. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/Emendas/Emc/emc65.htm. Acesso em: 24 maio 2015.

BRASIL. Lei nº 4.024, de 20 de dezembro de 1961. Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/leis/L4024.htm. Acesso em: 13 jul. 2015.

BRASIL. Lei nº 5.540, de 28 de novembro de 1968. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L5540.htm. Acesso em: 13 jul. 2015.

BRASIL. Lei nº 12.852, de 5 de agosto de 2013. Institui o Estatuto da Juventude e dispõe sobre os direitos dos jovens, os princípios e diretrizes das políticas públicas de juventude e o Sistema Nacional de Juventude - SINAJUVE. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12852.htm. Acesso em: 16 mar. 2016.

CADAMURO, Liz. **História da educação no Brasil**: um estudo bibliométrico de teses e dissertações. 2011. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de São Carlos. Programa de Pós-Graduação em Educação. 118 p. Orientador Carlos Roberto Massao Hayashi. Disponível em: http://www.bdt.d.ufscar.br/htdocs/tedeSimplificado/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4102. Acesso em: 13 jul. 2015.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino, MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto Contexto Enferm**, Florianópolis, 2006 Out-Dez; n.15, v.4, p. 679-684.

CARRANO, Paulo. Educação de jovens e adultos e juventude: o desafio de compreender os sentidos da presença dos jovens na escola da “segunda chance”. **REVEJ@** - Revista de Educação de Jovens e Adultos, 1, 2007, p. 1-11. Disponível em: http://www.emdialogo.uff.br/sites/default/files/educacao_de_jovens_e_adultos_e_juventude_-_carrano.pdf. Acesso em: 16 mar. 2016.

CARRANO, Paulo. Jovens Universitários: acesso, formação, experiências e inserção profissional. In: Sposito, Marília Pontes (coord.). **Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social** (1999-2006). Belo Horizonte, MG : Argvmentvm, 2009. Vol. 1, p. 56-126.

CARAPETO FERREIRA, Naura Syria. A gestão do conhecimento no contexto hodierno: do "produtivismo" à humanização da formação. **EccoS Revista Científica** [en línea] 2009, 11 (Julio-Diciembre) : [Fecha de consulta: 26 de febrero de 2016] Disponible en: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=71512786012>> ISSN 1517-1949

CARVALHO, Angela Maria Santana; VAZ, Fábio de Paiva. A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior e sua gestão estratégica na formação de recursos humanos para o Brasil. In: XVII Congreso Internacional del CLAD sobre la Reforma del Estado y de la Administración Pública, Cartagena, Colombia, 30 oct.-2 Nov. 2012. Disponível em: <http://www.dgsc.go.cr/dgsc/documentos/cladxvii/santana.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2015.

CARVALHO, Marília Pinto de Carvalho; SOUZA, Raquel; OLIVEIRA, Elisabete Regina Baptista de. Jovens, sexualidade e gênero. In: Sposito, Marília Pontes (coord.). **Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social** (1999-2006). Belo Horizonte, MG : Argvmentvm, 2009. Vol. 1, p. 229-274.

CASTELLLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTRO, Rosane Michelli de. A pós-graduação em educação no Brasil: alguns aspectos à luz de estudos realizados na área. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 28, n. 4, p. 263-287, dez. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982012000400011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 17 jun. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-46982012000400011>.

CAVALCANTE, Ricardo Bezerra; CALIXTO, Pedro; PINHEIRO, Marta Macedo Kerr. Análise de Conteúdo: considerações gerais, relações com a pergunta de pesquisa, possibilidades e limitações do método. **Inf. & Soc.: Est.**, João Pessoa, v.24, n.1, p. 13-18, jan./abr. 2014. Disponível em: <http://www.ies.ufpb.br/ojs/index.php/ies/article/view/10000/10871>. Acesso em: 17 jul. 2015.

CORROCHANO, Maria Carla; NAKANO, Marilena. Jovens e trabalho. In: Sposito, Marília Pontes (coord.). **Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social** (1999-2006). Belo Horizonte, MG : Argvmentvm, 2009. Vol. 2, p. 17-61.

DAYREL, Juarez et al. Juventude e escola. In: Sposito, Marília Pontes (coord.). **Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências**

sociais e serviço social (1999-2006). Belo Horizonte, MG : Argvmentvm, 2009. Vol. 1, p. 56-126.

DIAS, L. C. Os sentidos da rede: notas para uma discussão. In: DIAS, L. C.; SILVEIRA, R. L. L. da. (org.). **Redes, sociedades e territórios**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2005. p. 11-28.

DAVIES, Philip. Revisões sistemáticas e a Campbell Collaboration. In Thomas, Gary e Pring, Richard. **Educação baseada em evidências**. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FELICETTI, Vera Lucia. Pós-graduação brasileira: avaliação como trajetória à qualidade

Competência, Porto Alegre, RS, v.4, n.1, p. 27-42, jul./dez. 2011. Disponível em: <http://seer.senacrs.com.br/index.php/RC/article/view/81/86>. Acesso em: 17 jul. 2015.

FRANCISCO, E. de R. RAE-eletrônica: exploração do acervo à luz da bibliometria, geonálise e redes sociais. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, v. 51, n. 3, maio-jun, 2011.

Disponível em: http://rae.fgv.br/sites/rae.fgv.br/files/artigos/10.1590_S0034-75902011000300007.pdf. Acesso em: 09 jul. 2015.

GATTI, Bernardete Angelina. Pós-graduação e pesquisa em educação no Brasil, 1978-1981. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, n. 44, p. 3-17, fev. 1983. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1474>. Acesso em: 13 jul. 2015.

GATTI, Bernardete Angelina. Reflexão sobre os desafios da pós-graduação: novas perspectivas sociais, conhecimento e poder. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 18, p. 108-116, dez. 2001. Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782001000300010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 29 jun. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782001000300010>.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5.ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GUEDES, Vânia; BORSCHIVER, Suzana. Bibliometria: uma ferramenta estatística para a gestão da informação e do conhecimento, em sistemas de informação, de comunicação e de avaliação científica e tecnológica. In: CIFORM – ENCONTRO NACIONAL DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 6., 2005, Salvador. **Anais...** Salvador: ICI/UFBA, 2005.

GUIMARÃES, Isac Pimentel; BULHÕES, Rodrigo de Souza; HAYASHI, Carlos Roberto Massao; HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini. Avaliação da Pós-Graduação em educação do Brasil: como superar a imprecisão que reina entre nós? **Quaestio: revista de estudos em Educação**, Sorocaba, SP, v. 17, n. 1, p. 87-119, maio 2015. Disponível em:

<http://periodicos.uniso.br/ojs/index.php?journal=quaestio&page=article&op=view&path%5B%5D=2233&path%5B%5D=1926>. Acesso em: 17 jul. 2015.

HAYASHI, Carlos Roberto Massao; FERREIRA JUNIOR, Amarílio. O campo da história da educação no Brasil: um estudo baseado nos grupos de pesquisa. **Avaliação (Campinas)**, Sorocaba, v. 15, n. 3, p. 167-184, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-40772010000300009&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 10 jul. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S1414-40772010000300009>.

HILSDORF, Maria Lucia Spedo; PERES, Fernando Antonio. Estudos históricos sobre a juventude: estado da arte. In: Sposito, Marília Pontes (coord.). **Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)**. Belo Horizonte, MG : Argvmentvm, 2009. Vol. 2, p. 213-233.

KUENZER, Acacia Zeneida. O ensino médio no Plano Nacional de Educação 2011-2020: superando a década perdida?. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 31, n. 112, p. 851-873, set. 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302010000300011&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 16 mar. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302010000300011>.

KUHN, Thomas. A função do dogma na investigação científica. In: DEUS, Jorge Dias (org). **A crítica da ciência: sociologia e ideologia da ciência**. Zahar, Rio de Janeiro, 1979.

MACHADO, Ana Maria Netto; BIANCHETTI, Lucídio. (Des)feticização do produtivismo acadêmico: desafios para o trabalhador-pesquisador. **Rev. adm. empres.**, São Paulo, v. 51, n. 3, p. 244-254, jun. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-75902011000300005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 26 fev. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-75902011000300005>.

MAIA, Maria de Fátima S.; CAREGNATO, Sônia Elisa. Co-autoria como indicador de redes de colaboração científica. **Perspectiva em Ciências da Informação**, Belo Horizonte, v. 13, n. 2, p. 18-31, maio/ago. 2008. Disponível em: <http://portaldeperiodicos.eci.ufmg.br/index.php/pci/article/view/215>. Acesso em 07 mar. 2016.

MARTELETO, Regina Maria. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da Informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ci/v30n1/a09v30n1.pdf>. Acesso em: 09 jul. 2015.

MARTELETO, Regina Maria. Redes sociais, mediação e apropriação de informações: situando campos, objetos e conceitos na pesquisa em Ciência da Informação. **Pesq. bras. ci. inf.**, Brasília, v.3, n.1,p.27-46, jan./dez. 2010. Disponível em: http://arca.icict.fiocruz.br/bitstream/icict/2247/1/Marteleto_redes%20sociais%20mediacao%20e%20apropriacao%20de%20informacoes.pdf. Acesso em: 09 jul. 2015.

MARTINS, Carlos Benedito. Balanço: o papel da CAPES na formação do sistema nacional de pós-graduação. In: **CAPES 50 anos: depoimentos ao CPDOC/ FGV / Organizadoras: Marieta de Moraes Ferreira & Regina da Luz Moreira.** Rio de Janeiro: Fundação Getulio Vargas, CPDOC; Brasília, DF.: CAPES, 2003. p. 294-309. Disponível em: http://cpdoc.fgv.br/producao_intelectual/arq/1319_Capes11.pdf. Acesso em: 13 jul. 2015.

MIGUÉIS, Ana et al. A importância das palavras-chave dos artigos científicos da área das Ciências Farmacêuticas, depositados no Estudo Geral: estudo comparativo com os termos atribuídos na MEDLINE. InCID: **Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Brasil, v. 4, n. 2, p. 112-125, dez. 2013. ISSN 2178-2075. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/69284>>. Acesso em: 19 maio 2015. doi:<http://dx.doi.org/10.11606/issn.2178-2075.v4i2p112-125>.

MOROSINI, Marilia Costa. Estado de conhecimento e questões do campo científico. **Educação**, Santa Maria, v. 40, n. 1, p. 101-116, jan./abr. 2015. Disponível em: <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/reeducacao/article/view/15822/pdf>. Acesso em: 17 jul. 2015. DOI: <http://cascavel.ufsm.br/revistas/ojs-2.2.2/index.php/reeducacao/article/view/15822/pdf>

MOSTAFA, Solange Puntel; MÁXIMO, Luiz Fernando. A produção científica da Anped e da Intercon no GT da Educação e Comunicação. **Ciência da informação**, Brasília, v. 32, n. 1 , p. 96-101, 2003.

NEUENFELDT, Manuelli Cerolini; ISAIA, Silvia Maria de Aguiar ISAIA. Pós-graduação e pós-graduação em educação no Brasil: um breve histórico. **Revista de Educação PUC-Campinas**, Campinas, n. 24, p. 85-95, junho 2008. Disponível em: <http://periodicos.puc-campinas.edu.br/seer/index.php/reeducacao/article/view/115/103>. Acesso em: 29 jun. 2015.

OLIVEIRA, Renilda Correia de. Educação superior, concepções e função social da universidade. In: V Encontro de Pesquisa em Educação em Alagoas, 2010. Pesquisa em educação: desenvolvimento, ética e responsabilidade social, 2010. Disponível em: <http://dmd2.webfactional.com/media/anais/EDUCACAO-SUPERIOR,-CONCEPCOES-E-FUNCAO-SOCIAL-DA-UNIVERSIDADE.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2015.

PAIVA, Jane. Políticas de direito à educação: compromisso ético para consolidar o direito para todos os brasileiros. In. **EJA Formação Técnica Integrada ao Ensino Médio. Programa Salto para o Futuro, Boletim 16.** Disponível em: http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf2/boletim_salto16.pdf#page=24. Acesso em: 16 mar. 2016.

PERALVA, Angelina. O jovem como modelo cultural. In: **Juventude e Contemporaneidade.** Brasília: UNESCO, MEC, ANPEd, 2007. 284 p. (Coleção Educação para Todos; 16). p. 13-27.

PEREGRINO, Mônica. Juventudes e cidades educadoras. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 192-194, dez. 2003. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782003000300014&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 jun. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782003000300014>.

PIANA, MC. **A construção do perfil do assistente social no cenário educacional** [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2009. 233 p. ISBN 978-85-7983-038-9. Disponível em: <http://static.scielo.org/scielobooks/vwc8g/pdf/piana-9788579830389.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2015.

RAMALHO, Betania Leite; MADEIRA, Vicente de Paulo Carvalho. A pós-graduação em educação no Norte e Nordeste: desafios, avanços e perspectivas. **Revista Brasileira de Educação**, Campinas, v. 11, n. 31, p. 70-81, jan./abr. 2006. Disponível em: <http://www.comperve.ufrn.br/conteudo/observatorio/arquivos/artigos/pos-graduacao-norte-nordeste.pdf>. Acesso em: 17 jul. 2015.

REGO, Teresa Cristina. Produtivismo, pesquisa e comunicação científica: entre o veneno e o remédio. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 40, n. 2, p. 325-346, jun. 2014. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-97022014000200003&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 26 fev. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022014061843>.

ROMÊO, José Raymundo Martins; ROMÊO, Christiane Itabaiana Martins; JORGE, Vladimir Lombardo. **Estudos de pós-graduação no Brasil**. UNESCO, 2004. Disponível em: <http://nucleodememoria.vrac.puc-rio.br/site/textos finais/romeo2004.pdf>. Acesso em: 24 jun. 2015)

SAES, Sueli Gonzales. **Aplicação de Métodos Bibliométricos e da "Co-word Analysis" na Avaliação da Literatura Científica Brasileira em Ciências da Saúde de 190 a 2002**. 183 f. Tese (doutorado) – Universidade de São Paulo. Faculdade de Saúde Pública. Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública, São Paulo, 2005.

SAES, Sueli Gonzales. **Estudo Bibliométrico das publicações em Economia da Saúde, no Brasil, 1989-1998**. 104 f. Dissertação (mestrado) – Universidade de São Paulo. Faculdade de Saúde Pública. Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública, São Paulo, 2000.

SANTOS, Ana Lúcia Felix dos; AZEVEDO, Janete Maria Lins de. A pós-graduação no Brasil, a pesquisa em educação e os estudos sobre a política educacional: os contornos da constituição de um campo acadêmico. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 42, p. 534-550, dez. 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782009000300010&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 24 jun. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782009000300010>.

SANTOS, Cássio Miranda dos. Tradições e contradições da pós-graduação no Brasil. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 24, n. 83, p. 627-641, ago. 2003 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73302003000200016&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 17 jun. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302003000200016>.

SAVIANI, Dermeval. A pós-graduação em educação no Brasil: trajetória, situação atual e perspectivas. Revista diálogo educacional, v.1, n.1, 2000. Disponível em: <http://www2.pucpr.br/reol/pb/index.php/dialogo?dd1=703&dd99=view&dd98=p>. Acesso em: 29 jun. 2015.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. Juventude, Mídias e TIC. In: Sposito, Marília Pontes (coord.). **Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)**. Belo Horizonte, MG : Argvmentvm, 2009. Vol. 2, p. 63-86.

SCHWERTNER, Suzana Feldens; FISCHER, Rosa Maria Bueno. Juventudes, conectividades múltiplas e novas temporalidades. **Educ. rev.**, Belo Horizonte, v. 28, n. 1, p. 395-420, mar. 2012. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-46982012000100017&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 jun. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-46982012000100017>.

SILVA, Alisson de Oliveira; FRANÇA, André Luiz Dias de; BELLINI, Carlo Gabriel Porto; DIAS, Guilherme Ataíde; SILVA, Patrícia Maria da; ARAÚJO, Wagner Junqueira de. Colaboração entre programas de pós-graduação brasileiros em ciência da informação: modelagem baseada em grafos. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 17, n. 3, p. 1-22, set./dez. 2012. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/viewFile/8814/pdf>. Acesso em 10 jul. 2015.

SILVA, Márcia Regina da; HAYASHI, Carlos Roberto Massao; HAYASHI, Maria Cristina Piumbato Innocentini. Análise bibliométrica e cientométrica: desafios para especialistas que atuam no campo. **InCID: Revista de Ciência da Informação e Documentação**, Brasil, v. 2, n. 1, p. 110-129, june 2011. ISSN 2178-2075. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/incid/article/view/42337>>. Acesso em: 04 apr. 2016.

SILVA, Roselani Sodr e da; SILVA, Vini Rabassa da. Política Nacional de Juventude: trajetória e desafios. **Cad. CRH**, Salvador, v. 24, n. 63, p. 663-678, dez. 2011 . Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-49792011000300013&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 jun. 2015.

SPOSITO, Marília Pontes (coord.). **Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006)**. Belo Horizonte, MG : Argvmentvm, 2009. 2v. : il. – (Edvcere ; 9)

SPOSITO, Marília Pontes; BRENNER, Ana Karina; MORAES, Fábio Franco de Moraes. Estudos sobre jovens na interface com a política. In: Sposito, Marília Pontes (coord.). **Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira:**

educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006). Belo Horizonte, MG : Argvmentvm, 2009. Vol. 2, p. 175-211.

STRELHOW, Thyeles Borcarte. Breve história sobre a educação de jovens e adultos no Brasil. **Revista HISTEDBR On-line**, [S.l.], v. 10, n. 38, ago. 2012. ISSN 1676-2584. Disponível em: <<http://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639689/7256>>. Acesso em: 16 mar. 2016. doi:<http://dx.doi.org/10.20396/rho.v10i38.8639689>.

TAGUE-SUTCKIFFE, J. An introduction to informetrics. **Information Processing & Management**, v. 28, n. 1, p. 1-3, 1992.

TOMAÉL, Maria Inês; MARTELETO, Regina Maria. Redes sociais: posições dos atores no fluxo da informação. In: Enc. Bibli.: R. Eletr. Bibliotecon. **Ciência da Informação**, Florianópolis, n. especial, 2006. Disponível em: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/342/387>. Acesso em: 07 mar. 2016.

TREIN, Eunice; RODRIGUES, José. O mal-estar na academia: produtivismo científico, o fetichismo do conhecimento-mercadoria. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 48, p. 769-792, Dec. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782011000300012&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 Feb. 2016. <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782011000300012>.

VIEIRA, Letícia Alves.; MOURA, Maria Aparecida. **Ciência da Informação e redes de colaboração acadêmica: diálogos, constituição e perspectivas**. 2009. 160 f., enc. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação. Disponível em: http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/ECIC-855PVQ/vieira_leticia_alves_ci_e_redes_de_colabora__o_acad_mica.pdf?sequence=1. Acesso em: 09 jul. 2015.

VIEIRA, Letícia Alves; MOURA, Maria. Ciência da Informação brasileira e redes de colaboração acadêmica: diálogos, constituição e perspectivas. **RBPG**, Brasília, v. 7, n. 14, p. 609-630, dezembro de 2010. disponível em: <http://ojs.rbpg.capes.gov.br/index.php/rbpg/article/download/19/15>. Acesso em: 08 jul. 2015.

VANTI, Nadia Aurora Peres. Da Bibliometria a Webometria: uma exploração conceitual dos mecanismos utilizados para medir o registro da informação e a difusão do conhecimento. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 31, n. 2, p.152-162, maio/ago. 2002.

YONEKURA, Tatiana et al . Mapa das juventudes de Santo André, SP: instrumento de leitura das desigualdades sociais. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 44, n. 1, p. 45-52, fev. 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0034-89102010000100005&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 11 jun. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-89102010000100005>

APÊNDICE A - Relação dos Programas Acadêmicos de Pós-Graduação em Educação localizados na Região Sul

IES	CIDADE	UF	NOTA		ENDEREÇO
			M	D	
UFPR - Universidade Federal do Paraná	Curitiba	PR	5	5	http://www.ppge.ufpr.br/
UEL - Universidade Estadual de Londrina	Londrina	PR	4	-	http://www.uel.br/pos/mestrededu/
PUC/PR - Pontifícia Universidade Católica do Paraná	Curitiba	PR	5	5	http://www.pucpr.br/posgraduacao/educacao/
UEM - Universidade Estadual de Maringá	Maringá	PR	5	5	http://www.ppe.uem.br/
UEPG - Universidade Estadual de Ponta Grossa	Ponta Grossa	PR	4	4	http://www.pitangui.uepg.br/proesp/ppge/
UNICENTRO - Universidade Estadual do Centro-Oeste	Guarapuava	PR	3	-	http://www2.unicentro.br/ppge/?doing_wp_cron=1441370838.2876451015472412109375
UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná	Cascavel	PR	3	-	http://www.unioeste.br/pos/educacao/
UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná	Francisco Beltrão	PR	3	-	http://www.unioeste.br/pos/educacaofb/
UTP - Universidade Tuiuti do Paraná	Curitiba	PR	4	4	http://www.utp.edu.br/curso/mestrado-academico-em-educacao/
UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul	Porto Alegre	RS	6	6	http://www.ufrgs.br/ppgedu/
UFSM - Universidade Federal de Santa Maria	Santa Maria	RS	5	5	http://coral.ufsm.br/ppge/
UFPEL - Universidade Federal de Pelotas	Pelotas	RS	5	5	http://www2.ufpel.edu.br/fae/ppge/
FURG - Universidade Federal do Rio Grande	Rio Grande	RS	3	-	http://www.ppgedu.furg.br/
PUC-RS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul	Porto Alegre	RS	6	6	http://www3.pucrs.br/portal/page/portal/facedppg/ppge

UNISINOS - Universidade do Vale do Rio dos Sinos	São Leopoldo	RS	7	7	http://www.unisinos.br/mestrado-e-doutorado/educacao/presencial/sao-leopoldo
UCS - Universidade de Caxias do Sul	Caxias do Sul	RS	4	-	http://www.ucs.br/site
FUPF - Fundação Universidade de Passo Fundo	Passo Fundo	RS	4	4	http://www.upf.br/site/index.php?option=com_frontpage&Itemid=42
URI - Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões	Frederico Westphalen	RS	3	-	http://www.urisan.tche.br/mestradogestao/
ULBRA - Universidade Luterana do Brasil	Canoas	RS	4	-	http://www.ulbra.br/canoas/pos-graduacao/presencial/ppgedu
UNISC - Universidade de Santa Cruz do Sul	Santa Cruz do Sul	RS	3	-	http://www.unisc.br/portal/pt/cursos/mestrado/mestrado-em-educacao/apresentacao.html
UNILASALLE - Centro Universitário La Salle	Canoas	RS	4	4	http://www.unilasalle.edu.br/canoas/ppg/educacao/
UFSC - Universidade Federal de Santa Catarina	Florianópolis	SC	5	5	http://ppge.ufsc.br/
UDESC - Universidade do Estado de Santa Catarina	Florianópolis	SC	4	4	http://www.faed.udesc.br/ppge
UNIVILLE - Universidade da Região de Joinville	Joinville	SC	3	-	http://www.univille.edu.br/pt-BR/a-univille/proreitorias/prppg/setores/area-pos-graduacao/mestradosdoutorado/mestradoeducacao/index/601179
UNIVALI - Universidade do Vale do Itajaí	Itajaí	SC	4	4	http://www.univali.br/ensino/pos-graduacao/mestrado/programa-de-pos-graduacao-em-educacao/Paginas/default.aspx
FURB - Universidade Regional de Blumenau	Blumenau	SC	4	-	http://www.furb.br/web/1848/cursos/programa-pos-graduacao/educacao/apresentacao
UNOESC - Universidade do Oeste de Santa Catarina	Joaçaba	SC	3	-	http://www.unoesc.edu.br/cursos/mestrado/mestrado-academico-em-educacao/apresentacao
UNISUL - Universidade do Sul de Santa Catarina	Tubarão	SC	3	-	http://www.unisul.br/wps/portal/home/ensino/mestrado-e-doutorado/mestrado-em-educacao/
UNESC - Universidade do Extremo Sul Catarinense	Criciúma	SC	3	-	http://www.unesc.net/portal/capa/index/80

UNOCHAPECÓ - Universidade Comunitária da Região de Chapecó	Chapecó	SC	3	-	http://www.unochapeco.edu.br/
UNIPLAC/SC - Universidade do Planalto Catarinense	Lages	SC	3	-	http://www.uniplac.net/
UFFS - Universidade Federal da Fronteira Sul	Chapecó	SC	3	-	http://www.uffs.edu.br/

APÊNDICE B - Relação dos documentos examinados

TÍTULO	AUTOR	ORIENTADOR	ANO	INST.	T/D	LOCALIZAÇÃO
1. A ambientalização em processos educativos na igreja evangélica de confissão luterana no Brasil	Carlos Alberto Genz	Isabel Cristina de Moura Carvalho	2014	PUC-RS	T	http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/3812/1/459168.pdf
2. A certificação pelo Exame Nacional do Ensino Médio : implicações no currículo e no trabalho docente da educação de jovens e adultos	Simone Gonçalves da Silva	Álvaro Moreira Hypolito	2014	UFPEL	D	http://pergamum.ufpel.edu.br:8080/pergamumweb/vinculos/00007e/00007e87.pdf
3. A constituição discursiva de jovens sujeitos morais	Jeison Leandro Rückert	Maria Isabel Edelweiss Bujes	2011	ULBRA	D	https://servicos.ulbra.br/BIBLIO/PPGEDUM135.pdf
4. A construção do currículo integrado no âmbito do PROEJA/PR: a questão da indissociabilidade entre formação geral e formação específica.	Jussara das Graças Trindade e Silva	Monica Ribeiro da Silva	2010	UFPR	D	http://hdl.handle.net/1884/24985
5. A cultura do medo no cotidiano da escola : afetos, acolhimentos, violências, sofrimentos, como manifestações de um querer-viver societal	Josivaldo Constantino dos Santos	Malvina do Amaral Dorneles	2014	UFRGS	T	http://www.biblioteca digital.ufrgs.br/da.php?nrb=000914868&loc=2014&l=63f3b54306cdc4e5
6. A educação corporativa e as suas contribuições para o desenvolvimento humano	André Stein da Silveira	Claus Dieter Stobäus	2011	PUC-RS	T	http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/3683/1/431228.pdf
7. A educação de jovens e adultos na rede municipal de Joinville : caminhos e descaminhos na implementação das políticas públicas	Josiane Meyer de Goes	Elizabeth Tamanini	2013	UNIVILLE	D	http://univille.edu.br/community/mestrado_ed/VirtualDisk.html?action=readFile&file=Dissertacao_Josiane_Meyer_de_Goes.pdf&current=/Dissertacoes_turma_I
8. A educação e a reprodução da classe trabalhadora da pomicultura de Fraiburgo SC e o Programa de Aprendizagem "Cultivo da Macieira -	Juliana Aparecida Cruz Martins	Patricia Laura Torriglia	2011	UFSC	D	http://www.tede.ufsc.br/teses/P EED0900-D.pdf

Jovem Aprendiz Cotista"						
9.	"A EJA em minha vida" trajetórias sociais de egressos/as da Educação de Jovens e Adultos no município de Palhoça (SC) 2004 - 2007	Rosane Nienchoter	Gisela Eggert Steindel	2012	UDESC	D http://www.tede.udesc.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3030
10.	A enunciação estética juvenil em vídeos escolares no youtube	Cíntia Inês Boll	Margarete Axt	2013	UFRGS	T http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000876934&loc=2013&l=e22923daf6cef3c0
11.	A especificidade da formação do educador de jovens e adultos à luz do pensamento pedagógico de Paulo Freire	Rosangela Aparecida da Silva	Peri Mesquida	2011	PUC-PR	D http://www.biblioteca.pucpr.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2051
12.	A formação de jovens para o mundo do trabalho a partir da lei da aprendizagem	Carina Pfaffenseller	Laura Souza Fonseca	2014	UFRGS	D http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000941767&loc=2014&l=1e0db1ed85aeb99c
13.	A formação discursiva neoliberal em escolas públicas estaduais : o Projeto Jovem de Futuro do Instituto Unibanco	Marcelisa Monteiro	Carmen Lúcia Bezerra Machado	2014	UFRGS	D http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000918492&loc=2014&l=5a2f41002c725f66
14.	A formação dos trabalhadores em suas histórias de vida : a experiência do MOVA/RS em Santa Cruz do Sul como possibilidade de emancipação.	Anderson Roberto dos Santos	Moacir Fernando Viegas	2010	UNISC	D http://repositorio.unisc.br/ispui/bitstream/11624/565/1/AndersonSantos.pdf
15.	A Formação técnico-profissional em agroecologia no MST/SP	Thelmely Torres Rego	Célia Regina Vendramini	2011	UFSC	D http://www.tede.ufsc.br/teses/P EED0921-D.pdf
16.	A gente chega e se apropria do espaço! Graffiti e pichações demarcando espaços urbanos em Porto Alegre	Eloenes Lima da Silva	Elisabete Maria Garbin	2010	UFRGS	D http://hdl.handle.net/10183/27057
17.	A geração digital espelhada nos blogs : combinações e imagens	Marilene Alencastro da Silva	Beatriz Helena Dal Molin	2010	UFSC	D http://www.tede.ufsc.br/teses/P EED0797-D.pdf
18.	A implantação do Projovem no município de Porto/RS, sob a perspectiva dos jovens participantes	Itaara Gomes Pires	Berenice Corsetti	2010	UNISINOS	D http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/2002
19.	A implementação de um curso de Ensino	Guilherme	Maria Clara	2013	UFRGS	D http://www.bibliotecadigital.ufrg

	Médio Integrado na modalidade EJA : contexto da prática do Câmpus Restinga (IFRS)	Brandt de Oliveira	Bueno Fischer				s.br/da.php?nrb=000916453&loc=2014&l=f2255459a059b687
20.	A inclusão de adolescentes em conflito com a lei em Londrina : um desafio para a escola pública	Débora Pereira da Costa	Doalice Aparecida Paranzini Gorni	2013	UEL	D	http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?code=vtls000186133
21.	A invenção do pedagogo generalista : problematizando discursos implicados no governo de professores em formação	Rodrigo Saballa de Carvalho	Nádia Geisa Silveira de Souza	2011	UFRGS	T	http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000817189&loc=2012&l=2ee48521487f28d7
22.	A marca da promessa : culturas juvenis assembleianas	Daniela Medeiros de Azevedo Prates	Elisabete Maria Garbin	2014	UFRGS	T	http://hdl.handle.net/10183/98595
23.	A matemática na visão de alunos da educação de jovens e adultos	Roberta Sacon	Neiva Ignês Grando	2013	FUPF	D	https://secure.upf.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=849
24.	A modernização da gestão da Escola Pública Estadual do Rio Grande do Sul: a democracia na “porta giratória”	Neila Pedrotti Drabach	Sueli Menezes Pereira	2010	UFMS	D	http://cascavel.cpd.ufsm.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3149
25.	A postura dialógica do Sócrates platônico no Górgias e no Hípias Maios e as perspectivas para uma educação problematizadora / João Gilberto Hubert Novakoski	João Gilberto Hubert Novakoski	Angelo Vitório Cenci	2012	FUPF	D	https://secure.upf.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=595
26.	A prática social de luta dos trabalhadores da EJA na rede pública de Porto Alegre-RS um estudo de caso	Sônia Ribas de Souza Soares	Carmen Lúcia Bezerra Machado	2013	UFRGS	T	http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000916438&loc=2014&l=4b89ef0dad730dc5
27.	A produção de vídeo estudantil na prática docente : uma forma de ensinar	Josias Pereira da Silva	Tania Maria Esperon Porto	2014	UFPEL	T	http://pergamum.ufpel.edu.br:8080/pergamumweb/vinculos/00007f00007f34.pdf
28.	A relação entre os saberes-experiência do trabalho e os saberes escolares, vista por alunos do proeja do IFSUL de Sapucaia do Sul	Anália Bescia Martins de Barros	Naira Lisboa Franzói	2010	UFRGS	D	http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000744767&loc=2010&l=644cf6e9ba68965f

29.	A trajetória dos alunos ingressantes na turma Alfa	Luciane Andréia Ribeiro Leite	Maria Luisa Merino de Freitas Xavier	2014	UFRGS	D	http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000968289&loc=2015&l=ea22aad9e972489
30.	A UNE e os partidos políticos no Governo Lula (2003-2010).	Gabriel de Abreu Gonçalves de Paiva	Gilmar Henrique da Conceição	2011	UNIOESTE	D	http://tede.unioeste.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=923
31.	A utilização das TIC no ensino de física: uma experiência no sistema prisional em Santa Maria/RS	Jessé Centenaro Francis	Rosane Carneiro Sarturi	2014	UFSM	D	http://cascavel.cpd.ufsm.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=6608
32.	Abrindo o livro das suas vidas: trajetórias de formação de quatro professoras negras	Fernanda Gabriela Soares dos Santos	Valeska Maria Fortes de Oliveira	2010	UFSM	D	http://cascavel.cpd.ufsm.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3397
33.	Ações de aprendizagem empregadas pelo nativo digital para interagir em redes hipermediáticas tendo o inglês como língua franca	Cristina Maria Pescador	Eliana Maria do Sacramento Soares	2010	UCS	D	https://ucsvirtual.ucs.br/te depos_graduacao/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=357
34.	Adição, subtração e cálculo relacional : uma intervenção com alunos do PROEJA FIC/ensino fundamental	Caroline Lacerda Dorneles	Beatriz Vargas Dorneles	2012	UFRGS	D	http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000875442&loc=2013&l=a2525c6ba23a2a43
35.	Ad-mirando o professor de formação técnica : o fazer-se docente no encontro com o PROEJA em dois campi do IFSUL	Carla Odete Balestro Silva	Naira Lisboa Franzói	2011	UFRGS	D	http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000789344&loc=2011&l=b66f3ee49def37f4
36.	Adolescentes em medida socioeducativa : um estudo sobre estigma	Alex da Silva	Alceu Ravanello Ferraro	2014	UFRGS	D	http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000941752&loc=2014&l=f24cd768b9e4f0cb
37.	Adultos com deficiência intelectual incluídos na educação de jovens e adultos : apontamentos necessários sobre adultez, inclusão e aprendizagem	Katiuscha Lara Genro Bins	Marcos Villela Pereira	2013	PUC-RS	T	http://repositorio.pucrs.br/dspace/handle/10923/5493
38.	Aluno faz foto? : o fotografar na escola (especial)	Anelise Barra Ferreira	Susana Rangel Vieira da Cunha	2012	UFRGS	T	http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000860138&loc=2012&l=5ef9370e29ba7d8d

39.	Amo a escola, odeio estudar : manifestações sobre a escola nas comunidades do Orkut	Edna Araujo Dos Santos de Oliveira	Geovana Mendonça Lunardi Mendes	2012	UDESC	D	http://www.tede.udesc.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2921
40.	Aprendendo a ser jovem e empreendedor em tempos líquidos : uma análise da Revista Pequenas Empresas & Grandes Negócios	Dalva Verônica Mendonça Santana	Iara Tatiana Bonin	2011	ULBRA	D	https://servicos.ulbra.br/BIBLIO/PPGEDUM129.pdf
41.	Aprendendo a(vi)ver com a Capricho	Gabriela Falcão Klein	Leandro Belinaso Guimarães	2012	UFSC	D	http://www.bu.ufsc.br/teses/PEED0962-D.pdf
42.	As diversas faces do ensino médio : formar para a cidadania e/ou preparar para uma profissão	Patrícia Lazzari Furtado	Altair Alberto Fávero	2012	FUPF	D	https://secure.upf.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=597
43.	As organizações multilaterais, estado e empresariado na lei de aprendizagem Nº 10.097/2000: ações e contradições	Jaqueline Puquevis de Souza	Adair Angelo Dalarosa	2014	UNICENTRO	D	http://tede.unicentro.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=362
44.	As representações de adolescentes e professores sobre o estatuto da criança e do adolescente e efeitos na dinâmica da vida da escola	Marilene Alves Lemes	Rute Vivian Angelo Baquero	2010	UNISINOS	D	http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/tede/MarileneLemesEducao.pdf
45.	As representações sociais do projeto ler e pensar	Rafaela Bortolin Pinheiro	Dilmeire SantAnna Ramos Vosgerau	2012	PUC-PR	D	http://www.biblioteca.pucpr.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2395
46.	Através das lentes : a fotografia como instrumento educativo e elemento de construção dos sujeitos	Ricardo Casarini Muzy	Luciane Maria Schindwein	2012	UFSC	D	http://tede.ufsc.br/teses/PEED0975-D.pdf
47.	Avaliação da contribuição do Programa Mais Educação para escolas municipais de Rio Verde-GO : dos números do IDEB à percepção qualitativa dos sujeitos	Sebastiana Aparecida Moreira	Júlio Cesar Godoy Bertolin	2013	FUPF	D	https://secure.upf.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=936
48.	Avaliação da implementação do	Karina Griggio	Isaura Monica	2010	UNIOESTE	D	http://tede.unioeste.br/tede/tde_

	PROEJA em municípios do Oeste do Paraná (2008-2009).	Hotz	Souza Zanardini				busca/arquivo.php?codArquivo=572
49.	Bachillerato popular arbolito da UST : uma análise sobre a relação entre a autogestão do trabalho e as práticas educativas	Patrícia Unanue Dias	Maria Clara Bueno Fischer	2014	UFRGS	D	http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000951971&loc=2015&l=eeb31f4288ebf0e3
50.	Bildung enquanto formação estética no jovem Nietzsche	Raimundo José Barros Cruz	Nadja Mara Amilibia Hermann	2013	PUC-RS	T	http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/3766/1/450357.pdf
51.	Boas práticas pedagógicas : dilemas e transformações de educadores e educandos do projovem urbano	Ana Cristina Sofiati Teixeira	Maria Inês Côrte Vitória	2011	PUC-RS	D	http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/3672/1/430430.pdf
52.	Caminhos da docência que se entrecruzam e se revelam no processo de formação continuada com os docentes do PROEJA FIC	Regina Montagner Silvia	Valdo Hermes de Lima Barcelos	2013	UFSM	D	http://cascavel.cpd.ufsm.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=5799
53.	Cartografia de vida no trabalho educativo com jovens e adultos : conversas-em-ação	Jaqueline Dinorá Paiva de Campos	Ricardo Burg Ceccim	2014	UFRGS	D	http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000951965&loc=2015&l=a395f7f25f635287
54.	Cidade educadora e juventudes : as políticas públicas e a participação dos jovens na cidade de Gravataí-RS	Ingrid Wink	Jaime José Zitzoski	2011	UFRGS	D	http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000778550&loc=2011&l=3b875a068958c15c
55.	Circulação de ideias sobre a renovação pedagógica do ensino secundário brasileiro em periódicos educacionais científicos (1956-1961)	Fabiana Teixeira da Rosa	Norberto Dallabrida	2014	UDESC	D	http://www.tede.udesc.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3842
56.	Comunicação, conhecimento e docência : dimensões do processo de formação de educadores no contexto da educação de jovens e adultos	Márcia Rejania Souza Xavier	Reinaldo Matias Fleuri.	2010	UFSC	T	http://www.tede.ufsc.br/teses/PEED0821-D.pdf
57.	Concepções de professores da rede municipal de ensino de Florianópolis : educação de jovens adultos e	Anderson Carlos Santos de Abreu	Maria Hermínia Lage Fernandes	2014	UFSC	D	http://tede.ufsc.br/teses/PEED1063-D.pdf

	conhecimento (escolar)		Laffin				
58.	Concepções e saberes da educação de jovens e adultos na visão de professores dessa modalidade de ensino (1996-2006) :histórias de docência	Luciene Guiraud	Rosa Lydia Teixeira Corrêa	2010	PUC-PR	D	http://www.biblioteca.pucpr.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1687
59.	Concurso vestibular : um dispositivo meritocrático de seleção para ingressar na Universidade Federal de Santa Catarina	Silvana Rodrigues de Souza Sato	Ione Ribeiro Valle	2011	UFSC	D	http://www.tede.ufsc.br/teses/PEED0888-D.pdf
60.	Consciência histórica e narrativa: um estudo sobre orientação temporal de estudantes da educação básica	Gláucia Marília Hass	Luis Fernando Cerri	2011	UEPG	D	http://bicen-tede.uepg.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=685
61.	Constituição identitária de jovens estudantes de informática : um estudo a partir das questões de gênero	Nielsen Jesus Ferreira Specht	Bianca Salazar Guizzo	2014	ULBRA	D	https://servicos.ulbra.br/BIBLIO/PPGEDUM187.pdf
62.	Constituições identitárias no Projovem urbano de Santa Catarina: um olhar na docência	Samira de Moraes Maia Vigano	Maria Hermínia Lage Fernandes Laffin	2014	UFSC	D	https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/129530/330227.pdf?sequence=1&isAllowed=y
63.	Construção da profissionalidade de jovens trabalhadores na cultura do imediatismo	Sinara Leote Silva	Cleber Gibbon Ratto	2013	UNILASALLE	D	http://biblioteca.unilasalle.edu.br/docs_online/tcc/mestrado/educacao/2013/slsilva.pdf
64.	Contribuições da pesquisa-ação na produção de conhecimentos escolares : experiências curriculares na Rede Pública Municipal de Educação de Chapecó (1997-2004)	Leusa Fátima Lucatelli Possamai	Celso João Carminati	2014	UDESC	D	http://www.tede.udesc.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3761
65.	Corpo, disciplina e educação física: o conceito de disciplina em Kant e seus aportes para o cuidado com o corpo na contemporaneidade	Leonardo de Ross Rosa	Paulo César Nodari	2011	UCS	D	https://ucsvirtual.ucsv.br/teposgraduacao/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=463
66.	Corporeidade dançante aprendizagem e experiência da dança entre os jovens	Antonio Carlos Silveira dos	Sandra Regina Simonis	2011	UNISC	D	http://repositorio.unisc.br/jspui/handle/11624/254

	Santos.	Richter.				
67.	Cruzando as fronteiras : do trabalho na fumicultura, da formação profissional e dos saberes locais	Maria Clarice Rodrigues de Oliveira	Naira Lisboa Franzói	2011	UFRGS	D http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000817453&loc=2012&l=6598ff94df38b3ac
68.	Culturas juvenis e experiência social : modos de ser jovem na periferia	Márcio de Freitas do Amaral	Maria Stephanou	2011	UFRGS	D http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000772899&loc=2011&l=a72f9c8324f72595
69.	Currículo integrado : uma reflexão entre o legal e o real	Emerson Bianchini Estivalet	Miriam Pires Corrêa de Lacerda	2014	PUC-RS	D http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/3796/1/457206.pdf
70.	Currículo integrado para o PROEJA	Bernhard Sydow	Simone Valdete dos Santos	2012	UFRGS	D http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000865394&loc=2012&l=6508297fad085b69
71.	Curriculum Vitae : selecionam-se Jovens que buscam, nas páginas do jornal, oportunidades de trabalho e que possuam...	Maurício dos Santos Ferreira	Clarice Saete Traversini	2010	UFRGS	D http://hdl.handle.net/10183/21382
72.	Da experiência da escola técnica Mesquita para EJA : tema-gera-dor-de-dor queditz-para-a-dor	Paulo Renato Cardozo Soares	Carmen Lúcia Bezerra Machado	2013	UFRGS	D http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000906207&loc=2013&l=d879419d26f9eeb8
73.	Da macropolítica às contradições e desafios em nível local : descortinando o PROEJA FIC em Passo Fundo/RS	Ângela Xavier	Telmo Marcon	2013	FUPF	D https://secure.upf.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=935
74.	Da segregação à inclusão: uma análise do Serviço de Atendimento à Rede de Escolarização Hospitalar (SAREH) em Clínica Psiquiátrica no Estado do Paraná	Andreia Straube Araujo	Gilmar de Carvalho Cruz	2014	UNICENTRO	D http://tede.unicentro.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=355
75.	Derrubando cerca, plantando liberdade: ocupar o latifúndio, produzir felicidade!? Classe e consciência de classe: limites e desafios impostos aos assentados do Novo Horizonte II	Sabrina Zientarski de Bragança	Sueli Menezes Pereira	2012	UFMS	D http://cascavel.cpd.ufsm.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=5113
76.	Diálogos sobre a educação física na educação de jovens e adultos numa	Ricardo Reuter Pereira	Bettina Steren dos Santos	2013	PUC-RS	T http://hdl.handle.net/10923/2878

	perspectiva freireana					
77.	Diásporas mentais e mentes diaspóricas : emergências, novas tecnologias, música, educação	Maria Helena de Lima	Malvina do Amaral Dorneles	2013	UFRGS	T http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000879260&loc=2013&l=51ec619c8ed52758
78.	Do berço ao túmulo : a estratégia de educação ao longo da vida na educação de jovens e adultos para a sociabilidade capitalista	Gabriel Serena D'Avila	Olinda Evangelista	2012	UFSC	D http://tede.ufsc.br/teses/PEED1007-D.pdf
79.	Do ensino médio à educação superior : caminhos e descaminhos de alunos egressos da escola de educação básica São João Batista, SC 2009 a 2012	Paulo César de Carvalho Jacó	Ione Ribeiro Valle; coorientador, Lucídio Bianchetti	2014	UFSC	D Versão integral em pdf
80.	Do lado de lá dos portões : cartas e encontros : sofrimentos e hostilidade de jovens contemporâneos	Maria Beatriz da Cunha Bertoja	Cleber Gibbon Ratto	2012	UNILASALLE	D http://biblioteca.unilasalle.edu.br/docs_online/tcc/mestrado/educacao/2012/mbcbertoja.pdf
81.	Do ritual ao espetáculo : ensaio sobre o casamento, "juventude" e educação do olhar na cultura da imagem	Elisabete de Freitas Teixeira	Cleber Gibbon Ratto	2014	UNILASALLE	D Sem endereço eletrônico, consulta ao exemplar da Biblioteca do Unilasalle
82.	Docência e moralidade : implicações na relação com o aluno adolescente	Andréa Bonetti Gallego	Maria Luiza Rheingantz Becker	2013	UFRGS	T http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000933553&loc=2014&l=3853f0fd977e1426
83.	Domingo no parque : notas sobre a experiência de ser jovem na contemporaneidade	Angélica Silvana Pereira	Elisabete Maria Garbin	2012	UFRGS	T http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000860986&loc=2012&l=441eab484d6ee12b
84.	Dos jovens filhos de Gaia e Urano aos adolescentes do Google em seus processos de educação sexual	Enemari Saletto Poletti	Sonia Maria Martins de Melo	2010	UDESC	D http://www.tede.udesc.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2060
85.	Educação de jovens e adultos – uma perspectiva freireana e intercultural	Micheli Daiani Hennicka	Valdo Hermes de Lima Barcelos	2012	UFMS	D http://cascavel.cpd.ufsm.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4858
86.	Educação musical na cuíca: percussões e repercussões de um Projeto Social	José Everton da Silva Rozzini	Cláudia Ribeiro Bellochio	2012	UFMS	D http://cascavel.cpd.ufsm.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4967

87.	Educação profissional para jovens e adultos no litoral paranaense	Jacqueline Tomen Machado	Rita de Cassia da Silva Oliveira	2012	UEPG	D	http://bicentede.uepg.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=877
88.	Educação, mulher e política : diálogos em Rousseau	Nara Aparecida Peruzzo	Claudio Almir Dalbosco	2012	FUPF	D	https://secure.upf.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=668
89.	Egressos do ensino fundamental por ciclos e sua inserção no ensino médio : experiências em diálogo	Maria Beatriz Pauperio Titton	Jaqueline Moll	2010	UFRGS	T	http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000754920&loc=2010&l=c3c03cc7e01bec44
90.	Elementos constitutivos da e para a educação de jovens e adultos na formação de professores em cursos de Pedagogia em Santa Catarina	Sidneya Magaly Gaya	Maria Hermínia Lage Fernandes Laffin	2012	UFSC	D	http://www.bu.ufsc.br/teses/PEED0952-D.pdf
91.	Enquanto a aula acontece... práticas juvenis (des)ordenando espaços e tempos escolares contemporâneos	Rita Cristine Basso Soares Severo	Elisabete Maria Garbin	2014	UFRGS	T	http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000914975&loc=2014&l=f67e4bb8e347cfd4
92.	Ensino de filosofia e as TIC: reflexões a partir de experiências do PIBID.Filosofia da UFSM	Simone Becher Araujo Moraes	Elisete Medianeira Tomazetti	2014	UFSM	D	http://cascavel.cpd.ufsm.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=6319
93.	Ensino médio organizado por blocos de disciplinas semestrais: avanços e limites no contexto escolar	Jeovania Fabro Tomazi	Suely Aparecida Martins	2014	UNIOESTE	D	http://tede.unioeste.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1588
94.	Ensino profissional e educação básica : estudo de caso da implantação de um curso técnico na modalidade de jovens e adultos (PROEJA	Andressa Aita Ivo	Alvaro Moreira Hypólito.	2010	UFPEL	D	http://quaiaca.ufpel.edu.br/handle/123456789/1729
95.	Entre consumidores e internautas: a outra face da crise do ensino médio no Brasil	Adriano Machado Oliveira	Elisete Medianeira Tomazetti	2012	UFSM	T	http://cascavel.cpd.ufsm.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=4788
96.	Espelhos da contemporaneidade e valor do corpo na construção da subjetividade juvenil	Elmer Erico Link	Cleber Gibbon Ratto	2014	UNILASALLE	D	Sem endereço eletrônico, consulta ao exemplar da Biblioteca do Unilasalle
97.	Estilos juvenis na periferia urbana : conhecendo culturas de alunos de uma	Luciano Debom Steiw	Maria Luisa Merino de	2013	UFRGS	D	http://hdl.handle.net/10183/83824

	escola municipal na Restinga Velha		Freitas Xavier				
98.	Estou online! o imperativo da conexão reconfigurando sensibilidades nas relações de afeto entre sujeitos jovens contemporâneos	Cíntia Bueno Marques	Elisabete Maria Garbin	2013	UFRGS	T	http://hdl.handle.net/10183/77239
99.	Estudantes universitários com dificuldades de aprendizagem: como motivá-los?	Magda Altafini Gomes	Juan José Mouriño Mosquera	2012	PUC-RS	D	http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/3710/1/437550.pdf
100.	Ética e moral na educação de jovens e adultos	Eliane Maria Lobens Schmidt	Rosa Maria Filippozzi Martini	2011	UNISC	D	http://hdl.handle.net/11624/396
101.	Experiência estética e fotografia no cotidiano de alunos da EJA: possíveis relações com o ensino da arte	Nina Magalhães Loguercio	Marcos Villela Pereira	2011	PUC-RS	D	http://repositorio.pucrs.br/dspace/bitstream/10923/2812/1/000438679-Texto%2bCompleto-0.pdf
102.	Experiências de formação de professores Kaingang no Rio Grande do Sul	Claudia Pereira Antunes	Maria Aparecida Bergamaschi	2012	UFRGS	D	http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000862627&loc=2012&l=fdb160223519f598
103.	Financiamento da educação profissional no Brasil : contradições e desafios	Gabriel Grabowski	Elisabete Maria Garbin	2010	UFRGS	T	http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000762743&loc=2010&l=ddb11eaf14b04488
104.	Formação continuada de professores na EJA : qual o lugar dos sujeitos estudantes?	Paula Cabra	Maria Hermínia Lage Fernandes Laffin	2013	UFSC	D	http://tede.ufsc.br/teses/PEED1025-D.pdf
105.	Formação continuada de professores na modalidade e-learning : um estudo de realidade de um núcleo estadual de educação de jovens e adultos de Porto Alegre	Denise de Assis Policarpo	Lucia Maria Martins Giraffa	2014	PUC-RS	D	http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/3790/1/455934.pdf
106.	Formação inicial do professor de educação de jovens e adultos : projeto para o futuro	Lêda Letro Ribeiro	Olinda Evangelista	2013	UFSC	D	http://tede.ufsc.br/teses/PEED0986-D.pdf

107. Formação para o trabalho? : o projeto Escola de Fábrica em Santa Catarina	Luani de Liz Souza	Celso João Carminati	2012	UDESC	D	http://www.tede.udesc.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2923
108. Formação permanente de professores(as) da EJA: círculo de diálogos como práxis pedagógica humanizadora	Eliziane Tainá Lunardi Ribeiro	Celso Ilgo Henz	2014	UFMS	D	http://cascavel.cpd.ufsm.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=6359
109. Gestão de processos pedagógicos no PROEJA : razão de acesso e permanência	Margarete Maria Chiapinotto Noro	Simone Valdete dos Santos	2011	UFRGS	D	http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000817419&loc=2012&l=6e52a0787a5b7b0a
110. História e cultura africana na compreensão de jovens estudantes da escola básica municipal Dilma Lúcia dos Santos (Florianópolis, SC	Luiza Vieira Maciel	Clarícia Otto	2014	UFSC	D	http://tede.ufsc.br/teses/PEED1093-D.pdf
111. Identidades juvenis e práticas culturais em uma escola de educação de jovens e adultos	Rejane Sittoni Schutz	Iara Tatiana Bonin	2012	ULBRA	D	https://servicos.ulbra.br/BIBLIO/PPGEDUM136.pdf
112. Imagens do hospício vazio : fotografia, pesquisa e intervenção	Vanessa Soares Maurenente	Cleci Maraschin; Josep Maria Blanch, co-orient. Maria Cristina Villanova Biazus	2010	UFRGS	T	http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000737742&loc=2010&l=6d7292a21f2b21a1
113. Informática educativa : elementos para uma proposta de formação continuada de professores	Lisandro Lemos Machado	Adriano Canabarro Teixeira	2011	FUPF	D	https://secure.upf.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=549
114. Instagram : produção de imagens, cultura mobile e seus possíveis reflexos nas práticas educativas	Rodrigo Inacio de Castro	Rosária Ilgenfritz Sperotto	2014	UFPEL	D	http://pergamum.ufpel.edu.br:8080/pergamumweb/vinculos/00007e/00007e8b.pdf
115. Institucionalização escolar e	Elize de Matos	Maria Inês	2014	UFMS	D	http://cascavel.cpd.ufsm.br/tede

empreendedorismo: efeitos da governamentalidade neoliberal na sujeição do aluno a EJA	Souto	Naujorks				/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=6278
116. Interfaces da ética, cidadania e juventude(s): narrativas de professores e jovens de ensino médio da Rede Pública de Santa Maria/RS	Marli da Silva	Jorge Luiz da Cunha	2013	UFMS	D	http://cascavel.cpd.ufsm.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=5478
117. Intuições para uma pedagogia da intuição : a amizade enquanto uma experiência integral pela dinâmica das cartas	Alexsandro dos Santos Machado	Malvina do Amaral Dorneles	2012	UFRGS	T	http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000875294&loc=2013&l=6a148591f214f25e
118. Jovens e a produção de subjetividades: vidas na festa, vidas na escola	Vera Lúcia Gainssa Balinhas	Jarbas Santos Vieira	2013	UFPEL	T	http://repositorio.ufpel.edu.br/handle/123456789/1677
119. Jovens em ONGS e a representação social da violência : descontinuidade na violência, afirmação do sujeito de direitos	Armgard Lutz	Carmem Maria Crady	2010	UFRGS	T	http://hdl.handle.net/10183/24814
120. Jovens quilombolas e ocupações não agrícolas	Maria dos Passos Viana Bottega	Oscar José Rover	2011	UFSC	D	http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/96091
121. Justiça restaurativa na escola : perspectiva pacificadora?	Ana Paula Araújo	Marcos Villela Pereira	2010	PUC-RS	D	http://tede.pucrs.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2527
122. Juvenilização da cultura e escola : um estudo sobre alunos de quarta série	Fernanda Lanhi da Silva	Maria Stephanou	2010	UFRGS	D	http://hdl.handle.net/10183/24156
123. Juventude e cinema : as práticas de si na transformação do sujeito ético	Lisli Seibert	Fabiana de Amorim Marcell	2011	ULBRA	D	https://servicos.ulbra.br/BIBLIO/PPGEDUM134.pdf
124. Juventude e escola na cultura contemporânea : análise do discurso de professores em weblogs	Marilane Silva Lopes	Cleber Gibbon Ratto	2014	UNILASALLE	D	Sem endereço eletrônico, consulta ao exemplar da Biblioteca do Unilasalle
125. Juventude em discurso : histórias de vida de jovens aprisionados, no município de Cáceres/MT	Ailon do Vale Simão	Rosa Maria BuenoFischer	2014	UFRGS	T	http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000916413&loc=2014&l=f2d90aca68fe3463
126. Juventude escola e trabalho	Márcio Luiz Bernardim	Monica Ribeiro da Silva	2013	UFPR	T	http://dspace.c3sl.ufpr.br:8080/dspace/handle/1884/34679

127.	Juventude que ousa lutar! : trabalho, educação e militância de jovens assentados do MST	Natacha Eugênia Janata	Célia Regina Vendramini	2012	UFSC	T	http://www.tede.ufsc.br/teses/PEED0935-T.pdf
128.	Juventudes : trajetórias interrompidas pela inclusão precária	Giovana Ferreira	Carmem Maria Crady	2013	UFRGS	D	http://hdl.handle.net/10183/83305
129.	Juventudes contadas no Jornal Mundo Jovem : modos de pensar o sujeito jovem contemporâneo	Lisandra Veiga dos Santos	Elisabete Maria Garbin	2012	UFRGS	D	http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000857544&loc=2012&l=1f6a337a97f7c065
130.	Juventudes contemporâneas e a construção de identidades no trabalho cooperativo apoiado pelo Tecnosocial	Joel Luis Dumke	Cleber Gibbon Ratto	2012	UNILASALLE	D	Sem endereço eletrônico, consulta ao exemplar da Biblioteca do Unilasalle
131.	Juventudes governadas : dispositivos de segurança e participação no Guajuviras (Canoas-RS) e em Grigny Centre (França)	José Geraldo Soares Damico	Dagmar lisabeth Estermann Meyer; co-orient. Lazarus, Sylvain, 1943-	2011	UFRGS	T	http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000776144&loc=2011&l=fdc40fd1996d7e27
132.	Juventudes, fotografia e produção de sentido : pautas juvenis no contemporâneo	Maria Cristina Vieira Cavalcanti	Cleber Gibbon Ratto	2014	UNILASALLE	D	Sem endereço eletrônico, consulta ao exemplar da Biblioteca do Unilasalle
133.	Laços de amizade : modos de relacionamento jovem em tempos de conectividade digital	Suzana Feldens Schwertner	Rosa Maria Bueno Fischer	2010	UFRGS	T	http://hdl.handle.net/10183/21860
134.	Legitimando saberes indígenas na escola	Luana Barth Gomes	Maria Aparecida Bergamaschi	2011	UFRGS	D	http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000817163&loc=2012&l=a42852a2d9907569
135.	Letramento, leitura e literatura no ensino médio da modalidade de educação de jovens e adultos : uma proposta curricular	Juçara Benvenuti	Luciene Juliano Simões	2011	UFRGS	T	http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000823167&loc=2012&l=1cf316a1328494df
136.	Letramentos de adultos em processo de alfabetização : reflexos da escolarização nas práticas de leitura	Paula Alves de Aguiar	Nilcéa Lemos Pelandré	2012	UFSC	T	<u>Versão integral em PDF</u>

137. Língua inglesa e periferia : o descompasso no discurso dos jovens	Juliana Silva dos Santos	Paulo Peixoto de Albuquerque	2014	UFRGS	D	http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000933126&loc=2014&l=ee1b6e8d023c40d6
138. Literatura como abertura : experiência estética e formação na EJA	Maria do Carmo Hornos Steffens	Luciana Gruppelli Loponte	2011	UFRGS	D	http://hdl.handle.net/10183/37377
139. Mais ou menos músicos	Áurea Demaria Silva	Luciane Maria Schindwein	2013	UFSC	T	https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/107336
140. Mediação pedagógica no acolhimento institucional e as práticas socioeducativas com crianças e adolescentes nas relações de conflitos	Fernanda Carvalho Ferreira	Telmo Adams	2014	UNISINOS	D	http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/00000A/00000A54.pdf
141. Memórias e experiências : aspectos culturais irrenunciáveis de comunidades do entorno da Laguna - 2000 a 2011	Laércio Vitorino de Jesus Oliveira	Maristela Fantin, co-orientador, Juarez da Silva Thiesen	2011	UFSC	D	http://www.tede.ufsc.br/teses/PEED0909-D.pdf
142. Memórias em movimento : narrativas sobre a história ensinada (Florianópolis, 1990-2009)	Flavia Gomes da Silva Riger	Clarícia Otto.	2011	UFSC	D	http://www.tede.ufsc.br/teses/PEED0878-D.pdf
143. Meninas fantásticas e o sonho do universo fashion : entre a beleza, o luxo e o glamour das passarelas, vale tudo para ser uma top model?	Elisa Riffel Pacheco	Nádia Geisa Silveira de Souza	2014	UFRGS	D	http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000968334&loc=2015&l=93c7fcee6d65c629
144. Minha Vida : autobiografias femininas no contexto da educação de jovens e adultos	Ricardo de Souza Oliveira	Iara Tatiana Bonin	2010	ULBRA	D	https://servicos.ulbra.br/BIBLIO/PPGEDUM122.pdf
145. Modos de vestir-se e identidades de jovens escolares contemporâneos	Samanta Demétrio da Silva	Marisa Vorraber Costa	2014	ULBRA	D	https://servicos.ulbra.br/BIBLIO/PPGEDUM185.pdf
146. Movimento Aroeira : práticas pedagógicas e juventudes em Florianópolis - uma alternativa à criminalidade	Sabrina Severo da Silva	Maristela Fantin	2010	UFSC	D	http://www.tede.ufsc.br/teses/PEED0840-D.pdf

147. Narrativas de jovens : experiências de participação social e sentidos atribuídos às suas vidas	Maurício Perondi	Maria Stephano	2013	UFRGS	T	http://hdl.handle.net/10183/72693
148. Narrativas e percursos escolares de jovens e adultos com deficiência : "Isso me lembra uma história!"	Clarissa Haas	Cláudio Roberto Baptista	2013	UFRGS	D	http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000877766&loc=2013&l=a90e4f057f083e5d
149. Nosso norte é o sul : colonialidade do conhecimento e a pedagogia da insurgência na América Latina	Cheron Zanini Moretti	Danilo Romeu Streck	2014	UNISINOS	T	http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/00000c/00000c19.pdf
150. O corpo rifado	Patrícia Abel Balestrin	Guacira Lopes Louro	2012	UFRGS	T	http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000827688&loc=2012&l=2c016d85aac7d7a2
151. O discurso musical Rap: expressão local de um fenômeno mundial e sua interface com a educação	Iolanda Macedo	Alexandre Felipe Fiuza	2010	UNIOESTE	D	http://tede.unioeste.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=571
152. O ensino de história na educação de jovens e adultos : as concepções sobre a história presentes nas narrativas dos alunos do CEIEBJA Profa. Dulceny Becke	Danillo Ferreira de Brito	Marlene Cainelli	2013	UEL	D	http://www.bibliotecadigital.uel.br/document/?view=vtls000187240
153. O ensino de língua portuguesa na educação de jovens e adultos em uma escola estadual de Santa Maria	Cezar Augusto Mautone Pedroso	Liliana Soares Ferreira	2010	UFSM	D	http://cascavel.cpd.ufsm.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=3557
154. O ensino secundário público paranaense :o Ginásio Regente Feijó, Ponta Grossa (1927-1961)	Maisa Milène Zarur Remer	Maria Elisabeth Blanck Miguel	2013	PUC-PR	T	http://www.biblioteca.pucpr.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2517
155. O entendimento do binômio educador/cuidar na educação básica	Joice Viviane Poerschke Vilar	Ademir Damazio	2014	UNESC	D	http://www.bib.unesc.net/biblioteca/sumario/000059/0000597B.pdf
156. O gamer é o protagonista Freireano? Um estudo sobre o protagonismo em Paulo Freire e a utilização de jogos eletrônico	André Luis Macedo Caruso	Adriano Canabarro Teixeira	2011	FUPF	D	https://secure.upf.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=521
157. O método Paulo Freire de alfabetização no Programa Paraná Alfabetizado no	Adriana Cristina	Peri Mesquida	2010	PUC-PR	D	http://www.biblioteca.pucpr.br/tede/tde_busca/arquivo.php?co

município de Palmas :uma presença ausente?	Kozelski					dArquivo=1681
158. O outro em cena : teatro escolar e alteridade	Marcelo Kozorosky Almeida	Rosa Maria Bueno Fischer	2012	UFRGS	D	http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000851054&loc=2012&l=f067f3fd629da35f
159. O planejamento participativo na educação básica :iniciativas, implantações e dificuldades na prática pedagógica	Silvia Lucia Marques de Vasconcellos	Pura Lucia Oliver Martins	2011	PUC-PR	D	http://www.biblioteca.pucpr.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2528
160. O programa educacional de resistência às drogas e à violência, o projeto político pedagógico e as implicações na dinâmica da escola : estudo de um caso	Plínio Vinícius Silva da Silva	Rosane Kreuzburg Molina	2012	UNISINOS	D	http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/000001/00000166.pdf
161. O que consome o adolescente?	Carmen Backes	Rosa Maria Bueno Fischer	2011	UFRGS	T	http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000772727&loc=2011&l=b8aead0ab5fc8ef
162. O Trabalho de professores/as em um espaço de privação de liberdade : necessidades de formação continuada	Andréa Rettig Nakayama	Maria Hermínia Lage Fernandes Laffin	2011	UFSC	D	http://www.tede.ufsc.br/teses/PEED0880-D.pdf
163. O universo anime na produção de jovens Otakus que vão à escola	Carla Simone Corrêa Marcon	Marisa Cristina Vorraber Costa	2010	ULBRA	D	https://servicos.ulbra.br/BIBLIO/PPGEDUM111.pdf
164. Olha pra mim! inclusão/exclusão e violências nas memórias de estudantes de um curso de Pedagogia	Caroline Kern	Ana Maria Borges de Sousa; coorientadora, Silvia Zanatta Da Ros	2014	UFSC	T	http://tede.ufsc.br/teses/PEED1045-T.pdf
165. Os camponeses vão à escola na/da cidade : considerações sobre fomicultura e escolarização em Santa Cruz do Sul	Rafael de Oliveira	Marlene Ribeiro	2013	UFRGS	D	http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000878282&loc=2013&l=77a3e37e2d1ba6a0
166. Os sentidos atribuídos à vida escolar de jovens por meio da participação em projeto de produção de jogos digitais	Valter José Rangel Monteiro	Ademilde Sartori	2011	UDESC	D	http://www.tede.udesc.br/tede_busca/arquivo.php?codArquivo=3340

167. Os sentidos da experiência escolar para jovens do ensino médio: um estudo em três escolas na cidade de Caxias do Sul/RS	Vitor Schlickmann	Elisete Medianeira Tomazetti	2013	UFSM	T	http://cascavel.cpd.ufsm.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=5468
168. Os sentidos das experiências escolares nas trajetórias de vida de mulheres em privação de liberdade	Pollyana dos Santos	Olga Celestina da Silva Durand	2014	UFSC	T	http://tede.ufsc.br/teses/PEED1058-T.pdf
169. "Passe na UFRGS" : o imperativo da aprovação veiculado em materiais midiáticos de cursinhos pré-vestibulares	Isabela Dutra Correa da Silva	Elisabete Maria Garbin	2012	UFRGS	D	http://hdl.handle.net/10183/55338
170. Pecúariado amor : relações afetivo-sexuais das jovens em uma escola da periferia de Porto Alegre	Alexandre Toaldo Bello	Jane Felipe	2014	UFRGS	T	http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000922510&loc=2014&l=f30f7c85d281620d
171. Pedagogia da alternância :uma contraposição a teoria da modernização	Airton Carlos Batistela	Lindomar Wessler Boneti	2011	PUC-PR	D	http://www.biblioteca.pucpr.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1883
172. "Pegar, ficar, namorar..." jovens mulheres e suas práticas afetivo-sexuais na contemporaneidade	Tatiana Meirelles	Maria Lúcia Castagna Wortmann	2011	UFRGS	D	http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000817404&loc=2012&l=8f991f5edc973636
173. Perfil dos ingressantes da polícia militar do estado do Rio Grande do Sul a partir da coorte juventude	Leo Acir Torres dos Santos	Carmem Maria Crady	2013	UFRGS	D	http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000896382&loc=2013&l=8940ab6cad64238
174. Periferia urbana de Viamão e políticas públicas educacionais : reflexões a partir de falas juvenis	Magnos Luis de Lima	Evaldo Luis Pauly	2010	UNILASALLE	D	http://biblioteca.unilasalle.edu.br/docs_online/tcc/mestrado/educacao/2010/mllima.pdf
175. Plantando livros, colhendo leitores : experiências de leitura com trabalhadores agrícolas	Kátia Catarina Wolff Saraiva	Maria Clara Bueno Fischer	2014	UFRGS	D	http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000948004&loc=2014&l=d5e715b4be0251b4
176. Política de ações afirmativas na UFRGS : o processo de resiliência na trajetória de vida de estudantes cotistas negros com bom desempenho acadêmico	Luciane Bello	Arabela Campos Oliven	2011	UFRGS	D	http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000793573&loc=2011&l=da3f7ac7f71f76c7
177. Política social para a infância e	Mariza Scheffer	Ireni Marilene	2013	UNIOESTE	D	http://tede.unioeste.br/tede/tde

adolescência: aspectos sociopolíticos nos discursos dos governadores do Paraná (1910-2010)	Freire	Zago Figueiredo				busca/arquivo.php?codArquivo=1448
178. Políticas educacionais da EJA e a formação do educador de jovens e adultos no Município de Curitiba, de 1996-2012, à luz da visão de docência de Paulo Freire	Joelma Batista da Silva	Peri Mesquida	2014	PUC-PR	D	http://www.biblioteca.pucpr.br/tede/tede_busca/arquivo.php?codArquivo=2843
179. Políticas públicas de acesso e permanência no ensino médio de alunos jovens em condições de vulnerabilidade social no Paraná	Sonia Cristina Rado	Lindomar Wessler Boneti	2010	PUC-PR	D	http://www.biblioteca.pucpr.br/tede/tede_busca/arquivo.php?codArquivo=1758
180. Por uma percepção multiangular : a inserção da discussão sobre o envelhecimento na escola da vida e na vida da escola	Claudia Flores Rodrigues	Juan José Mouriño Mosquera	2013	PUC-RS	T	http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/3774/1/452894.pdf
181. Prática da envolvimento : possíveis contribuições para a elaboração de uma pedagogia em arte na EJA	Carla Maria Garcia Fernandes	Susana Rangel Vieira da Cunha	2012	UFRGS	T	http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000835992&loc=2012&l=f773101a65581152
182. Práticas de leitura e escrita na contemporaneidade : jovens e fanfictions	Larissa Camacho Carvalho	Maria Stephanou	2012	UFRGS	T	http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000860576&loc=2012&l=77074f55c1c56059
183. Práticas educativas escolares de enfrentamento da exclusão social no meio rural : a pedagogia da alternância e a casa familiar rural em Frederico Westphalen	Luci Mary Duso Pacheco	Danilo Romeu Streck	2010	UNISINOS	T	http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/tede/LuciPachecoEducacao.pdf
184. Práticas pedagógicas que pensam a ética da vida com crianças e jovens: buscas e reflexões a partir da bioantropoética e da matriz biológico-cultural da existência humana	Ana Felícia Guedes Trindade	Leda Lísia Franciosi Portal	2011	PUC-RS	D	http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/3695/1/435125.pdf
185. Processos de produção de masculinidades e feminilidades juvenis	Sandra Adelina Giacomini	Dagmar Elisabeth	2011	UFRGS	D	http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000791568&loc

	: articulações com violências de gênero		Estermann Meyer				c=2011&l=4ec03ea89cada4ee
186.	Proeja : a experiência de um grupo virtual como forma de inserção digital	Maria Letícia Felicori Tonelli e Teixeira Leite	Sérgio Roberto Kieling Franco; co-orienta. Jose Valdeni de Lima	2012	UFRGS	T	http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000863502&loc=2012&l=54c2705db84e6bb7
187.	Profissionalização e escolarização de jovens atletas de futsal em Santa Catarina	Lucas Barreto Klein	Jaison José Bassani	2014	UFSC	D	https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/129350
188.	Programa escola aberta : espaço de inclusão, socialização e disciplinamento de jovens da periferia urbana no município de Alvorada/RS	Tatiane Matheus dos Santos	Maria Luisa Merino de Freitas Xavier	2011	UFRGS	D	http://hdl.handle.net/10183/32143
189.	Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA): reflexões acerca do trabalho como princípio educativo.	Mayara Cristina Pereira Yamanoe	Adaguimar Orquizas Viriato	2011	UNIOESTE	D	http://tede.unioeste.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=926
190.	Programa ProJovem adolescente : um olhar a partir da teoria crítica de Honneth	Marisa Ignes Orsolin Morgan	Angelo Vitória Cenci	2014	FUPF	D	https://secure.upf.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=778
191.	Projeto Orquestra Escola : educação musical e prática social	Katarina Grubisic	Cristiana de Azevedo Tramonte.	2012	UFSC	D	http://www.bu.ufsc.br/teses/PEED0946-D.pdf
192.	Projetos de vida e emancipação : constituindo o ser-sujeito cidadão no Pão dos Pobres	Gilmar Staub	Daniel de Queiroz Lopes	2013	UNISINOS	D	http://biblioteca.asav.org.br/vinculos/000009/00000903.pdf
193.	Psii! Fermento! : pastoral da juventude e imprensa estudantil nos anos 1980 a 1990	Patrícia Machado Vieira	Maria Stephanou	2014	UFRGS	D	http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000941944&loc=2014&l=e2441f01a06727fc

194. Quando os "degradados" se tornam "favoritos" : um estudo de trajetórias de estudantes do Pré-Vestibular da Universidade Federal de Santa Catarina ingressos em cursos de maior demanda	Francini Scheid Martins	Ione Ribeiro Valle, co-orientador, Lucídio Bianchetti	2013	UFSC	D	http://tede.ufsc.br/teses/PEED1013-D.pdf
195. Quantas intenções : educação da saúde e conexões com a cultura	Ana Lúcia Valdez Poletto	Ricardo Burg Ceccim	2014	UFRGS	D	http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000964226&loc=2015&l=765ebaf6d7818d8c
196. Quem cedo madruga, Deus ajuda?: um estudo sobre a Lei da Aprendizagem em duas empresas públicas de Santa Catarina	Débora dos Santos	Valeska Nahas Guimarães	2011	UFSC	D	http://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/95547
197. "Quer teclar?" : aprendizagens sobre juventudes e soropositividades através de bate-papos virtuais	Jeane Félix da Silva	Dagmar Elisabeth Estermann Meyer	2012	UFRGS	T	http://hdl.handle.net/10183/56466
198. Sentidos de cidadania e currículo : um estudo a partir do programa "O caráter conta"	Douglas Bahr Leutprecht		2013	UNIVILLE	D	http://univille.edu.br/community/mestrado_ed/VirtualDisk.html?action=readFile&file=Dissertacao_Douglas_Bahr_Leutprecht.pdf&current=/Dissertacoes_turma_I
199. Ser professor na educação de jovens e adultos : interfaces entre representações sociais de professores que atuam nessa modalidade de ensino na Rede Municipal de Curitiba e as políticas educacionais	Marciele Stiegler Ribas	Romilda Teodora Ens	2013	PUC-PR	D	http://www.biblioteca.pucpr.br/tede/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2628
200. Será tão difícil escrever? : ensaio entre a escrita e a escritura - contribuições de Roland Barthes à educação	Edilaine Vieira Lopes	Cleber Gibbon Ratto	2011	UNILASALLE	D	http://biblioteca.unilasalle.edu.br/docs_online/tcc/mestrado/educacao/2011/evlopes.pdf
201. Socialidade e ciberespaço : lan houses e suas implicações para a escola	Patricia Justo Moreira	Ademilde Silveira Sartori	2010	UDESC	D	http://www.tede.udesc.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=2057

202.	Sociologia no ensino médio : cenários biopolíticos e biopotência em sala de aula	Rodrigo Belinaso Guimarães	Rosa Maria Hessel Silveira	2013	UFRGS	T	http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000875349&loc=2013&l=f80430ca3986e669
203.	Sujeitos da educação de jovens e adultos : produção da permanência no ensino médio regular noturno	José Manoel Cruz Pereira Nunes	Sônia Aparecida Branco Beltrame	2010	UFSC	D	http://www.tede.ufsc.br/teses/PEED0828-D.pdf
204.	Tá ligado?! : práticas de escuta de jovens urbanos contemporâneos e panoramas sonoros na metrópole, uma pauta para a educação	Marta Campos de Quadros	Rosa Maria Hessel Silveira	2011	UFRGS	T	http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000875347&loc=2013&l=209a8af5c7b4068a
205.	Tessituras da pele : juventude(s), relações raciais e experiências sociais	José Nilton de Almeida	Olga Celestina Durand da Silva	2010	UFSC	T	http://www.tede.ufsc.br/teses/PEED0831-T.pdf
206.	Tradição jesuítica : educação, identidade e sentimento de pertencimento em uma história de vida no colégio anchieta	Dário Schneider	Bettina Steren dos Santos	2013	PUC-RS	D	http://tede2.pucrs.br/tede2/bitstream/tede/3750/1/447015.pdf
207.	Trajetórias de jovens egressos do ensino médio de uma escola pública de Santa Maria e o Enem como ferramenta de inserção social	Luciana Campos de Oliveira Dias	Rosane Maria Kreusburg Molina	2013	UNISINOS	T	http://www.repositorio.jesuita.org.br/handle/UNISINOS/4128
208.	Trazendo a noite para o dia : apontamentos sobre erotismo, strip tease masculino, pedagogias de gênero e sexualidade	Claudio Ricardo Freitas Nunes	Fernando Seffner	2012	UFRGS	T	http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000860987&loc=2012&l=74b85120e8c68e41
209.	Tribos na sala de aula : um estudo sobre culturas juvenis na escola	Darlan Carlos Dias	Rita de Cássia Marchi	2011	FURB	D	http://www.bc.furb.br/docs/DS/2011/349200_1_1.pdf
210.	Um estudo comparado das políticas educacionais para jovens e adultos no Brasil e na Venezuela	Antenor da Cunha França Junior	Rose Meri Trojan	2013	UFPR	D	http://dspace.c3sl.ufpr.br:8080/dspace/handle/1884/34783
211.	Um modo de ler e escrever na EJA : oficinas biografêmicas	Larisa da Veiga Vieira Bandeira	Sandra Mara Corazza	2014	UFRGS	D	http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000940022&loc=2014&l=c68e425392b53e1f
212.	Usando o Scratch para potencializar o	Amilton	Adriano	2012	FUPF	D	https://secure.upf.br/tede/tde_b

pensamento criativo em crianças do ensino fundamental	Rodrigo de Quadros Martins	Canabarro Teixeira				usca/arquivo.php?codArquivo=666
213. Vida loka também ama: juventudes, mitos e estilos de vida	Donizeti José de Lima	Olga Celestina da Silva Durand	2014	UFSC	T	https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/129020
214. Visto, logo existo: uma investigação sobre identidades de estudantes no ambiente virtual	Elaine Beatriz de Oliveira Smyl	Luis Fernando Cerri	2014	UEPG	D	http://bicentede.uepg.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1328
215. Viticultores/as do sul, canavieiros/as do nordeste : construções autofotográficas dos/as trabalhadores/as estudantes pensadores/as do desenvolvimento local	Damiana de Matos Costa França	Naira Lisboa Franzoi	2012	UFRGS	D	http://www.bibliotecadigital.ufrgs.br/da.php?nrb=000836298&loc=2012&l=26d2c6ccdb14c05f
216. Vivendo no espetáculo, aprendendo com o espetáculo : cultura Rave e produção de jovens contemporâneos	Sandro Faccin	Marisa Cristina Vorraber Costa	2010	ULBRA	D	https://servicos.ulbra.br/BIBLIO/PPGEDUM110.pdf

APÊNDICE C - Relação de palavras-chave escolhidas pelos autores dos documentos examinados

Legenda:

 Juventude ou jovem como palavra-chave

 Educação de jovens e adultos, EJA, PROEJA

TÍTULO	ASSUNTO 1	ASSUNTO 2	ASSUNTO 3	ASSUNTO 4	ASSUNTO 5
1. A ambientalização em processos educativos na igreja evangélica de confissão luterana no Brasil	Educação Ambiental	Ambientalização	Antropologia da Religião	Antropologia da Educação	
2. A certificação pelo Exame Nacional do Ensino Médio : implicações no currículo e no trabalho docente da educação de jovens e adultos	Educação de Jovens e Adultos	ENEM	Políticas Educacionais	Currículo	Trabalho Docente
3. A constituição discursiva de jovens sujeitos morais	Discursos	Normalização	Sujeição	Constituição Moral	Michel Foucault; Friedrich Nietzsche
4. A construção do currículo integrado no âmbito do PROEJA/PR: a questão da indissociabilidade entre formação geral e formação específica.	Educação de Jovens e Adultos	PROEJA	Integração curricular		
5. A cultura do medo no cotidiano da escola : afetos, acolhimentos, violências, sofrimentos, como manifestações de um querer-viver societal	Cultura do medo na escola	Juventudes e violência	Pesquisa em educação e violências	CEJA	
6. A educação corporativa e as suas contribuições para o desenvolvimento humano	Educação. Educação Corporativa	Gestão Estratégica	Tendências ao Desenvolvimento	Desenvolvimento Humano	Contribuições ao Desenvolvimento
7. A educação de jovens e adultos na rede municipal de Joinville : caminhos e descaminhos na implementação das	Educação	Políticas públicas	Educação de jovens e adultos		

	políticas públicas					
8.	A educação e a reprodução da classe trabalhadora da pomicultura de Fraiburgo SC e o Programa de Aprendizagem "Cultivo da Macieira - Jovem Aprendiz Cotista"	Classe trabalhadora	Reprodução social	Processos de educação		
9.	"A EJA em minha vida" trajetórias sociais de egressos/as da Educação de Jovens e Adultos no município de Palhoça (SC) 2004 - 2007	Educação de jovens e adultos (EJA)/Palhoça (SC)	Escolarização/EJA	Perfil socioescolar/EJA	Bernard Lahire - Escolarização/EJA	
10.	A enunciação estética juvenil em vídeos escolares no youtube	Atrator	Enunciação estética	Cultura digital	Juventude	Vídeo escolar
11.	A especificidade da formação do educador de jovens e adultos à luz do pensamento pedagógico de Paulo Freire	Paulo Freire	EJA	Preparo do educador	Programa Paraná Alfabetizado	
12.	A formação de jovens para o mundo do trabalho a partir da lei da aprendizagem	Jovem aprendiz	Programa de aprendizagem	Trabalho e educação		
13.	A formação discursiva neoliberal em escolas públicas estaduais : o Projeto Jovem de Futuro do Instituto Unibanco	Práticas educativas	Relação público-privada	Trabalho docente	Análise do discurso	Projeto jovem de futuro
14.	A formação dos trabalhadores em suas histórias de vida : a experiência do MOVA/RS em Santa Cruz do Sul como possibilidade de emancipação.	O autor não definiu palavras-chave para o documento				
15.	A Formação técnico-profissional em agroecologia no MST/SP	Formação Técnico-Profissional	Agroecologia	Trabalho e educação	MST	
16.	A gente chega e se apropria do espaço! Graffiti e pichações demarcando espaços urbanos em Porto Alegre	Estudos culturais	Juventude	Grafite	Graffiti	Pichação
17.	A geração digital espelhada nos blogs : combinações e imagens	Blogs	Jovens	Práticas políticas		

18.	A implantação do Projovem no município de Porto/RS, sob a perspectiva dos jovens participantes	Pro.jovem	Juventude	Educação	Trabalho	
19.	A implementação de um curso de Ensino Médio Integrado na modalidade EJA : contexto da prática do Câmpus Restinga (IFRS)	Proeja	Educação profissional	Políticas públicas		
20.	A inclusão de adolescentes em conflito com a lei em Londrina : um desafio para a escola pública	Adolescente em conflito com lei	Inclusão escolar	Medidas socioeducativas	Políticas públicas	
21.	A invenção do pedagogo generalista : problematizando discursos implicados no governo de professores em formação	Estudos culturais	Curso de pedagogia	Pedagogo generalista	Discurso	Governo Michel Foucault
22.	A marca da promessa : culturas juvenis assembleianas	Jovens	Religião	Assembleia de Deus	Estudos culturais	Educação
23.	A matemática na visão de alunos da educação de jovens e adultos	Educação de jovens e adultos	Matemática	Visão de alunos	Metodologias	Aprendizagem
24.	A modernização da gestão da Escola Pública Estadual do Rio Grande do Sul: a democracia na “porta giratória”	Gestão democrática	Gestão gerencial	Parceria público-privada		
25.	A postura dialógica do Sócrates platônico no Górgias e no Hípias Maios e as perspectivas para uma educação problematizadora / João Gilberto Hubert Novakoski	Sócrates	Dialogo	Elenchos	Ironia	Educação problematizadora
26.	A prática social de luta dos trabalhadores da EJA na rede pública de Porto Alegre-RS um estudo de caso	EJA	Trabalho	Educação	Prática social	Formação de professores
27.	A produção de vídeo estudantil na prática docente : uma forma de ensinar	Produção de vídeo	Vídeo estudantil	Tecnologia	Educação	
28.	A relação entre os saberes-experiência do trabalho e os saberes escolares, vista	Trabalho	Educação	Saberes	Educação de jovens e adultos	Ensino e aprendizagem

por alunos do proeja do IFSUL de Sapucaia do Sul					Formação PROEJA
29. A trajetória dos alunos ingressantes na turma Alfa	Estudos culturais	Colégio de Aplicação	In/exclusão	Permanências e afastamentos	Identidades culturais Categoria social aluno
30. A UNE e os partidos políticos no Governo Lula (2003-2010).	UNE	Governo Lula	Partidos políticos	Movimentos estudantis	
31. A utilização das TIC no ensino de física: uma experiência no sistema prisional em Santa Maria/RS	Tecnologias educacionais	Ensino prisional	Cotidiano		
32. Abrindo o livro das suas vidas: trajetórias de formação de quatro professoras negras	Professoras negras	Trajetórias	Histórias de vida	Formação	
33. Ações de aprendizagem empregadas pelo nativo digital para interagir em redes hipermediáticas tendo o inglês como língua franca	Nativos digitais	Jogo eletrônico	Game	Interação	Cooperação Ações de aprendizagem
34. Adição, subtração e cálculo relacional : uma intervenção com alunos do PROEJA FIC/ensino fundamental	Relação inversa entre adição e subtração	Cálculo relacional	Educação de jovens e Adultos		
35. Ad-mirando o professor de formação técnica : o fazer-se docente no encontro com o PROEJA em dois campi do IFSUL	PROEJA	Trabalho docente	Formação continuada	Identidade docente	Saberes docentes
36. Adolescentes em medida socioeducativa : um estudo sobre estigma	Estigma	Medida socioeducativa	Adolescentes	Conflito com a lei	
37. Adultos com deficiência intelectual incluídos na educação de jovens e adultos : apontamentos necessários sobre adultez, inclusão e aprendizagem	Educação de jovens e adultos	Deficiência intelectual	Adultez	Inclusão e aprendizagem	
38. Aluno faz foto? : o fotografar na escola (especial)	Educação especial	Educação	Fotografia	Fotografar	
39. Amo a escola, odeio estudar : manifestações sobre a escola nas	Redes sociais	Orkut	Comunidades	Escola	Jovens

	comunidades do Orkut					
40.	Aprendendo a ser jovem e empreendedor em tempos líquidos : uma análise da Revista Pequenas Empresas & Grandes Negócios	Pedagogias culturais	Trabalho	Empreendedorismo	Identities juvenis	
41.	Aprendendo a(vi)ver com a Capricho	Identities	Cultura da convergência	Capricho	Consumo	
42.	As diversas faces do ensino médio : formar para a cidadania e/ou preparar para uma profissão	Ensino médio	Legislação	Identidade	Currículo	
43.	As organizações multilaterais, estado e empresariado na lei de aprendizagem Nº 10.097/2000: ações e contradições	Lei de aprendizagem	Juventude	Organismos multilaterais	Estado	Empresariado
44.	As representações de adolescentes e professores sobre o estatuto da criança e do adolescente e efeitos na dinâmica da vida da escola	Estatuto da criança e do adolescente	Adolescentes	Professores	Representações	
45.	As representações sociais do projeto ler e pensar	Representações sociais	Ler e pensar	Educomunicação	Jornal na escola	Formação de professores
46.	Através das lentes : a fotografia como instrumento educativo e elemento de construção dos sujeitos	Processos educativos	Crianças	Jovens	Emancipação	Fotografia
47.	Avaliação da contribuição do Programa Mais Educação para escolas municipais de Rio Verde-GO : dos números do IDEB à percepção qualitativa dos sujeitos	Escola de tempo integral	IDEB	Programa Mais Educação	Qualidade em educação	
48.	Avaliação da implementação do PROEJA em municípios do Oeste do Paraná (2008-2009).	PROEJA	Estado de política educacional	Ensino médio	Educação profissional	Educação de jovens e adultos
49.	Bachillerato popular arbolito da UST : uma análise sobre a relação entre a autogestão do trabalho e as práticas educativas	Bachilleratos populares	Autogestão	Cooperativa de trabalho		

50.	Bildung enquanto formação estética no jovem Nietzsche	Nietzsche	<i>Bildung</i>	Música	Estética	Formação
51.	Boas práticas pedagógicas : dilemas e transformações de educadores e educandos do Projovem urbano	Política pública	Projovem urbano	Educação básica		
52.	Caminhos da docência que se entrecruzam e se revelam no processo de formação continuada com os docentes do PROEJA FIC	Formação continuada	Docência	Narrativas	Proeja FIC	
53.	Cartografia de vida no trabalho educativo com jovens e adultos : conversas-em-ação	Educação de jovens e adultos	Subjetividade e educação	Ensino-aprendizagem	Educação e produção de saúde	
54.	Cidade educadora e juventudes : as políticas públicas e a participação dos jovens na cidade de Gravataí-RS	Educação	Juventudes	Participação	Cidadania	Cidade educadora Políticas públicas
55.	Circulação de ideias sobre a renovação pedagógica do ensino secundário brasileiro em periódicos educacionais científicos (1956-1961)	Ensino secundário	Circulação de ideias	Periódicos científicos	História da educação	
56.	Comunicação, conhecimento e docência : dimensões do processo de formação de educadores no contexto da educação de jovens e adultos	Não foi possível identificar as palavras-chave, pois o link para o texto completo constante na página da UFSC não está funcionando				
57.	Concepções de professores da rede municipal de ensino de Florianópolis : educação de jovens adultos e conhecimento (escolar)	Educação de jovens e adultos	Bases epistemológicas	Concepção de conhecimento		
58.	Concepções e saberes da educação de jovens e adultos na visão de professores dessa modalidade de ensino (1996-2006) : histórias de docência	Educação de jovens e adultos	Saberes	Formação de professores	Ideário formativo	História da educação

59.	Concurso vestibular : um dispositivo meritocrático de seleção para ingressar na Universidade Federal de Santa Catarina	Vestibular	Ensino superior	Meritocracia escolar	Ensino médio	Democratização do acesso Igualdade de oportunidades
60.	Consciência histórica e narrativa: um estudo sobre orientação temporal de estudantes da educação básica	Consciência histórica	Narrativa	Paul Ricoeur	Jörn Rüsen	Projeção de futuro
61.	Constituição identitária de jovens estudantes de informática : um estudo a partir das questões de gênero	Informática	Gênero feminino	Identidades	Estudos culturais	
62.	Constituições identitárias no Projovem urbano de Santa Catarina: um olhar na docência	Constituições identitárias	Projovem urbano	Docência	Professores	EJA Juventude
63.	Construção da profissionalidade de jovens trabalhadores na cultura do imediatismo	Juventudes	Trabalho	Sentido	Cultura	Educação
64.	Contribuições da pesquisa-ação na produção de conhecimentos escolares : experiências curriculares na Rede Pública Municipal de Educação de Chapecó (1997-2004)	Pesquisa-ação	Conteúdo escolar	Educação popular	Organização curricular	Práxis docente
65.	Corpo, disciplina e educação física: o conceito de disciplina em Kant e seus aportes para o cuidado com o corpo na contemporaneidade	Corpo	Disciplina	Educação física	Kant	Educação Sociedade
66.	Corporeidade dançante aprendizagem e experiência da dança entre os jovens	Jovens	Corpo	Corporeidade dançante	Mimesis	Aprendizagem
67.	Cruzando as fronteiras : do trabalho na fomicultura, da formação profissional e dos saberes locais	PROEJA	Formação profissional	Trabalho	Saberes	Desenvolvimento local
68.	Culturas juvenis e experiência social : modos de ser jovem na periferia	Culturas juvenis	Jovens e periferia	Experiência social	Processo de socialização	
69.	Currículo integrado : uma reflexão entre o legal e o real	Educação profissional	Ensino médio	Currículo integrado		

70.	Currículo integrado para o PROEJA	Educação de jovens e adultos	Educação profissional	Currículo		
71.	Curriculum Vitae : selecionam-se Jovens que buscam, nas páginas do jornal, oportunidades de trabalho e que possuam...	Análise do discurso	Educação e trabalho	Foucault	Gestão de pessoas	Governamentalidade de Neoliberalismo
72.	Da experiência da escola técnica Mesquita para EJA : tema-gera-dor-de-dor quediz-para-a-dor	Ideologia	Experiência	Educação	EJA	Tema-gera-dor-de-dor
73.	Da macropolítica às contradições e desafios em nível local : descortinando o PROEJA FIC em Passo Fundo/RS	Políticas de educação	Educação de jovens e adultos	Educação profissional	PROEJA FIC	
74.	Da segregação à inclusão: uma análise do Serviço de Atendimento à Rede de Escolarização Hospitalar (SAREH) em Clínica Psiquiátrica no Estado do Paraná	Classe hospitalar	Clínica psiquiátrica	Aluno-paciente		
75.	Derrubando cerca, plantando liberdade: ocupar o latifúndio, produzir felicidade!? Classe e consciência de classe: limites e desafios impostos aos assentados do Novo Horizonte II	Assentamento	Reforma agrária	Educação		
76.	Diálogos sobre a educação física na educação de jovens e adultos numa perspectiva freireana	Educação de jovens e adultos	Educação física escolar	Formação de professores	Diálogo	
77.	Diásporas mentais e mentes diaspóricas : emergências, novas tecnologias, música, educação	Diásporas mentais	Mentes diaspóricas	Tecnologias da informação e comunicação	Educação	Música ubíqua Emergência
78.	Do berço ao túmulo : a estratégia de educação ao longo da vida na educação de jovens e adultos para a sociabilidade capitalista	Educação ao longo da vida	Educação de jovens e adultos	Política educacional 1990-2010	Reconversão do trabalhador	

79.	Do ensino médio à educação superior : caminhos e descaminhos de alunos egressos da escola de educação básica São João Batista, SC 2009 a 2012	Acesso ao ensino superior	Democratização	Trajetórias	Justiça	Ensino médio
80.	Do lado de lá dos portões : cartas e encontros : sofrimentos e hostilidade de jovens contemporâneos	Educação	Juventudes	Ressentimento	Cartas	
81.	Do ritual ao espetáculo : ensaio sobre o casamento, "juventude" e educação do olhar na cultura da imagem	Educação	Cultura	Casamento	Ritual	Espectáculo
82.	Docência e moralidade : implicações na relação com o aluno adolescente	Desenvolvimento moral	Professor	Relação professor-aluno	Escala de valores	
83.	Domingo no parque : notas sobre a experiência de ser jovem na contemporaneidade	Educação	Juventudes	Práticas de transgressão	Performatividade	
84.	Dos jovens filhos de Gaia e Urano aos adolescentes do Google em seus processos de educação sexual	Adolescência	Educação sexual	Sexualidade	Google	Tecnologias da informação e da comunicação
85.	Educação de jovens e adultos – uma perspectiva freireana e intercultural	Educação	Educação de jovens e adultos	Paulo Freire	Intercultura	
86.	Educação musical na cuíca: percussões e repercussões de um Projeto Social	Educação musical	Experiências musicais	Percussão em projetos sociais		
87.	Educação profissional para jovens e adultos no litoral paranaense	Educação profissional	Educação de jovens e adultos	Política pública		
88.	Educação, mulher e política : diálogos em Rousseau	Mulher	Política	Educação	Rousseau	
89.	Egressos do ensino fundamental por ciclos e sua inserção no ensino médio : experiências em diálogo	Políticas públicas	Ciclos	Ensino médio	Sentidos da escola	Qualidade da educação Grupos de diálogo
90.	Elementos constitutivos da e para a educação de jovens e adultos na formação de professores em cursos de Pedagogia em Santa Catarina	Formação de professores	Educação de jovens e adultos	Políticas públicas educacionais	Currículo	

91.	Enquanto a aula acontece... práticas juvenis (des)ordenando espaços e tempos escolares contemporâneos	Estudos culturais	Juventudes	Espaços e tempos escolares contemporâneos		
92.	Ensino de filosofia e as TIC: reflexões a partir de experiências do PIBID.Filosofia da UFSM	Ensino de filosofia	TIC	PIBID	Filosofia	Ensino médio
93.	Ensino médio organizado por blocos de disciplinas semestrais: avanços e limites no contexto escolar	Ensino médio	Políticas educacionais	Educação	Trabalho	
94.	Ensino profissional e educação básica : estudo de caso da implantação de um curso técnico na modalidade de jovens e adultos (PROEJA)	Políticas públicas	EJA	PROEJA		
95.	Entre consumidores e internautas: a outra face da crise do ensino médio no Brasil	Ensino médio	Sociedade de consumo	Cultura da internet	Adolescência	Condição juvenil Produção de subjetividade
96.	Espelhos da contemporaneidade e valor do corpo na construção da subjetividade juvenil	Juventudes	Corpo	Subjetividade	Cultura e educação	
97.	Estilos juvenis na periferia urbana : conhecendo culturas de alunos de uma escola municipal na Restinga Velha	Estudos culturais	Culturas juvenis	Estilos	Jovens de periferia	Periferia urbana
98.	Estou online! o imperativo da conexão reconfigurando sensibilidades nas relações de afeto entre sujeitos jovens contemporâneos	Redes sociais	Privacidade compartilhada	Relações de afeto	Juventudes contemporâneas	Educação
99.	Estudantes universitários com dificuldades de aprendizagem: como motivá-los?	Psicopedagogia	Motivação	Desenvolvimento humano	Psicologia positiva	
100.	Ética e moral na educação de jovens e adultos	Educação	Moral	Ética	Realidade	Necessidade Possibilidade
101.	Experiência estética e fotografia no cotidiano de alunos da EJA: possíveis relações com o ensino da arte	Experiência estética	Fotografia	Educação	Artes visuais	

102. Experiências de formação de professores Kaingang no Rio Grande do Sul	O autor não definiu palavras-chave para o documento				
103. Financiamento da educação profissional no Brasil : contradições e desafios	Financiamento da educação	Ensino profissionalizante	Políticas públicas	Avaliação	Brasil Programa Nacional de Expansão da Educação Profissional Programa Nacional de Inclusão de jovens : educação, qualificação e ação comunitária
104. Formação continuada de professores na EJA : qual o lugar dos sujeitos estudantes?	Educação de jovens e adultos	Formação continuada de professores	Sujeitos estudantes da EJA		
105. Formação continuada de professores na modalidade e-learning : um estudo de realidade de um núcleo estadual de educação de jovens e adultos de Porto Alegre	Formação continuada em serviço	E-learning	NEEJA	Políticas públicas	
106. Formação inicial do professor de educação de jovens e adultos : projeto para o futuro	Política educacional 2000-2010	Formação inicial do professor	Educação de jovens e adultos no Brasil		
107. Formação para o trabalho? : o projeto Escola de Fábrica em Santa Catarina	Juventude	Formação para o trabalho	Estratégias	Política social	
108. Formação permanente de professores(as) da EJA: círculo de diálogos como práxis pedagógica humanizadora	Formação permanente de professores(as) da EJA	Juvenilização da EJA	Práxis pedagógicas humanizadoras	Tessituras da educação popular e a EJA	

109. Gestão de processos pedagógicos no PROEJA : razão de acesso e permanência	Acesso	Permanência	Sucesso escolar	PROEJA	Educação profissional Educação de jovens e adultos
110. História e cultura africana na compreensão de jovens estudantes da escola básica municipal Dilma Lúcia dos Santos (Florianópolis, SC	Consciência histórica	História africana e afro-brasileira	Escola Básica Municipal Dilma Lúcia dos Santos.		
111. Identidades juvenis e práticas culturais em uma escola de educação de jovens e adultos	Educação de jovens e adultos	Estudos culturais	Identidades juvenis	Juvenilização	
112. Imagens do hospício vazio : fotografia, pesquisa e intervenção	Saúde mental	Fotografia	Oficina pedagógica	Reforma psiquiátrica	Pesquisa-intervenção
113. Informática educativa : elementos para uma proposta de formação continuada de professores	Interatividade	Tecnologias da informação e comunicação	Prática pedagógica	Formação continuada	Informática educativa
114. Instagram : produção de imagens, cultura mobile e seus possíveis reflexos nas práticas educativas	Educação	Cultura <i>mobile</i>	Sociabilidades		
115. Institucionalização escolar e empreendedorismo: efeitos da governamentalidade neoliberal na sujeição do aluno a EJA	Governamentalidade neoliberal	Institucionalização	Empreendedorismo	Seguridade	
116. Interfaces da ética, cidadania e juventude(s): narrativas de professores e jovens de ensino médio da Rede Pública de Santa Maria/RS	Cidadania	Educação	Ética	Juventude(s)	Políticas públicas
117. Intuições para uma pedagogia da intuição : a amizade enquanto uma experiência integral pela dinâmica das cartas	Pedagogia da intuição	Memória e duração em Bergson	Experiência integral com jovens		
118. Jovens e a produção de subjetividades: vidas na festa, vidas na escola	Produção de subjetividades	Jovens	Festas	Espaço e tempo escolar	

119. Jovens em ONGS e a representação social da violência : descontinuidade na violência, afirmação do sujeito de direitos	Jovens	Violência	Sujeitos de direitos	Representações sociais	Cultura institucional
120. Jovens quilombolas e ocupações não agrícolas	Educação do campo	Ocupações não agrícolas	Quilombolas	Programa Projovem Campo	
121. Justiça restaurativa na escola : perspectiva pacificadora?	Justiça restaurativa	Círculo restaurativo	Parceria		
122. Juvenilização da cultura e escola : um estudo sobre alunos de quarta série	Juvenilização da cultura	Alunos de quarta série	Culturas da infância	Culturas juvenis	Sujeitos híbridos
123. Juventude e cinema : as práticas de si na transformação do sujeito ético	Juventude	Cinema	Romance de formação	Sujeito ético e estético	Transformação Formação Práticas de si
124. Juventude e escola na cultura contemporânea : análise do discurso de professores em weblogs	Juventude	Contemporâneo	Escola	Professores	Weblogs Discurso francês
125. Juventude em discurso : histórias de vida de jovens aprisionados, no município de Cáceres/MT	Jovens	Juventude(s)	Drogas ilícitas	Violência	Sistema prisional Discurso
126. Juventude escola e trabalho	Educação profissional técnica de nível médio	/ensino médio integrado	Juventude	Escola	Trabalho
127. Juventude que ousa lutar! : trabalho, educação e militância de jovens assentados do MST	Trabalho e educação	Jovens	Assentamentos	MST	
128. Juventudes : trajetórias interrompidas pela inclusão precária	Juventudes	Trajetórias	Escola	Violência	Comunidade
129. Juventudes contadas no Jornal Mundo Jovem : modos de pensar o sujeito jovem contemporâneo	Juventude	Identidades	Discursos	Consumo	
130. Juventudes contemporâneas e a construção de identidades no trabalho cooperativo apoiado pelo Tecnosocial	Juventudes	Trabalho	Identidades	Cooperativismo	Sociabilidades

131. Juventudes governadas : dispositivos de segurança e participação no Guajuviras (Canoas-RS) e em Grigny Centre (França)	Juventude	Violência	Políticas de segurança pública	Governamentalidade	Identidade Gênero e raça/etnia
132. Juventudes, fotografia e produção de sentido : pautas juvenis no contemporâneo	Juventudes	Fotografia	Contemporaneidade	Educação	Reconhecimento
133. Laços de amizade : modos de relacionamento jovem em tempos de conectividade digital	Juventude	Amizade	Imagem	Educação	Foucault, Michel
134. Legitimando saberes indígenas na escola	Interculturalidade	Saberes indígenas	Ancestralidade		
135. Letramento, leitura e literatura no ensino médio da modalidade de educação de jovens e adultos : uma proposta curricular	Educação de jovens e adultos	Currículo de literatura	Letramento		
136. Letramentos de adultos em processo de alfabetização : reflexos da escolarização nas práticas de leitura	Leitura	Alfabetização de jovens e adultos	Letramentos		
137. Língua inglesa e periferia : o descompasso no discurso dos jovens	Língua inglesa	Efeitos de sentido	Espaços educativos não formais	Educação	<i>Habitus</i> Valorização individual (distinção)
138. Literatura como abertura : experiência estética e formação na EJA	Formação estética	Literatura	EJA		
139. Mais ou menos músicos	Educação	Juventude e música	Trajetórias de vida	Jovens músicos	Música como profissão
140. Mediação pedagógica no acolhimento institucional e as práticas socioeducativas com crianças e adolescentes nas relações de conflitos	Mediação pedagógica	Acolhimento institucional	Casa abrigo	Conflito	Autonomia

141. Memórias e experiências : aspectos culturais irrenunciáveis de comunidades do entorno da Laguna - 2000 a 2011	Memória	Experiência	Educação e cultura popular		
142. Memórias em movimento : narrativas sobre a história ensinada (Florianópolis, 1990-2009)	Memória	Ensino de história	Representação	Reapropriação	
143. Meninas fantásticas e o sonho do universo fashion : entre a beleza, o luxo e o glamour das passarelas, vale tudo para ser uma top model?	Estudos culturais	Meninas fantásticas	Corpo	Beleza	Luxo
144. Minha Vida : autobiografias femininas no contexto da educação de jovens e adultos	O autor não definiu palavras-chave para o documento				
145. Modos de vestir-se e identidades de jovens escolares contemporâneos	Identidade	Vestuário	Mídia	Consumo	Juventude Escola Estudos culturais
146. Movimento Aroeira : práticas pedagógicas e juventudes em Florianópolis - uma alternativa à criminalidade	Educação popular	Juventudes de periferia	Cultura e identidade		
147. Narrativas de jovens : experiências de participação social e sentidos atribuídos às suas vidas	Juventudes	Culturas juvenis	Participação social	Narrativas de jovens	
148. Narrativas e percursos escolares de jovens e adultos com deficiência : "Isso me lembra uma história!"	Educação de jovens e adultos (EJA)	Educação especial	Narrativas	Histórias de vida	Pensamento sistêmico
149. Nosso norte é o sul : colonialidade do conhecimento e a pedagogia da insurgência na América Latina	Colonialidade do conhecimento	Pedagogia da insurgência	Zapatistas	Epistemologias do Sul	Movimento campesino indígena
150. O corpo rifado	Gênero	Sexualidade	Brasilidade	Performatividade	Agência
151. O discurso musical Rap: expressão local de um fenômeno mundial e sua interface	Movimento hip hop	Rap	Discurso musical	Identidade	Educação informal

com a educação					
152. O ensino de história na educação de jovens e adultos : as concepções sobre a história presentes nas narrativas dos alunos do CEIEBJA Profa. Dulciney Becke	Educação de jovens e adultos	Ensino de história	Concepção de história		
153. O ensino de língua portuguesa na educação de jovens e adultos em uma escola estadual de Santa Maria	EJA	Língua portuguesa	Práticas escolares	Cidadania	
154. O ensino secundário público paranaense :o Ginásio Regente Feijó, Ponta Grossa (1927-1961)	História das instituições escolares	História da educação no Paraná	Ensino secundário público	Ginásio Regente Feijó	
155. O entendimento do binômio educador/cuidar na educação básica	Professor	Binômio educar/cuidar	Ensino médio		
156. O gamer é o protagonista Freireano? Um estudo sobre o protagonismo em Paulo Freire e a utilização de jogos eletrônico	Protagonismo	Jogos eletrônicos	Homo Zappiens	Processos educativos	
157. O método Paulo Freire de alfabetização no Programa Paraná Alfabetizado no município de Palmas :uma presença ausente?	Programa Paraná Alfabetizado	Educação de jovens e adultos	Método Paulo Freire de Alfabetização	Teoria e prática educativa	
158. O outro em cena : teatro escolar e alteridade	Ensino de teatro na escola	Alteridade	Diferença	Discurso	Relações de poder
159. O planejamento participativo na educação básica :iniciativas, implantações e dificuldades na prática pedagógica	Planejamento participativo	Teoria e prática	Educação básica		
160. O programa educacional de resistência às drogas e à violência, o projeto político pedagógico e as implicações na dinâmica da escola : estudo de um caso	Programa educacional de resistência às drogas e à violência,	Violência e indisciplina	Projeto político pedagógico	Análise de discurso	
161. O que consome o adolescente?	Adolescência	Consumo	Objeto	Fetiche	Falo

162. O Trabalho de professores/as em um espaço de privação de liberdade : necessidades de formação continuada	Formação continuada	Educação de jovens e adultos	Espaços de privação de liberdade		
163. O universo anime na produção de jovens Otakus que vão à escola	Jovens	Escola e cultura contemporânea	Pedagogias culturais	Cultura pop japonesa	Otakus na escola Sociedade de consumidores
164. Olha pra mim! inclusão/exclusão e violências nas memórias de estudantes de um curso de Pedagogia	Inclusão/exclusão	Violência	Escola		
165. Os camponeses vão à escola na/da cidade : considerações sobre fomicultura e escolarização em Santa Cruz do Sul	Trabalho	Escola	Camponês	Emancipação	
166. Os sentidos atribuídos à vida escolar de jovens por meio da participação em projeto de produção de jogos digitais	Educação	Formação	Inclusão digital	Videogames	
167. Os sentidos da experiência escolar para jovens do ensino médio: um estudo em três escolas na cidade de Caxias do Sul/RS	Ensino médio	Culturas juvenis	Experiência escolar	Relações de sentido	
168. Os sentidos das experiências escolares nas trajetórias de vida de mulheres em privação de liberdade	Educação de jovens e adultos em espaços prisionais	Mulheres em privação de liberdade	Trajetórias de vida e juventudes	Sentidos de experiências escolares	
169. "Passe na UFRGS" : o imperativo da aprovação veiculado em materiais midiáticos de cursinhos pré-vestibulares	Juventudes	Discurso	Dispositivo pedagógico	Mídia	Imperativo
170. Pecúriado amor : relações afetivo-sexuais das jovens em uma escola da periferia de Porto Alegre	Sexualidade	Juventude	Gênero	Amor	Violência
171. Pedagogia da alternância :uma contraposição a teoria da modernização	Pedagogia da alternância	Teoria desenvolvimentista	Educação do campo	Casa familiar rural	
172. "Pegar, ficar, namorar..." jovens mulheres e suas práticas afetivo-sexuais	Juventude	Sexualidade	Gênero	Estudos culturais	Escola

na contemporaneidade					
173. Perfil dos ingressantes da polícia militar do estado do Rio Grande do Sul a partir da coorte juventude	Juventude	Educação	Trabalho	Polícia Militar	
174. Periferia urbana de Viamão e políticas públicas educacionais : reflexões a partir de falas juvenis	Juventude	Periferias	Educação em periferias urbanas	Violência	Trabalho Políticas públicas educacionais
175. Plantando livros, colhendo leitores : experiências de leitura com trabalhadores agrícolas	Trabalhador agrícola	Leitura	Trabalho	Educação	Ergologia
176. Política de ações afirmativas na UFRGS : o processo de resiliência na trajetória de vida de estudantes cotistas negros com bom desempenho acadêmico	Ações afirmativas	Cotas	Universidade	Resiliência	Trajetórias
177. Política social para a infância e adolescência: aspectos sociopolíticos nos discursos dos governadores do Paraná (1910-2010)	Política social	Criança e adolescente	Discursos dos governadores do Paraná (1910-2010)		
178. Políticas educacionais da EJA e a formação do educador de jovens e adultos no Município de Curitiba, de 1996-2012, à luz da visão de docência de Paulo Freire	Políticas educacionais	Formação de educadores	Educação de jovens e adultos	Paulo Freire	Especialidades da EJA
179. Políticas públicas de acesso e permanência no ensino médio de alunos jovens em condições de vulnerabilidade social no Paraná	Políticas públicas para juventude	Vulnerabilidade social	Ensino médio		
180. Por uma percepção multiangular : a inserção da discussão sobre o envelhecimento na escola da vida e na vida da escola	Educação	Envelhecimento	Feminino	Docência	
181. Prática da envolvimento : possíveis contribuições para a elaboração de uma pedagogia em arte na EJA	Ensino de arte	Educação de jovens e adultos	Dialogicidade	Prática da envolvimento	

182. Práticas de leitura e escrita na contemporaneidade : jovens e fanfictions	História da educação	História cultural	História da leitura	Cultura escrita	<i>Fanfiction</i> Escritas de jovens
183. Práticas educativas escolares de enfrentamento da exclusão social no meio rural : a pedagogia da alternância e a casa familiar rural em Frederico Westphalen	Pedagogia da alternância	Exclusão social	Sustentabilidade	Educação no meio rural	
184. Práticas pedagógicas que pensam a ética da vida com crianças e jovens: buscas e reflexões a partir da bioantropoética e da matriz biológico-cultural da existência humana	Educação	Práticas pedagógicas	Éticas da vida	Bioantropoética	Matriz biológico-cultural da existência humana Ética prática Ética viva Âmbitos ativos de universo ético Autopoiese Pensamento complexo Habitar humano
185. Processos de produção de masculinidades e feminilidades juvenis : articulações com violências de gênero	Juventudes	Gênero	Violências	Lei Maria da Penha	
186. Proeja : a experiência de um grupo virtual como forma de inserção digital	PROEJA	Letramento digital	Grupo virtual de aprendizagem		
187. Profissionalização e escolarização de jovens atletas de futsal em Santa Catarina	Futsal	Juventude	Escolarização	Formação profissional	
188. Programa escola aberta : espaço de inclusão, socialização e disciplinamento de jovens da periferia urbana no município de Alvorada/RS	Programa Escola Aberta	Juventudes de periferia	Disciplinamento	Escola contemporânea	
189. Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação	Trabalho como princípio educativo	PROEJA	Formação de trabalhadores		

de Jovens e Adultos (PROEJA): reflexões acerca do trabalho como princípio educativo.					
190. Programa ProJovem adolescente : um olhar a partir da teoria crítica de Honneth	Projovem adolescente	Reconhecimento intersubjetivo	Socioeducação	Educação não formal	
191. Projeto Orquestra Escola : educação musical e prática social	Educação musical	Projetos sociais	Prática social		
192. Projetos de vida e emancipação : constituindo o ser-sujeito cidadão no Pão dos Pobres	Projetos de vida	Emancipação	Sujeito-cidadão	Juventude	Cidadania
193. Psiu! Fermento! : pastoral da juventude e imprensa estudantil nos anos 1980 a 1990	História cultural	Imprensa estudantil de jovens	Pastoral da juventude	Práticas de produção de impressos	Práticas de leitura e escrita
194. Quando os "degradados" se tornam "favoritos" : um estudo de trajetórias de estudantes do Pré-Vestibular da Universidade Federal de Santa Catarina ingressos em cursos de maior demanda	Acesso à educação superior	Pré-vestibular da UFSC	Trajetórias escolares improváveis		
195. Quantas intenções : educação da saúde e conexões com a cultura	Saúde e cultura	Educação e produção de vida	Educação em saúde mental	Pontos de cultura	Educação em saúde
196. Quem cedo madruga, Deus ajuda?: um estudo sobre a Lei da Aprendizagem em duas empresas públicas de Santa Catarina	Lei da aprendizagem	Juventude e emprego	Trabalho e educação de jovens		
197. "Quer teclar?" : aprendizagens sobre juventudes e soropositividades através de bate-papos virtuais	Juventudes	Vida com HIV/AIDS	Duidado de si	(Des)Aprendizagens culturais	Entrevistas on-line
198. Sentidos de cidadania e currículo : um estudo a partir do programa "O caráter conta"	Educação	Políticas educativas	Cidadania	Juventudes	Currículo
199. Ser professor na educação de jovens e adultos : interfaces entre representações sociais de professores que atuam nessa	Educação de jovens e adultos	Formação de professores	Representações sociais	Políticas educacionais	

modalidade de ensino na Rede Municipal de Curitiba e as políticas educacionais					
200. Será tão difícil escrever? : ensaio entre a escrita e a escritura - contribuições de Roland Barthes à educação	Educação	Roland Barthes	Escrita e escritura	Ensaio	
201. Socialidade e ciberespaço : lan houses e suas implicações para a escola	Socialidade	Jovens	Lan house	Ciberespaço	
202. Sociologia no ensino médio : cenários biopolíticos e biopotência em sala de aula	Estudos culturais	Educação	Ensino médio	Ensino da sociologia	Biopolítica Biopotência Sala de aula Espaço público
203. Sujeitos da educação de jovens e adultos : produção da permanência no ensino médio regular noturno	Ensino médio	Educação de jovens e adultos	Trajetórias escolares	Processos de socialização	
204. Tá ligado?! : práticas de escuta de jovens urbanos contemporâneos e panoramas sonoros na metrópole, uma pauta para a educação	Estudos culturais	Educação	Jovens urbanos	Práticas culturais de escuta	Panoramas sonoros
205. Tessituras da pele : juventude(s), relações raciais e experiências sociais	Relações raciais	Juventude	Jovens negros(as)		
206. Tradição jesuítica : educação, identidade e sentimento de pertencimento em uma história de vida no colégio anchieta	Pedagogia Inaciana	Espiritualidade	Educação	Narrativa	História de vida
207. Trajetórias de jovens egressos do ensino médio de uma escola pública de Santa Maria e o Enem como ferramenta de inserção social	Exclusão/inclusão	Juventude e políticas educacionais contemporâneas			
208. Trazendo a noite para o dia : apontamentos sobre erotismo, strip tease masculino, pedagogias de gênero e sexualidade	Erotismo	Gênero	Strip tease	Performance	Masculinidade
209. Tribos na sala de aula :um estudo sobre culturas juvenis na escola	Grupos juvenis	Tribos	Cultura juvenil	Sala de aula	

210. Um estudo comparado das políticas educacionais para jovens e adultos no Brasil e na Venezuela	Políticas educacionais	Educação comparada	Educação de jovens e adultos		
211. Um modo de ler e escrever na EJA : oficinas biografemáticas	Educação de jovens e adultos	Oficinas biografemáticas	Leitura	Escrita	Tradução
212. Usando o Scratch para potencializar o pensamento criativo em crianças do ensino fundamental	Criatividade	Programação	Pragmatismo	Construcionismo	Lógica
213. Vida loka também ama: juventudes, mitos e estilos de vida	Juventudes	Sociabilidades	Mitos e estilos de vida		
214. Visto, logo existo: uma investigação sobre identidades de estudantes no ambiente virtual	Moda	Consciência histórica	Identidades	Cibercultura	
215. Viticultores/as do sul, canavieiros/as do nordeste : construções autofotográficas dos/as trabalhadores/as estudantes pensadores/as do desenvolvimento local	Estudantes-trabalhadores	Desenvolvimento local	Autofotografia	Saberes	
216. Vivendo no espetáculo, aprendendo com o espetáculo : cultura Rave e produção de jovens contemporâneos	Cultura rave	Pós-modernidade	Neotribalismo	Sujeitos-rave	Juventude

APÊNDICE D - Relação dos orientadores

ORIENTADOR	QUANTIDADE DE ORIENTAÇÕES
Adaguimar Orquizas Viriato	1
Adair Angelo Dalarosa	1
Ademilde Silveira Sartori	2
Ademir Damazio	1
Adriano Canabarro Teixeira	3
Alceu Ravanello Ferraro	1
Alexandre Felipe Fiuza	1
Altair Alberto Fávero	1
Álvaro Moreira Hypolito	2
Ana Maria Borges de Sousa	1
Angelo Vitório Cenci	2
Arabela Campos Oliven	1
Beatriz Helena Dal Molin	1
Beatriz Vargas Dorneles	1
Berenice Corsetti	1
Bettina Steren dos Santos	2
Bianca Salazar Guizzo	1
Carmem Maria Crady	3
Carmen Lúcia Bezerra Machado	3
Célia Regina Vendramini	2
Celso Ilgo Henz	1
Celso João Carminati	2
Clarice Salete Traversini	1
Clarícia Otto	2
Cláudia Ribeiro Bellochio	1
Claudio Almir Dalbosco	1
Cláudio Roberto Baptista	1

Claus Dieter Stobäus	1
Cleber Gibbon Ratto	8
Cleci Maraschin	1
Cristiana de Azevedo Tramonte	1
Dagmar Elisabeth Estermann Meyer	3
Daniel de Queiroz Lopes	1
Danilo Romeu Streck	2
Dilmeire SantAnna Ramos Vosgerau	1
Doalice Aparecida Paranzini Gorni	1
Eliana Maria do Sacramento Soares	1
Elisabete Maria Garbin	8
Elisete Medianeira Tomazetti	1
Elizabete Tamanini	1
Evaldo Luis Pauly	1
Fabiana de Amorim Marcell	1
Fernando Seffner	1
Geovana Mendonça Lunardi Mendes	1
Gilmar de Carvalho Cruz	1
Gilmar Henrique da Conceição	1
Gisela Eggert Steindel	1
Guacira Lopes Louro	1
Iara Tatiana Bonin	3
Ione Ribeiro Valle	3
Ireni Marilene Zago Figueiredo	1
Isabel Cristina de Moura Carvalho	1
Isaura Monica Souza Zanardini	1
Jaime José Zitkoski	1
Jaison José Bassani	1
Jane Felipe	1

Jaqueline Moll	1
Jarbas Santos Vieira	1
Jorge Luiz da Cunha	1
Jose Valdeni de Lima	1
Josep Maria Blanch	1
Juan José Mouriño Mosquera	3
Juares da Silva Thiesen	1
Júlio Cesar Godoy Bertolin	1
Laura Souza Fonseca	1
Leandro Belinaso Guimarães	1
Leda Lísia Franciosi Portal	1
Liliana Soares Ferreira	1
Lindomar Wessler Boneti	2
Lucia Maria Martins Giraffa	1
Luciana Gruppelli Loponte	1
Luciane Maria Schlindwein	2
Lucídio Bianchetti	2
Luciene Juliano Simões	1
Luis Fernando Cerri	2
Malvina do Amaral Dorneles	3
Marcos Villela Pereira	3
Margarete Axt	1
Maria Aparecida Bergamaschi	2
Maria Clara Bueno Fischer	3
Maria Cristina Villanova Biazus	1
Maria Elisabeth Blanck Miguel	1
Maria Hermínia Lage Fernandes Laffin	5
Maria Inês Côrte Vitória	1
Maria Inês Naujorks	1

Maria Isabel Edelweiss Bujes	1
Maria Lúcia Castagna Wortmann	1
Maria Luisa Merino de Freitas Xavier	3
Maria Luiza Rheingantz Becker	1
Maria Stephanou	5
Marisa Cristina Vorraber Costa	2
Marisa Vorraber Costa	1
Maristela Fantin	2
Marlene Cainelli	1
Marlene Ribeiro	1
Miriam Pires Corrêa de Lacerda	1
Moacir Fernando Viegas	1
Monica Ribeiro da Silva	2
Nádia Geisa Silveira de Souza	2
Nadja Mara Amilibia Hermann	1
Naira Lisboa Franzoi	4
Neiva Ignês Grando	1
Nilcéa Lemos Pelandré	1
Norberto Dallabrida	1
Olga Celestina da Silva Durand	3
Olinda Evangelista	2
Oscar José Rover	1
Patricia Laura Torriglia	1
Paulo César Nodari	1
Paulo Peixoto de Albuquerque	1
Peri Mesquida	4
Pura Lucia Oliver Martins	1
Reinaldo Matias Fleuri.	1
Ricardo Burg Ceccim	2

Rita de Cassia da Silva Oliveira	1
Rita de Cássia Marchi	1
Romilda Teodora Ens	1
Rosa Lydia Teixeira Corrêa	1
Rosa Maria Bueno Fischer	4
Rosa Maria Filippozzi Martini	1
Rosa Maria Hessel Silveira	2
Rosane Carneiro Sarturi	1
Rosane Maria Kreuzburg Molina	2
Rosária Ilgenfritz Sperotto	1
Rose Meri Trojan	1
Rute Vivian Angelo Baquero	1
Sandra Mara Corazza	1
Sandra Regina Simonis Richter.	1
Sérgio Roberto Kieling Franco	1
Silvia Zanatta da Ros	1
Simone Valdete dos Santos	2
Sônia Aparecida Branco Beltrame	1
Sonia Maria Martins de Melo	1
Sueli Menezes Pereira	2
Suely Aparecida Martins	1
Susana Rangel Vieira da Cunha	2
Sylvain Lazarus	1
Tania Maria Esperon Porto	1
Telmo Adams	1
Telmo Marcon	1
Valdo Hermes de Lima Barcelos	2
Valeska Maria Fortes de Oliveira	1
Valeska Nahas Guimarães	1

APÊNDICE E - Relação dos docentes com 3 ou mais orientações e linhas de pesquisa correspondentes

NOME DO ORIENTADOR	IES	LINHA DE PESQUISA
Adriano Canabarro Teixeira	UPF	Informação não consta no documento - Doc. 113
		Informação não consta no documento - Doc. 156
		Informação não consta no documento - Doc. 212
Carmem Maria Crady	UFRGS	Gestão de políticas, processos educacionais e exclusão social - Doc. 119
		Informação não consta no documento - Doc. 128
		Informação não consta no documento - Doc. 173
Carmen Lúcia Bezerra Machado	UFRGS	Trabalho, movimentos sociais e educação - Doc. 13
		Trabalho, movimentos sociais e educação - Doc. 26
		Informação não consta no documento - Doc. 72
Cleber Gibbon Ratto	UNILASALLE	Informação não consta no documento - Doc. 63
		Educação, cultura e ação pública - Doc. 80
		Doc. 81
		Doc. 96
		Doc. 124
		Doc. 130
		Doc. 132
		Educação, cultura e ação pública - Doc. 200
Dagmar Elisabeth Estermann Meyer	UFRGS	Informação não consta no documento - Doc. 131
		Informação não consta no documento - Doc. 185
		Educação, sexualidade e relações de gênero - Doc. 197
Elisabete Maria Garbin	UFRGS	Estudos culturais em educação - Doc. 16
		Estudos culturais em educação - Doc. 22
		Estudos culturais em educação - Doc. 83
		Estudos culturais em educação - Doc. 91
		Estudos culturais - Doc. 98
		Trabalho, movimentos sociais e educação - Doc. 103
		Informação não consta no documento - Doc. 129
		Estudos culturais em educação - Doc. 169

Elisete Medianeira Tomazetti	UFSM	Práticas escolares e políticas públicas - Doc. 92
		Informação não consta no documento - Doc. 95
		Práticas escolares e políticas públicas - Doc. 167
Iara Tatiana Bonin	ULBRA	Informação não consta no documento - Doc. 40
		Informação não consta no documento - Doc. 111
		Informação não consta no documento - Doc. 144
Ione Ribeiro Valle	UFSC	Informação não consta no documento - Doc. 59
		Informação não consta no documento - Doc. 79
		Informação não consta no documento - Doc.194
Malvina do Amaral Dorneles	UFRGS	Informação não consta no documento - Doc. 5
		Políticas e gestão de processos educacionais - Doc. 77
		Informação não consta no documento - Doc. 117
Marcos Villela Pereira	PUC-RS	Informação não consta no documento - Doc. 37
		Informação não consta no documento - Doc. 101
		Informação não consta no documento - Doc. 121
Maria Clara Bueno Fischer	UFRGS	Trabalho, movimentos sociais e educação - Doc. 19
		Trabalho, movimentos sociais e educação - Doc. 49
		Trabalho, educação e movimentos sociais - Doc. 175
Maria Hermínia Lage Fernandes Laffin	UFSC	Informação não consta no documento - Doc. 57
		Ensino e formação de educadores - Doc. 62
		Informação não consta no documento - Doc. 90
		Informação não consta no documento - Doc. 104
		Informação não consta no documento - Doc. 162
Maria Luisa Merino de Freitas Xavier	UFRGS	Informação não consta no documento - Doc. 29
		Estudos culturais em educação - Doc. 97
		Estudos culturais em educação - Doc. 188
Maria Stephanou	UFRGS	História, memória e educação - Doc. 68
		Educação, culturas, memórias ações coletivas e estado - Doc. 122
		História, memória e educação - Doc. 147
		História, memória e educação - Doc. 182
		História, memória e educação - Doc. 193

Naira Lisboa Franzói	UFRGS	Informação não consta no documento - Doc. 28
		Políticas e gestão de processos educacionais - Doc. 35
		Políticas e gestão de processos educacionais - Doc. 67
		Políticas e gestão de processos educacionais - Doc. 215
Olga Celestina da Silva Durand	UFSC	Ensino e formação de educadores - Doc. 168
		Informação não consta no documento - Doc. 205
		Informação não consta no documento - Doc. 213
Peri Mesquida	PUC-PR	História e políticas da educação - Doc. 11
		Informação não consta no documento - Doc. 157
		História e políticas da educação - Doc. 178
Rosa Maria Bueno Fischer	UFRGS	Ética, alteridade e linguagem na educação - Doc. 125
		Ética, alteridade e linguagem na educação - Doc. 133
		Ética, alteridade e linguagem na educação - Doc. 158
		Ética, alteridade e linguagem na educação - Doc. 161